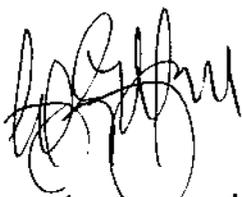


WILSON DE CAMPOS VIEIRA

O BRANCO E O VERMELHO

ESTUDO SOBRE A SEXUALIDADE FEMININA

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. *Luiz Roberto Monzani*.



Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 09/12/94

Setembro/1994

AGRADECIMENTOS

A *Luiz Roberto Monzani*, meu orientador, por seu conhecimento refletido da psicanálise, seu pensamento alerta e perspicaz.

A *Bento Prado de Almeida Ferraz Júnior e Alberto Olavo Advincula Reis*, por suas contribuições no exame de qualificação.

A meus colegas do Curso de Psicossomática e do Curso e Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, pelo convívio estimulante.

À minha mulher, minha mãe e minhas irmãs, com todo carinho.

	Página
INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I	
A Concepção Freudiana de Sexualidade Feminina	06
Introdução ao narcisismo (1914)	07
Sobre a transposição das pulsões, mais particularmente no erotismo anal (1917)	12
O tabu da virgindade (1918).....	17
O Ego e o Id (1923).....	19
A organização genital infantil (1923).....	35
O desaparecimento do Complexo de Edipo (1923)	38
Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos (1925)	42
Sobre a sexualidade feminina (1931)	47
Feminilidade (1932).....	53
Análise terminável, Análise interminável (1937)	56
CAPÍTULO II	
O Branco e o Vermelho	60
Introdução	61
Parte I O banheiro de casa, o banheiro público	64
Parte II A noção de fazer bem feito e de trabalho.....	75
Parte III O Branco e o Vermelho	83

	Página
Parte IV	
A visão e o olfato.....	99
Parte V	
Uma contradição de Freud	106
CAPÍTULO III	
A Histeria e a Morte	115
A menstruação e o tempo.....	116
Parte I	
Os casos de histeria de Freud	119
Parte II	
Na neurose traumática os sintomas são histéricos.....	150
Parte III	
O sonho de exame.....	154
Síntese sobre a histeria.....	168
A questão da representatividade da morte em Freud	173
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	178
ANEXO	184
Histeria e morte nos pacientes de Charcot	185

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Quando Freud ainda vivia, nenhuma de suas concepções despertou mais polêmica e desacordos, entre os psicanalistas, do que a da sexualidade feminina. A noção de "*pulsão de morte*" trouxe também desacordos, mas não tanta polêmica; foi quase uma questão de se acreditar ou não. Na sexualidade feminina, o ponto chave das discussões foi a inveja do pênis da menina, com seus pressupostos de que o clítoris teria uma forma de sensibilidade igual a do pênis e de que a sensibilidade vaginal não existiria na infância. Estes pressupostos, por sua vez, teriam finalmente por base uma aspiração à masculinidade, que é geral, comum aos dois sexos, aspiração que é um fato biológico, irreduzível portanto à análise, como Freud escreveu em um de seus últimos artigos, *Análise Terminável, Análise Interminável*.

As desavenças começaram pouco depois da publicação, em 1925, do artigo de Freud, *Conseqüências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos*, quando então a inveja do pênis é afirmada mais categoricamente, com a oposição de Ernest Jones e Melanie Klein, que elaboraram teorias diferentes, nas quais a inveja do pênis, apesar de sua reconhecida importância psicológica, era secundária, reduzida a um ato defensivo. Com desenvolvimentos em direção diversa destes dois autores, Karen Horney opôs-se igualmente a Freud. Na época, ao lado de Freud, ficaram principalmente J.Lampl-de-Groot, Helene Deutsch e Ruth Mack Brunswick.

Em nossa tese iremos primeiramente, no Capítulo I, examinar os textos de Freud sobre a sexualidade feminina. Procuraremos explicitar dificuldades do pensamento de Freud, idas e vindas na busca de uma solução, que insistentemente lhe escapava, incoerências e contradições mesmo, que aparecem principalmente a partir de *Conseqüências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos*. Pareceu-nos que o pensamento de Freud foi assimilado em geral um tanto superficialmente. Oficializou-se que a menina, sabendo que não tem um pênis, deseja um filho como substituto compensatório e, daí, passa a amar o pai que, como homem, pode lhe dar um filho, sem se dar conta da dificuldade de Freud em manter esta idéia, da consciência que tinha, que podemos desprender de seus artigos, de quantas coisas então deixariam de se encaixar, do subsequente abandono da idéia em *Sobre a Sexualidade Feminina* e, finalmente, de uma tentativa de mantê-la, com certas nuances, nas *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise*.

É inevitável que falemos também das concepções de Freud sobre a sexualidade masculina a título de comparação com a psicologia da menina, para melhor esclarecê-la, procedimento este corrente em Freud. Os elementos comuns da sexualidade do menino e da menina, que aparecem principalmente em *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* não serão objeto de nossa atenção, neste capítulo; somente aqueles que diferenciam a menina do menino.

No Capítulo II, iremos desenvolver uma concepção própria sobre a sexualidade feminina que procura demonstrar que a inveja do pênis é de fato secundária, como pensaram E. Jones e M. Klein, mas numa direção completamente diferente destes autores. Vamos explorar um ponto do pensamento de Freud sobre

a sexualidade feminina que ficou marginal à sua sistematização teórica. Aparece assim em *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise*:

"Acrescentarei em poucas palavras que o interesse suscitado somente mais tarde pela vagina tem também e sobretudo uma origem erótico-anal. Não é de se espantar, pois a vagina conforme uma expressão feliz de Lou Andreas-Salomé, 'aluga' o ânus (...) Frequentemente é questão nos sonhos de uma peça de início única que depois é dividida em duas por uma divisória ou vice-versa. É uma alusão a relação da vagina com o intestino".¹

(Das raríssimas vezes que Freud falou do assunto sempre foi em "*poucas palavras*", como anunciou nesta passagem).

Esta linha direta e independente de derivação erótica, que não passa pela inveja do pênis, fica clivada da sistemática freudiana. Não apenas conceitualmente, mas também espacialmente, se podemos dizer, pois a passagem que citamos não se encontra no capítulo A Feminilidade das *Novas Conferências...*, mas no capítulo A Angústia e a Vida Pulsional. Se estivesse em A Feminilidade, não haveria como coordená-la com a teoria.

Iremos ver que a inveja do pênis é consequência de uma forte repressão na menina do erotismo anal, que bloqueia a derivação erótica do ânus à vagina. Veremos também que esta repressão visa algo no futuro: comprometer os significados profundos da menstruação, pois esta tem importantes ligações com o erotismo anal não retentivo. Procuraremos esclarecer o tabu universal da

(1) Freud: *Nouvelles conférences sur la psychanalyse, L'angoisse et la vie instinctuelle*. Gallimard, p.133-4; grifado por nós.

menstruação, tão à mostra nas civilizações e tão negligenciado pela tradição psicanalítica.

No último Capítulo, aprofundaremos o conteúdo do segundo e procuraremos mostrar a relação da menstruação com a consciência dolorosa do limite temporal da vida. Para tanto, passaremos principalmente pela análise da histeria de conversão que, como veremos, reage contra esta consciência e esta relação. Os casos de histeria publicados por Freud - todos, não apenas os de *Estudos sobre a Histeria* - deixam evidente a relação da histeria com a morte (os sintomas histéricos de conversão aparecem com grande freqüência após a morte de alguém próximo e apenas esporadicamente quando se foi como um enfermeiro do doente), relação que passou despercebida por Freud, porque suas hipóteses iam para outras direções. Examinaremos cada um dos casos.

CAPÍTULO I

**A CONCEPÇÃO FREUDIANA
DA SEXUALIDADE FEMININA**

A CONCEPÇÃO FREUDIANA DA SEXUALIDADE FEMININA

Iremos neste capítulo, examinar um por um os textos de Freud em que teoriza sobre a sexualidade e psicologia feminina.

INTRODUÇÃO AO NARCISISMO (1914)

Começaremos por falar de generalidades sobre a noção de narcisismo para depois nos voltarmos para a vida amorosa da mulher e do homem.

Freud chega à noção de narcisismo a partir principalmente da análise de certa forma de homossexualismo, da esquizofrenia e da superestimação, que existe nas crianças e nos povos primitivos, do poder dos desejos, do pensamento e da palavra, a magia em suma.

No *Caso Schreber* de 1911, Freud colocava o narcisismo como sendo uma fase posterior ao auto-erotismo, fase na qual a libido, antes dispersa, se concentraria num objeto, o próprio ego. A partir de *Introdução ao Narcisismo*, o narcisismo passa a ser primeiro, existe antes de qualquer coisa, o auto-erotismo é apenas uma manifestação erótica do narcisismo:

"É necessário admitir-se que não existe desde o início no indivíduo uma unidade comparável ao ego; o ego deve vir de um desenvolvimento. Mas as pulsões auto-eróticas existem desde a origem; alguma coisa, uma nova noção psíquica, deve portanto vir juntar-se ao auto-erotismo para dar forma ao narcisismo".¹

O ego só daria forma ao narcisismo amorfo, não estaria na origem do narcisismo. Se a expressão "*dar forma*" pode deixar alguma margem à dúvida, três anos depois, em *Conferências Introdutórias à Psicanálise*, Freud é taxativo: "*E assim que auto-erotismo foi a atividade sexual da fase narcísica da fixação da libido*"². Em *Além do Princípio do Prazer*, Freud fala de narcisismo de células; certamente as células não tem ego.

O narcisismo nos seus inícios poderia ser então pensado como uma espécie de concentrado de energia libidinal que se descarregaria de forma auto-erótica.

A idéia de que a criança desde que nasce tem um objeto libidinal externo, o seio (objeto parcial), esquece que a fase oral para Freud nunca foi considerada como puramente libidinal, mas nela a libido está unida a e dirigida pela pulsão de conservação; se a criança tem também um ganho libidinal, não é a libido que impele a mamar, mas sim, os estados de fome. A libido nos seus inícios não se dirige dela mesma para fora. Por mais especulativo que seja a explicação de Freud, a libido só passa a dirigir-se a um objeto exterior a partir de um certo patamar quantitativo de libido narcisista:

(1) Freud: Pour introduire le narcissisme in *La vie sexuelle*. PUF, p.81.

(2) Freud: *Introduction à la psychanalyse*. Payot, p.393.

"Partindo deste ponto (certa formulação do princípio de prazer) podemos mesmo abordar esta questão: de onde provém, afinal das contas, na vida psíquica esta necessidade de sair das fronteiras do narcisismo e de colocar a libido no objeto? A resposta, conforme a linha de nosso pensamento, poderia ser que esta necessidade aparece quando o investimento do ego em libido ultrapassou uma certa medida".³

Vejamos, em seguida, as considerações que faz Freud, no artigo sobre o narcisismo, sobre a vida amorosa.

As mulheres são na maioria mais narcisistas do que os homens. *"Sua necessidade não as faz tender a amar, mas a serem amadas e agrada-lhes (agrada e, não, ama) o homem que cumpre esta condição".⁴*

A mulher é mais narcisista do que o homem em razão de um acréscimo de narcisismo, uma nova vaga narcisista, que ocorre com as transformações corporais da puberdade, principalmente se a moça for bela. Mas, porque as coisas devem ser assim, Freud supõe causas biológicas desconhecidas:

"... sei também que estas diferentes vias de desenvolvimento correspondem, numa relação biológica extremamente complicada, à diferenciação das funções..."

Em 1932, nas *Novas Conferências Introdutórias*, a explicação será outra, baseada na causalidade fundamental da sexualidade feminina, a inveja do pênis:

(3) Freud: *Pour Introduire le narcissisme* in *La vie sexuelle*. PUF, p.91; o parênteses é nosso.

(4) *Ibid.*, p.94; o parênteses é nosso.

"É ainda a inveja do pênis que provoca a vaidade corporal da mulher, esta considera seus charmes como uma indenização tardia, e tanto mais preciosa, a sua inferioridade sexual nata".⁵

Quando a mulher passa a amar, freqüentemente o objeto é resultado de uma escolha de tipo narcisista (o que é diferente da escolha do narcisista que, como vimos acima, escolhe quem o ama), quer dizer alguém que é como ela foi (geralmente alguém que lembre o "menino" que ela foi na infância), alguém que é parte dela (o filho), alguém que incorpore aquilo que ela quer ser (um ideal) e, finalmente, alguém que é como ela (escolha homossexual). Enquanto que nos homens, com maior freqüência, encontramos a escolha de objeto de tipo anaclítica, ou apoio, quer dizer o amor derivado da mãe que nutre e do pai que protege.

A supervalorização do objeto característica do estado amoroso é mais típica do homem. Consiste em uma transferência para o objeto do ideal do ego. O objeto passaria assim a ocupar o lugar do ideal. Com isto, o sujeito libera-se das restrições, impostas pelo ideal às tendências sexuais.

"A paixão amorosa consiste em uma transferência da libido do ego sobre o objeto. Ela tem força para suprimir os recalcamientos e restabelecer as perversões. Ela eleva o objeto ao papel de ideal sexual. Ela se produz, no tipo objetual ou por apoio, baseada na realização de condições que determinam o amor infantil, o que nos autoriza a dizer: aquilo que realiza esta condição que determina o amor é idealizado".⁶

(5) Freud: *Nouvelles conférences sur la psychanalyse, Féminilité*. Payot, p.173-4.

(6) Freud: *Pour introduire le narcissisme* in *La vie sexuelle*. PUF, p.104.

Por que a paixão amorosa seria possível somente no tipo de escolha de objeto por apoio? Certamente porque a escolha de tipo narcisista sempre mantém um ideal, algum modelo. E o ideal é sempre restritivo, conforme o indivíduo, de certas tendências da sexualidade. Neste sentido, Freud concebe que um ideal do indivíduo é não ter ideal:

"O ideal do ego submeteu a condições severas a satisfação libidinal na relação com os objetos, fazendo serem recusadas por seu censor uma parte desta satisfação, como inconciliável. Quando um tal ideal não se desenvolveu, a tendência sexual em questão penetra tal qual, como perversão, na personalidade. Ser de novo, como na infância, e igualmente no que concerne as tendências sexuais, seu próprio ideal, é a felicidade que o homem quer atingir".⁷

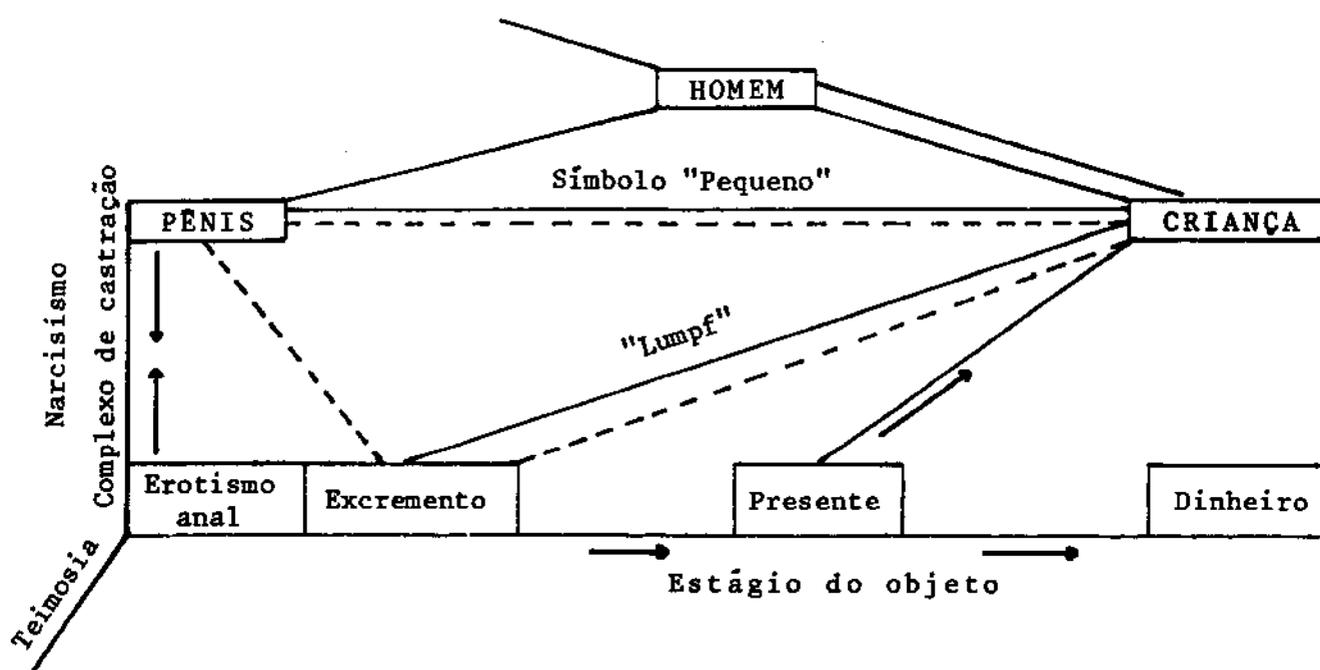
Desta maneira, existe no indivíduo, uma tensão entre o narcisismo do início da vida, quando então a criança era seu próprio ideal, e o narcisismo inerente ao ego ideal, o qual deveu sua origem justamente da impossibilidade de se manter as satisfações do narcisismo inicial. A diferença entre os dois narcisismos, origem de tensão, pode ser dita sinteticamente: no narcisismo inicial, a satisfação é imediata, no narcisismo do ideal, deve-se cumprir certas condições, somente então vem a satisfação.

(7) Idem; grifado por nós.

SOBRE A TRANSPOSIÇÃO DAS PULSÕES, MAIS PARTICULARMENTE NO EROTISMO ANAL (1917)

Neste artigo, Freud procura mostrar, especialmente para a mulher, como parte do erotismo anal entra, é acolhida no erotismo genital mais tardio (outras partes do erotismo anal se transformam em traços de caráter: teimosia, mania de limpeza e ordem, avareza; outras, ainda, permanecem inalteradas no inconsciente) e também como a inveja do pênis se vê transformada em erotismo genital.

Numa primeira leitura, o artigo deixa o leitor um tanto confuso devido ao grande número de variantes e, principalmente, devido a que as relações temporais não são expostas linearmente. Vamos expor as linhas maiores do desenvolvimento libidinal, que aí aparecem, na ordem cronológica, para facilitar a compreensão. Veremos que ao colocar as coisas assim, serão evidenciados certos problemas que tinham ficado encobertos. Antes, porém, para facilitar a compreensão, reproduziremos o gráfico apresentado por Freud.



O erotismo anal é inicialmente auto-erótico (a criança retém as fases de forma a evacuar no momento em que o prazer seria maior, como Freud vê nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*). A persistência no auto-erotismo pode transformar-se no traço caracterial da **teimosia**. "A defecação fornece a criança a primeira ocasião de decidir entre a atitude narcísica (auto-erótica) e a atitude de amor de objeto"⁸. A criança sacrificando seu prazer auto-erótico entra no amor objetal fazendo de seu cocô um **presente**.

Por outro lado, a coluna de fezes que passa pela mucosa do reto prefigura o **pênis** e a **vagina**. "Vagina" não aparece no gráfico. Afirmações de Freud permitem, no entanto, inseri-la:

"A relação entre o pênis e o conduto de membrana mucosa que ele preenche e excita encontra-se mesmo já prefigurada na fase pregenital sadica anal. A massa de excrementos - ou o 'pau de excrementos' conforme a expressão de um paciente - é por assim dizer o primeiro pênis, a membrana mucosa que ele excita é a do reto. Existe pessoas em quem o erotismo anal permaneceu forte e não alterado até a época prépubertária (dez a doze anos); elas nos ensinam que para elas, durante este período pregenital, já em suas fantasias e nos seus jogos perversos, desenvolveu-se uma organização análoga à organização genital, na qual o pênis e a vagina eram representados pelo pau de excrementos e o intestino".⁹

É difícil conceber exatamente o que é uma préfiguração - noção que aparece no trecho acima citado. Em todo caso, uma questão que se coloca,

(8) Freud: Sur les transpositions des pulsions plus particulièrement dans l'erotisme anal in *La vie sexuelle*. PUF, p.109.

(9) *Ibid.*, p.110; grifado por nós.

importante para desenvolvimentos que faremos daqui a pouco, é se este erotismo prefigurador da relação pênis-vagina é auto-erótico, e pertence ao narcisismo, ou faz parte já das relações objetais. Sem dúvida, pertence às relações objetais, pois pênis (ou vagina) complementa-se com algo fora de si.

Continuando o desenvolvimento libidinal, quando o pênis entra em ação em fase posterior da infância (num movimento evolutivo independente, apesar do pênis vir a receber contribuições de fases eróticas anteriores), ele recebe em parte o erotismo da coluna de fezes.

Mais tarde, quando a criança adquire a noção de **dinheiro** na sua forma abstrata, ela pode passar parte do erotismo anal contido em presente para o dinheiro, que compra os presentes.

Mais tarde ainda, quando através de suas investigações sexuais, a criança concebe o nascimento pelo ânus, o erotismo das fezes passa em parte para a **criança**.

Voltando um pouco atrás, no momento em que o pênis entra em cena, a menina desenvolve uma inveja do pênis, o que pode levar, se a menina não persistir na esperança de um dia vir a ter um pênis, a que ela deseje um filho (criança) como compensação substitutiva.

A inveja do pênis é obviamente de caráter narcisista, o amor pela criança-filho, escolha de tipo narcisista, tira a menina deste aspecto do narcisismo ao mesmo tempo em que contribui para sua feminilidade, pois a menina deixa o pênis.

O desejo pelo **homem** deriva igualmente do pênis: não podendo ter o pênis, a mulher passa a desejar aquele que o tem. Nesta variante evolutiva *"faz-se possível para estas mulheres terem uma vida amorosa segundo o tipo masculino de amor de objeto, que pode afirmar-se ao lado do tipo propriamente feminino, derivado este do narcisismo"*.¹⁰

Freud cogita se o desejo do homem não seria conseqüência de uma derivação mais complexa: a mulher compensaria a ausência do pênis com a criança; como só pode tê-la do homem, passa então a desejar o homem. Esta linha, Freud conclui que ela é *"racionalista"*, produto da psicologia do ego, estranha aos móveis do inconsciente.

Estamos aqui diante de um tema de grande importância. Nos anos vinte, Freud afirmará o contrário, a saber que o desejo pelo homem deriva do desejo de ter uma criança, substituta do pênis; esta afirmação ficará como que oficializada (posteriormente, Freud hesitará diante dela, como iremos ver).

A primeira concepção acima, segundo a qual o homem seria desejado independentemente de se ter dele um filho, tem origem em duas linhas do desenvolvimento libidinal que já vimos, a saber: a partir da coluna de fezes passando pelo reto como prefiguração do pênis e a partir da inveja do pênis que se desloca metonimicamente para o homem. **Esta concepção não se repetirá mais na obra de Freud.**

É importante também observarmos que destas duas variantes, a primeira delas, que é independente da inveja do pênis, **acaba ficando camuflada**

(10) Ibid., p.109.

no gráfico desenhado por Freud. Pois vemos que a linha pontilhada que liga "excremento" a "pênis", a qual quer representar graficamente que o excremento préfigura o pênis, acaba fazendo este erotismo anal com o pênis, num sentido objetal, voltar para trás (obliquamente) em direção ao narcisismo. A linha vai desembocar no pênis enquanto inveja dele. O pênis desejado (na préfiguração) e o pênis invejado se sobrepõem em detrimento do primeiro.

Freud escreve que o meio técnico do grafismo não é "*suficientemente delicado para servir nossas intenções*". Ora, mas é justamente a relação da préfiguração do pênis pelo excremento que acaba ficando prejudicada.

O TABU DA VIRGINDADE (1918)

Neste artigo, Freud examina o fato, entre povos primitivos, da mulher dever ser deflorada em rituais religiosos por algum indivíduo, a quem foi outorgada a função, ou por algum instrumento ritual, isto antes de que ela venha a dar-se sexualmente ao futuro esposo. O costume é, evidentemente, o contrário do que ocorre na tradição ocidental, que quer a virgindade da mulher até o casamento.

Entre as causas para o costume primitivo, Freud levanta o tabu do sangue (que é geral entre os primitivos), o medo à novidade, o medo do estranho, com a particularidade da mulher, sendo diferente, ser estranha ao homem. Contudo, Freud vê em outras duas causas, ambas baseadas na hostilidade da mulher em relação ao homem que deflora - hostilidade que se quer afastar do futuro esposo -, as causas principais.

A primeira causa de hostilidade deriva do fato de que o ato sexual decepciona, já que o homem é apenas um substituto de um primeiro objeto de amor infantil, geralmente o pai, mas algumas vezes o irmão. A nosso ver, esta explicação de Freud deixa a desejar na medida em que supõe, sem justificativa, que a decepção e a reação hostil se esgotariam no primeiro ato sexual.

A segunda causa "*é a principal responsável*". Tem origem na inveja do pênis que a menina tem do menino. De certa forma, o ato sexual revelaria claramente a diferença sexual e a superioridade masculina, despertando hostilidade.

Esta moção de hostilidade pode impedir o prazer sexual levando à frigidez. Ou pode, conforme exemplos clínicos dados por Freud, manifestar-se

apenas num segundo momento, após o ato sexual, que devido a esta clivagem pode ser sentido como prazeroso. Esta moção de hostilidade tende igualmente a esgotar-se no primeiro homem; daí o costume primitivo que procura preservar o futuro marido e daí o fato de, freqüentemente em nossa cultura, os segundos casamentos serem melhores do que os primeiros. Contrapõe-se à hostilidade a "*sujeição*" ao objeto sexual, quer dizer a dependência sexual em relação àquele que, pelo ato sexual venceu as inúmeras resistências ao sexo, maiores nas mulheres do que nos homens.

Na tradição ocidental contou-se com esta sujeição sexual deixando-se de lado a ameaça ao casamento devida à hostilidade ao primeiro homem; no entanto, ela continuou existindo.

O EGO E O ID (1923) - Capítulo III

No terceiro capítulo de *O Ego e o Id*, Freud vai mostrar, de maneira bem mais depurada do que em *Introdução ao Narcisismo*, como forma-se o ideal do ego, agora passado a chamar-se superego.

Freud vai formular a íntima conexão do superego com o Complexo de Édipo. As identificações com os pais vão ser fundamentais. Elas têm origem remota, nos primeiros tempos do indivíduo; depois passam por remanejamentos no período edipiano - nesta ocasião são reforçadas ou acrescidas de outras; finalmente, no abandono do Complexo de Édipo, elas, através de mecanismos distintos daqueles das primeiras identificações, vão formar o superego. O superego, além de outras coisas, consolidará o caráter sexual, masculino e feminino, do indivíduo; o que diz respeito diretamente ao nosso tema sobre a sexualidade.

As construções freudianas neste texto são complexas, mantém, conscientemente, imprecisões, certamente em razão da dificuldade e abrangência do assunto. De início, daremos as linhas gerais do pensamento de Freud, para depois o detalharmos, ocasião na qual veremos aparecerem as dificuldades.

O superego é herdeiro do Complexo de Édipo. Nasce na dissolução do Complexo de Édipo. Forma-se de identificações aos pais realizadas pela criança. Entretanto, estas identificações não lhe dão o caráter essencial, seu necessário caráter proibitivo. Este deriva da atualização da filogênese, a saber, os acontecimentos históricos fundamentais, o assassinato do pai e sua transformação em totem, inaugurando a sociedade humana, tal como foi concebido em *Totem e*

Tabu. Em razão disso, a identificação ao pai é mais essencial na composição do superego do que a identificação à mãe.

A identificação superegóica tem uma história. É precedida primeiramente pela identificação primária, que faz parte da fase oral do desenvolvimento da libido. Trata-se da primeira ligação afetiva a um objeto, onde amar manifesta-se em ser como o outro. Não um outro qualquer, mas aquele que pode, pela identificação a ele, possibilitar manifestar psicologicamente uma disposição, masculina ou feminina, da bissexualidade biológica.

"A identificação é conhecida da psicanálise como expressão primeira de uma ligação afetiva a uma outra pessoa. Ela tem um papel na prehistória do Complexo de Édipo. O menino mostra um interesse particular por seu pai, ele gostaria de se tornar e ser como ele, tomar seu lugar em todos os pontos. Digamos isto tranqüilamente: ele toma seu pai como ideal. Este comportamento não tem nada a ver com uma posição passiva ou feminina em relação ao pai (e em geral em relação ao homem), ele é ao contrário tipicamente masculino. Ele é compatível com o Complexo de Édipo que ele ajuda a preparar".¹¹

Se remontamos à *Introdução ao Narcisismo*, vemos que se trata de uma escolha de objeto de tipo narcisista onde o objeto é ao mesmo tempo aquilo que eu sou e aquilo que aspiro ser mais (ideal).

Lado a lado com esta escolha narcísica, se bem que, conforme Freud, começando depois, passa a existir uma escolha por apoio. Exemplificando:

(11) Freud: Psychologie des faules et analyse du moi in *essais de psychanalyse*. Payot, p.167.

"Na sua forma simplificada, o caso da criança de sexo masculino apresenta-se assim: no início, ela desenvolve um investimento de objeto em relação a mãe, que tem seu ponto de partida no seio materno e representa o modelo exemplar de uma escolha de objeto segundo o tipo por apoio; quanto ao pai, o menino toma-o por identificação".¹²

Em relação a esta citação veremos depois o que Freud quer dizer com "forma simplificada". Gostaríamos agora de tirar um possível mal-entendido. No texto, a expressão "de início" não se refere a "de início a mãe, depois o pai", significa "inicialmente os dois". Ainda, este início refere-se ao início da relação triangular edípica, pois poucas linhas antes deste trecho citado, Freud escreve com respeito à identificação primária: "É uma identificação direta, imediata, mais precoce que todo investimento de objeto"¹³. Para reforçar nossa argumentação citamos ainda:

"Nas origens primeiras, na fase oral primitiva do indivíduo, investimento de objeto e identificação não podem ser distinguidos um do outro. Mais tarde podemos somente admitir que os investimentos de objeto partem do id, que sente as tendências eróticas como necessidade".¹⁴

Procuremos esclarecer o pensamento de Freud para o caso mais duvidoso que seria uma identificação primária não com o pai mas com a mãe. Pois bem, a identificação com ela precede o investimento objetal dela. Certamente, o investimento de seu seio, entre outros, precede a identificação primária com ela,

(12) Freud: Le moi et le ça in *Essais de psychalyse*. Payot, p.244.

(13) *Ibid.*, p.243-4; sublinhado por nós.

(14) *Ibid.*, p.241; grifado por nós.

mas neste caso **não se trata da mãe, mas do seio dela**. O investimento do seio é apenas um precursor, um modelo, um protótipo do investimento de objeto, que é uma pessoa. Sempre que Freud falou de **escolha**, escolha de objeto - que quer dizer amar - está pressuposto o reconhecimento da existência da entidade pessoa.

Em seu pensamento, Freud esteve constantemente preocupado com uma ordem, uma seqüência do desenvolvimento, embora raramente sugira qualquer data. A fase oral, que não deve ser confundida com auto-erotismo oral, não é primeira. Primeiro é o narcisismo absoluto. A escolha narcísica deve ainda preceder a escolha por apoio, em razão da força do narcisismo destes primeiros tempos. Em *O Ego e o Id*, a fase oral parece coincidir com este momento da escolha narcísica característica da identificação primária. Em *Psicologia dos Grupos...*, Freud escreve que a identificação primária é apenas "*um derivado da primeira fase oral*". Aqui é feita uma certa distinção entre devoração e identificação. Seja como for, a escolha narcísica - tal como Freud já antevira no *Caso Schreber* - precede a escolha por apoio. É difícil verificar isto empiricamente, sem ambigüidades. Trata-se de uma necessidade de coerência teórica com o tópico de que nas primeiras origens está o narcisismo absoluto. A escolha narcísica sendo mais próxima deste, deve preceder a escolha objetal.

Com o conceito de identificação primária, a nítida demarcação entre narcisismo e escolha, estabelecida em *Introdução ao Narcisismo*, é reavaliada, pois na identificação primária trata-se ao mesmo tempo de narcisismo e de escolha narcísica, de amor de si e de amor de objeto.

Como vimos, a escolha por apoio dirigida à mãe passou a existir a partir de um certo momento lado a lado com a identificação ao pai. Entretanto, o pai

é um obstáculo a uma ligação exclusiva com a mãe, o que poderia levar a uma perda de amor por ele. Esta conexão não se faz, no entanto, inicialmente; somente a partir do momento em que o espírito de síntese do ego estiver mais desenvolvido. A partir daí, *"a identificação ao pai assume uma tonalidade hostil, ela se converte no desejo de eliminar o pai e substituí-lo junto à mãe"*¹⁵. O Complexo de Édipo enfim. Freud supõe mesmo que a hostilidade na identificação edipiana com o pai pode ser apenas uma explicitação de uma hostilidade pré-existente, embutida na identificação primária, pois na fase oral o objetivo amoroso coincide com a devoração do objeto: *"diríamos que a ambivalência inerente, desde a origem à identificação, tornou-se manifesta"*.¹⁶

A situação é mais complexa. Até agora foi considerado apenas o pólo masculino da bissexualidade. Ancorado no pólo feminino, existe também o Complexo de Édipo dito negativo (antes falávamos apenas do Édipo positivo):

"O menino comporta-se ao mesmo tempo como uma menina, manifestando uma posição feminina terna em relação ao pai e a posição correspondente de hostilidade ciumenta em relação à mãe".¹⁷

Por que Freud não tratou logo do Édipo duplo? Por razões didáticas? Não, pois o Édipo simples não é uma abstração, é uma possibilidade empírica. Vejamos duas passagens de Freud que o atestam. Primeiro:

"Temos com efeito a impressão de que o Complexo de Édipo simples não é o mais freqüente (...) Uma

(15) Ibid., p.244.

(16) Idem.

(17) Ibid., p.245.

investigação mais profunda descobre na maioria das vezes o Complexo de Édipo na sua forma mais completa..."¹⁸

Segundo:

"Creio que fazemos bem em admitir em geral, e particularmente nos neuróticos, a existência do Complexo de Édipo completo. A experiência analítica mostra então que num número de casos um ou outro constituinte do Complexo se esvanece, deixando traços apenas perceptíveis..."¹⁹

O Complexo de Édipo é duplo em razão da bissexualidade. Caso um dos pólos da bissexualidade seja bem mais marcado do que o outro, o Complexo de Édipo será simples. A bissexualidade, para Freud, caracteriza-se pela distinção entre **objetivos** sexuais ativos e passivos no sujeito²⁰, e não pelo sexo anatômico do objeto sexual, se o objeto é homem ou mulher. Se, por exemplo, na relação edípica de um menino com sua mãe, os objetivos sexuais passivos prevalecem, ele seria feminino diante da mãe. Num outro caso, a identificação edípica de um menino com o pai, se é viril, supõe que o pai foi considerado pelo filho sexualmente ativo.

O par atividade-passividade são expressões psíquicas da bissexualidade **biológica**, como aparece em "*Pulsões e Destinos das Pulsões*":

"Podemos sublinhar, em resumo, que os destinos pulsionais consistem no essencial em que as moções pulsionais são submetidas a influência de três grandes

(18) Idem; grifado por nós.

(19) Idem, p.246; grifado por nós.

(20) Freud: *Trois essais sur la théorie de la sexualité*. Gallimard, p.184.

polaridades que dominam a vida psíquica. Destas três polaridades, poderíamos caracterizar aquela da atividade-passividade como polaridade biológica".²¹

Freud levanta a possibilidade de que a ambivalência (amor, ódio) em relação aos pais, no Complexo de Édipo, não seja derivada das características orais da identificação, mas resulte da bissexualidade. Provavelmente, quis dizer, por exemplo, que um certo menino amaria o pai numa posição feminina e lhe seria hostil numa posição masculina, ao amar, aqui, a mãe.

A bissexualidade bio-psíquica, se podemos dizer, manifesta-se no Complexo de Édipo pela dupla identificação. A criança oscilaria de um para o outro pólo da bissexualidade, conforme os objetivos ativos e passivos, oscilando simultaneamente de uma identificação com o pai a outra com a mãe. Com a dissolução do Complexo de Édipo, a identificação com um dos genitores se reforça e se consolida no "*caráter sexual*"²², enquanto que a outra identificação ficaria mais tênue.

A direção tomada na constituição do caráter sexual não é considerada por Freud em nenhum momento como dependente das peripécias da vida com os pais (ou estaria Freud considerando apenas uma espécie de família padrão, "*normal*"?), mas dependente apenas da prevalência de um dos pólos da bissexualidade sobre o outro.

Vendo-se tendo que abandonar o Complexo de Édipo, a criança regride da relação objetal à identificação, em compensação da perda:

(21) Freud: *Pulsions e destins des pulsions* in *Métapsychologie*. Gallimard, p.44.

(22) Freud: *Le moi et le ça* in *Essais de Psychanalyse*, p.245.

"Quando o ego adota os traços do objeto, ele se impõe, por assim dizer, ele mesmo, ao id como objeto de amor, procura substituir para ele aquilo que perdeu, dizendo: 'Você pode me amar a mim também, veja como me pareço com o objeto'".²³

Se o Édipo é duplo, haverá uma identificação com o pai, outra com a mãe, em compensação das perdas. No entanto, se a mãe, por exemplo, foi perdida pela identificação com ela, a identificação, por outro lado, feita com o pai (para compensar a perda dele) serve para manter a relação com a mãe enquanto objeto externo. Certamente numa relação deserotizada. E vice-versa, o mesmo vale para a manutenção de uma relação deserotizada com o pai:

"Na ocasião do desaparecimento do Complexo de Édipo, as quatro tendências que ele comporta se agrupam de maneira que uma identificação ao pai e uma identificação a mãe resultam disto: a identificação ao pai conservará o objeto materno do Complexo positivo e substituirá ao mesmo tempo o objeto paterno do Complexo invertido; isto valerá de modo análogo para a identificação a mãe. Na marca mais ou menos forte das duas identificações se refletirá a desigualdade das duas disposições sexuais".²⁴

A identificação, como compensação à perda, com um genitor supõe seu desinvestimento enquanto objeto, o qual é recuperado pela identificação ao

(23) Ibid., p.246.

(24) Ibid., p.246.

outro genitor. Esta formulação é exata? Freud não estava bem certo dela. Vejamos algumas de suas dúvidas.

1. A identificação pode coexistir com o investimento do objeto: *"É necessário levar em conta uma simultaneidade entre investimento de objeto e identificação, uma modificação de caráter, portanto, antes que o objeto tivesse sido abandonado. Neste caso, a modificação do caráter poderia sobreviver à relação de objeto e, num certo sentido, conservá-la".*²⁵

2. Na melancolia (*Luto e Melancolia*), a identificação substitui completamente o investimento objetal. No entanto, aqui a identificação absorve o ego e não o superego. No desaparecimento do Complexo de Édipo, o superego está se formando, no melancólico ele já se formou. Mas se não há ainda superego quando ele está se formando é o ego que se identifica, fazendo o processo ficar próximo ao da melancolia.

3. No homossexualismo do tipo de Leonardo da Vinci (*Un Souvenir d'enfance de Leonard da Vinci*, Gallimard), a identificação com o genitor do sexo oposto se dá numa parte fundamental do ego, sua identidade sexual: *"Aquilo que chama a atenção nesta identificação é sua amplitude, ela transforma o ego em uma parte eminentemente importante, no seu caráter sexual..."*²⁶. Trata-se de uma identificação ampla que abrange a identidade sexual ou se trata de uma

(25) Ibid., p.242.

identificação única, sem a identificação com o genitor do mesmo sexo? Em todo caso, não poderíamos dizer que o homossexual deste tipo desinvestiu, não goste de sua mãe. De que maneira gosta dela? Certamente não é uma ligação erótica. Mas não é também uma relação sublimada.

A confusão é grande. A nosso ver, Freud encontrou uma solução, apesar de não a ter afirmado categoricamente. Ela está em sua concepção de "*tendências inibidas quanto ao objetivo*":

"As tendências sexuais dirigidas a um objeto não são inibidas na totalidade e existe uma certa possibilidade de reversão. (...) estas pulsões inibidas quanto ao objetivo conservam sempre ainda alguns dos objetivos sexuais originais; mesmo o fiel pleno de ternura, mesmo o amigo, o adorador, procura a proximidade corporal e a vista da pessoa amada que é amada apenas no sentido 'paulinien' (...) As pulsões inibidas são suscetíveis de misturarem-se, segundo todas as proporções possíveis, com as pulsões não inibidas, e podem se transformar novamente em sentido inverso nestas últimas..."²⁷

As tendências sexuais inibidas mantêm a relação com o objeto mais ou menos próximas do erotismo. A identificação, com o retorno ao narcisismo que lhe é próprio, tende em grau mais ou menos grande a desinvestir o objeto.

Esta distinção Freud a faz na seguinte passagem de *O Ego e o Id*:

(26) Freud: *Essais de psychanalyse in Psychologie des foules et analyse du moi*. Payot, p.172.

(27) *Ibid.*, p.211.

"Na destruição do Complexo de Édipo o investimento objetal da mãe deve ser abandonado. Ele pode ser substituído de duas maneiras, por uma identificação à mãe ou por um reforço da identificação ao pai. Nosso uso é de considerar esta última saída como a mais normal; ela permite manter em certa medida a relação terna com a mãe".²⁸

Significa que a identificação com a mãe não a manteria como objeto erótico nem como objeto que, de um jeito ou de outro, ainda lembrasse remotamente o erotismo. No trecho acima, Freud está falando do Édipo positivo, nos casos de Édipo duplo se a identificação com a mãe a desinveste, a identificação ao pai recupera-a. (Como veremos daqui a pouco, a identificação ao pai leva à inibição de tendências sexuais).

Então, na formação do superego, não se pode falar apenas de identificação, mas também de inibição de tendências sexuais. Este segundo elemento é mesmo o que há de mais essencial na formação do superego. Freud o diz logo em seguida ao trecho que citamos na página 24 sobre a dupla identificação na composição do superego:

"O superego não é um simples resíduo das primeiras escolhas de objeto do id, mas tem também a significação de uma formação reativa enérgica contra elas. Sua relação ao ego não se esgota no preceito: você deve ser assim (como o pai), ele compreende também a interdição: você não tem o direito de ser assim (como o pai), quer dizer você não tem o direito de fazer tudo que

(28) Freud: Le moi et le ça In *Essai de Psychanalyse*. Payot, p.244-5).

ele faz; certas coisas lhe ficam reservadas. Esta dupla face do ideal do ego deriva do fato de que o ideal do ego fez todos seus esforços para o recalçamento do Complexo de Édipo, que ele deve seu nascimento mesmo ao abandono deste. O recalçamento do Complexo de Édipo não foi coisa fácil. Os pais, em particular o pai, tendo sido reconhecidos como obstáculo à realização dos desejos edípianos, o ego infantil em vista de realizar este recalçamento reforçou-se levantando nele mesmo este obstáculo. De certa maneira, ele emprestou ao pai a força necessária, empréstimo que é um ato extraordinariamente pesado de conseqüências. O superego conservará o caráter do pai".²⁹

A identificação na qual aparece a injunção de dever ("deve", "não tem o direito") não poderia ser reduzida ao motivo da identificação primária, que é apenas uma identificação afetiva, nem a identificação edípiana hostil. Tampouco à identificação compensatória da perda. A criança não teria porque identificar-se com a autoridade paterna se quisesse compensar o abandono de investimento. Na formação do superego há uma orientação para preceitos morais e autoridade que essas identificações não contêm.

Se "o superego conservará o caráter do pai" é devido, primeiramente, a que na família tradicionalmente é o pai a maior autoridade. Mas a razão mais profunda e fundamental está na atualização do acontecimento que marcou a história humana: o assassinato do pai e sua recuperação na religião totêmica:

(29) Ibid., p.246-7.

"O que a biologia e os destinos da espécie humana criaram e deixaram no id, é retomado pelo ego por meio da formação de ideal e revivido nele no plano individual. Devido a história de sua formação, o ideal do ego tem os liames mais extensos com a aquisição filogenética do indivíduo, sua herança arcaica".³⁰

Vamos, em seguida, ver como se dão, em *O Ego e o Id*, as identificações particulares à menina e à constituição de seu superego.

Uma passagem um tanto enigmática de *O Ego e o Id* deu margem a muita polêmica. Vamos reproduzi-la, incluindo uma instigante nota de rodapé, para depois comentá-la:

"... Os efeitos das primeiras identificações que ocorrem na primeira idade guardarão um caráter geral e durável. Isto nos leva ao nascimento do ideal do ego, pois por trás dele esconde-se a primeira e mais importante identificação do indivíduo: a identificação com o pai da prehistória pessoal (nota: talvez fosse mais prudente de dizer 'identificação com os pais', porque antes do conhecimento certo da diferença dos sexos, da falta do pênis, pai e mãe não se vem atribuídos de valores diferentes. Pude recentemente observar a história de uma mulher que, a partir do momento em que ela constatou sua própria falta de pênis, recusou a posse deste órgão não a todas as mulheres, mas somente àquelas que considerava inferiores. Em seu espírito, sua mãe conservara o seu. Para simplificar a exposição, tratarei apenas da identificação ao pai). Esta, inicialmente, parece não ser o resultado ou a saída de um investimento

(30) Ibid., p.249.

de objeto; é uma identificação direta, imediata, mais precoce do que qualquer investimento de objeto. Mas a escolha de objeto que pertence ao primeiro período sexual e concernem pai e mãe parecem, num desenvolvimento normal, encontrar sua saída numa tal identificação, vindo assim reforçar a identificação primária".³¹

Neste momento do desenvolvimento do terceiro capítulo de *O Ego e o Id*, "*Pai da prehistória pessoal*" refere-se certamente a que o ideal do ego (ou superego) tem, como é explicado mais tarde no texto, o caráter do pai. Se Freud diz na nota "*para simplificar a exposição tratarei apenas da identificação ao pai*", penso que por razões didáticas não quis embaralhar o pensamento do leitor nesta altura do texto; simplificar quer dizer aqui "*ficar livre por enquanto de explicações*", porque a "*simplificação*" não é bem uma simplificação, porque, de fato, o essencial do superego é uma identificação ao pai; a simplificação só caberia porque ocorre também uma identificação a mãe, mas não é o essencial.

Todavia, um outro motivo justifica esta "*simplificação*": o fato, como diz a nota, de que a mãe é considerada pela menina como sexualmente igual ao pai, quer dizer, também portadora de um pênis. Freud já tinha certamente em mente o que iria desenvolver logo depois no artigo *Organização Genital Infantil*, a saber que na infância só é conhecido, dos genitais, o pênis. A menina identifica-se ao genitor que é conforme a seu sexo, que é masculino (apesar dela ter "*sido castrada*") e que seja a mãe, ou seja o pai, dá na mesma.

Uma passagem alguns parágrafos depois confirma que a identificação com a mãe, enquanto figura feminina, não se dá desde o início:

(31) *Ibid.*, p.243-4.

"De uma maneira análoga, a posição edípiana da menina pode chegar a um reforço de sua identificação a mãe (ou a uma instauração desta) que estabelece o caráter feminino da criança".³²

Por esta passagem vemos que a existência de uma identificação primária da menina com a mãe, enquanto figura feminina, poderia, para Freud, não existir, pois poderia começar apenas a partir da identificação superegóica.

Apesar disto, esta passagem está em contradição com a anterior que afirma que pai e mãe são equivalentes quanto ao sexo anatômico. Como poderia a identificação à mãe estabelecer "*o caráter feminino da criança*" e ao mesmo tempo a mãe ser considerada equivalente ao pai sexualmente?

As dúvidas, hesitações e contradições de Freud ocorrem porque tem em mente que durante **toda** a infância, mesmo depois da formação do superego, o genital feminino é desconhecido.

A formação do superego da mulher é a mesma da do homem. A autoridade paterna domina também no seu superego. Sua herança filogenética não é direta, porque foram os homens que assassinaram o pai, ela é uma "*herança cruzada*", como diz Freud, porque a mulher teve um pai que é um homem.

Um grande problema de *O Ego e o Id* está em Freud ter juntado num único movimento, monoliticamente, a formação do superego e do caráter sexual.

(32) *Ibid.*, p.245; grifado por nós.

Vejamos porque. Em *Mal-Estar na Civilização*, Freud reconhece que não é possível atribuir um superego a todos os indivíduos:

"Chamamos este estado de má consciência, mas, para falar justo, ele não merece este nome, pois neste estado o sentimento de culpa é apenas angústia diante da perda de amor, angústia 'social'. Na criança, ele não pode jamais ser outra coisa; mas, em muitos adultos, ele quase não muda, exceto em que a grande sociedade humana tomará o lugar do pai ou dos pais. Também estes adultos só se permitem, em regra geral, de cometer o mal, suscetível de lhes proporcionar um prazer, se estão certos que a autoridade não ficará sabendo ou não pode lhes fazer nada; somente o receio de serem descobertos determina sua angústia. A sociedade atual deve, acima de tudo, levar em conta este estado de coisas.

Uma grande mudança intervém (na criança) a partir do momento em que a autoridade é interiorizada, em virtude da instauração de um superego".³³

Ora, se muitos adultos não têm superego não deveriam também, se seguirmos O Ego e o Id, ter um caráter sexual. Ficariam oscilantes quanto à posição sexual, diferentes daqueles que teriam formado um superego. Esta relação não se verifica empiricamente.

Já para a mulher, como veremos nos próximos artigos de Freud, a relação do caráter sexual com o superego passará a ser completamente frouxa.

(33) Freud: *Malaise dans la Civilisation*. PUF, p.81-2; o parênteses é nosso.

A ORGANIZAÇÃO GENITAL INFANTIL (1923)

Freud introduz neste artigo uma nova fase da sexualidade infantil que vem complementar suas concepções desenvolvidas até a última edição dos *Três Ensaíos sobre a Teoria da Sexualidade*, de 1920. Nesta fase, se bem que a síntese das pulsões parciais sob o primado do órgão genital se faça ainda imperfeitamente - somente na puberdade esta síntese se dá, em princípio, totalmente - "*o interesse pelos órgãos genitais e pela atividade genital adquirem uma importância dominante (em relação às outras zonas erógenas e pulsões) que perde de pouco para a maturidade*".³⁴

Entretanto, "*para os dois sexos, um só órgão genital, o órgão masculino, tem um papel. Não existe uma primazia do genital, mas uma primazia do falo*".³⁵

A influência que este estado de coisas tem para a sexualidade feminina, Freud desconhece ainda e seu artigo vai restringir-se apenas ao caso do menino.

O interesse do menino por seu pênis leva-o a querer ver o pênis dos outros, que supõe todos terem. O impulso de penetração do pênis que aparece na puberdade manifesta-se na fase fálica como necessidade intensa de investigação, como curiosidade sexual. Assim, o menino acaba por se deparar com a nudez da menina. No entanto, inicialmente,

(34) Freud: L'organisation génitale infantile in *La vie sexuelle*. PUF, p.114; o parênteses é nosso.

(35) Idem.

"os meninos negam esta falta e crêem ver apesar de tudo um membro ou imaginam que ainda é pequeno e vai crescer. Com o tempo, aceitam que de fato não há pênis, e chegam lentamente a esta conclusão de grande alcance afetivo: antes, em todo caso ele estava lá, depois foi tirado".³⁶

O menino não generaliza a todo gênero feminino a falta de pênis, só às pessoas culpadas de desejos proibidos. Finalmente, quando, na ocasião da investigação da origem dos bebês, conclui que só as mulheres podem dar à luz, estende à mãe e às mulheres o fato da castração, mas ainda aí, não descobre a vagina, concebendo o nascimento pelo ânus.

No final do artigo, Freud nos dá a genealogia da distinção masculino-feminino:

"Uma primeira oposição aparece com a escolha de objeto que, com efeito, pressupõe sujeito e objeto. No estágio da organização pregenital sádico-anal não é ainda questão de masculino e feminino, a oposição entre ativo e passivo é a que domina. No estágio seguinte, aquele da organização genital infantil, existe um masculino, mas não um feminino; a oposição enuncia-se aqui: órgão genital masculino ou castrado. É somente quando o desenvolvimento, na época da puberdade, se completa, que a polaridade sexual coincide com masculino e feminino. O masculino junta o sujeito, a atividade e a posse do pênis; o feminino perpetua o objeto e a passividade. A vagina toma agora o valor de

(36) Ibid., p.115.

habitat do pênis, ela recolhe a herança do ventre materno".³⁷

Devemos notar que a polaridade órgão genital masculino-castrado não inclui o par atividade-passividade como o fará o masculino-feminino. Na fase fálica só existe o objetivo sexual ativo. De fato, Freud não considera existir o desejo de ser castrado; ao contrário, a representação da castração é traumática, como várias vezes afirmou.

(37) Freud, *ibid.*, p.116.

O DESAPARECIMENTO DO COMPLEXO DE ÉDIPO (1923)

Em *O Ego e o Id*, o abandono do Complexo de Édipo ocorre em razão de um programa filogenético. Em *O Desaparecimento do Complexo de Édipo*, Freud reafirma esta relação causal: "acaba porque o tempo de sua dissolução chegou, assim como os dentes de leite caem quando crescem os dentes definitivos"³⁸. No entanto, além disto, vê em experiências vividas, elementos que contribuem, ao lado da filogênese, para o abandono do Complexo de Édipo. São frustrações amorosas pontuais em relação aos pais - o nascimento de um irmão, por exemplo, que vem dividir o amor materno e paterno - assim como uma impossibilidade global devido à diferença de gerações. Uma seqüência causal, todavia, se sobressai, é aquela compreendida no complexo de castração. Neste texto, Freud não afirma sua origem filogenética. Tinha feito nas *Conferências Introdutórias à Psicanálise*³⁹. Experiências ontogenéticas análogas vem apenas juntar-se à filogênese.

Freud retoma o artigo *A Organização Genital Infantil* e enriquece-o com novos elementos.

No caso do menino, é realçada a importância da masturbação da fase fálica assim como das ameaças que pesam sobre ela. Ameaças feitas geralmente por mulheres que zelam pelo menino, se bem que é atribuída ao pai a execução. É fundamental que, na mente do menino, é em relação ao conteúdo das fantasias masturbatórias que ele sente as ameaças. As fantasias têm origem no Complexo de Édipo, positivo e negativo. O medo da castração não vem somente, como no artigo anterior, da constatação da falta de pênis na menina. Depende também das

(38) Freud: *La disparition du Complexe d'Oedipe* in *La vie sexuelle*. Puf, p.117.

(39) Freud: *Introduction à la psychanalyse*. Payot, p.271.

ameaças. Estas não recebem crédito inicialmente. Somente depois que o menino aceita finalmente que a menina não tem pênis, entende que ela foi castrada e que ele também pode ser. A masturbação é, desde então, abandonada e o menino se desliga do Complexo de Édipo. Freud se decide - o que não aparece tão claramente em *O Ego e o Id* - a ver, neste desligamento, mais do que um simples recalçamento:

"O processo que descrevemos é mais do que um recalçamento, ele equivale, se as coisas se realizam de forma ideal, à uma destruição, à uma supressão do Complexo".⁴⁰

No caso da menina, sua sexualidade é idêntica à do menino; o clítoris, única parte do órgão genital sensível, é equivalente ao pênis. Quando a menina vem a comparar o clítoris com o pênis do menino, constata-o pequeno, em desvantagem. Inicialmente, consola-se pensando que futuramente crescerá. Finalmente, concebe que foi castrada. Não estende o fato da castração às mulheres adultas.

Como a menina se vê como já castrada, não vai ter angústia de castração, a qual tem evidentemente relação com a possibilidade da castração.

Em seguida, vamos citar uma passagem de Freud, para comentá-la depois:

"Com a eliminação da angústia de castração cessa também um motivo forte de edificação do superego e de demolição da organização genital infantil. Estas

(40) Freud: *La disparition du complexe d'Oedipe* in *La vie sexuelle*. PUF, p.120.

modificações parecem ser bem mais do que no menino um resultado da educação, da intimidação exterior que ameaça a perda do fato de ser amado. O complexo de Édipo da menina é bem mais unívoco do que aquele do pequeno portador de pênis; segundo minha experiência, ele vai raramente além da substituição da mãe e da posição feminina em relação ao pai. A renúncia do pênis não é suportada sem uma tentativa de compensação. A menina deslisa - deveríamos dizer: ao longo de uma equação simbólica - do pênis à criança, seu complexo de Édipo culmina no desejo por muito tempo mantido de receber de presente do pai um filho, de por no mundo um filho para ele. Temos a impressão de que o complexo de Édipo é então lentamente abandonado porque este desejo não se realiza jamais".⁴¹

Grandes diferenças existem entre a menina e o menino no que diz respeito ao Complexo de Édipo e a formação do superego. Na menina, a dissolução do Complexo de Édipo não resulta da edificação do superego, o complexo é lentamente abandonado por insatisfação. O superego forma-se a partir da angústia da perda de amor **e não ocorre que esta angústia seja de perder o amor porque se tem Complexo de Édipo, pois senão este complexo seria abandonado por intimidação e não por insatisfação.** O superego poderia mesmo coexistir lado a lado com o Complexo de Édipo. A menina parece, então, não herdar os acontecimentos pré-históricos que levaram à formação do totemismo, pois não há relação causal entre o Complexo de Édipo e a formação superegógica, o contrário, portanto, do que vimos em *O Ego e o Id*, a saber, a herança cruzada. Além disso, o Complexo de Édipo duplo é bem menos marcado na menina.

(41) *Ibid.*, p.121-2.

Freud, neste artigo, nos previne que seus conhecimentos sobre o desenvolvimento da menina são mais obscuros e lacunares do que aqueles referentes ao menino. No artigo seguinte, *Algumas Conseqüências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos*, Freud vai procurar estabelecer uma ordem de causa e efeito nos vários elementos que aqui coexistem dispersamente.

ALGUMAS CONSEQÜÊNCIAS PSÍQUICAS DA DIFERENÇA ANATÔMICA ENTRE OS SEXOS (1925)

Neste artigo, Freud vai aprofundar bem mais as características da sexualidade da menina. Antes, retoma o desenvolvimento do menino, só acrescentando ao artigo anterior que a observação cedo na vida do coito dos pais (cena originária) pode, depois de compreendida no período edipiano - se bem que apenas parcialmente, já que a vagina continua sendo desconhecida -, formar o material das fantasias masturbatórias.

Em relação à menina, Freud afirma, pela primeira vez, que, para ela, o primeiro objeto sexual é, tal como para o menino, a mãe. Não relaciona, entretanto, a masturbação da fase fálica, pelo menos até que o complexo de castração tenha gerado seus efeitos, à figura materna. Seria uma masturbação sem conteúdos psíquicos, simples prazer de órgão. Quando a menina se dá conta da superioridade do pênis do menino, em relação ao clítoris, fica com inveja do pênis.

Que a menina não tenha pênis é constatado por ela mais cedo, pois seu corpo o mostra diretamente, do que o menino o constata.

A menina pode manter a esperança de um dia vir a ter igualmente um pênis. Pode ocorrer que contra a realidade esta esperança seja mantida inconscientemente na mulher, o que leva a um complexo de masculinidade.

A aceitação da falta definitiva do pênis, estendida depois a todas as mulheres, leva a um sentimento de inferioridade e a um certo desprezo pela mulher em geral.

A inveja do pênis acaba também dando o traço caracterial de ciúmes, maior na mulher do que no homem (em *Novas Conferências Introdutórias*, Freud fala também de inveja. Este traço de caráter nos parece mais pertinente do que o de ciúmes).

Outros efeitos da constatação da ausência de pênis vão contribuir para a formação da sexualidade feminina normal.

O desgosto com seu sexo leva muitas meninas a deixarem a masturbação. Ora, a masturbação é vista por Freud como uma atividade tipicamente masculina. Assim, com o abandono da masturbação, a menina abriria possibilidade ao desenvolvimento da feminilidade.

Por outro lado, a menina renuncia ao desejo do pênis, compensando-o com o desejo de ter um filho. Com este desejo, toma o pai como objeto de amor, porque só do homem pode ter um filho; a mãe fica, agora, sendo objeto de ciúmes. Desta maneira, a partir do complexo de castração, a menina é levada ao Complexo de Édipo e a uma posição feminina.

Esta linha genética do amor ao pai, e a partir dele ao homem, que passa pelo desejo de ter um filho, no artigo *Sobre a Transposição das Pulsões, mais particularmente no Erotismo Anal*, Freud pensava-a como puramente racional, que não correspondia a impulsos mais profundos. Agora, ao contrário, ela está na base do Complexo de Édipo da menina. **Não é fácil aceitar na menina pequena esta mentalidade, pode se dizer, de negócios, calculista.**

O artigo apresenta outras dificuldades.

Uma primeira delas está em que Freud parece ter esquecido de observações da masturbação da menina que apresenta, em 1905, nos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*:

*"Os atos que fazem cessar a excitação e levam a satisfação consistem em esfregar a mão ou numa pressão exercida por um movimento de apertar as coxas (movimento preparado por atos reflexos). Este último gesto é freqüente sobretudo nas meninas. Os meninos preferem a mão..."*⁴²

Ora, não se pode dizer que apertar as coxas seja uma masturbação clitoriana, parece envolver sensações vaginais externas mais amplas, e talvez internas, de forma difusa.

Uma outra dificuldade do artigo esta no seguinte. Freud escreve que:

*"Todo analista conhece estas mulheres que mantêm com uma intensidade e uma tenacidade a ligação ao pai e o desejo, que é máximo desta ligação, de ter uma criança do pai. Temos boas razões de pensar que esta fantasia era igualmente a força pulsional de sua masturbação infantil".*⁴³

Como vemos, trata-se de mulheres bem edipianas, que passaram do amor a mãe ao amor ao pai. Freud afirma mesmo, da menina que realizou esta passagem, "ela se torna mulher". Essas mulheres, quando meninas, se masturbavam. No entanto,

(42) Freud: *Trois essais sur la théorie de la sexualité*. Gallimard, p.83.

(43) Freud: Quelques conséquences psychiques de la différence anatomique entre les sexes in *La vie sexuelle*. PUF, p.126.

Freud considera que a consequência mais importante do complexo de castração (*"sem dúvida, a mais importante de todas"*⁴⁴), consequência que leva à feminilidade, está no abandono da masturbação.

Temos, portanto, de um lado, as mulheres mais *"edipianas"* e, por outro, que elas não abandonaram, na infância, a masturbação, que é masculina, quando se ligaram ao pai. Quanto ao objeto e à fantasia masturbatória, elas são femininas; quanto à zona erógena, elas se mantêm masculinas.

Esta disparidade incomodou Freud, pois no artigo de 1931, *Sobre a Sexualidade Feminina*, logo de entrada, se propõe a resolvê-la:

*"Nós compreendemos há muito tempo que o desenvolvimento da sexualidade feminina se complica da tarefa de renunciar, em proveito de uma nova zona genital, a vagina, à zona genital originalmente predominante, o clítoris. Uma segunda transformação da mesma ordem, a troca do objeto original - a mãe - pelo pai não nos parece agora menos característica e importante para o desenvolvimento da mulher. Nós não sabemos ainda de que maneira estas duas tarefas são ligadas uma à outra".*⁴⁵

Um outro problema de *Conseqüências Psíquicas...* está em que em *O Desaparecimento do Complexo de Édipo*, Freud dizia que a masturbação do **menino** satisfazia desejos edipianos positivos e negativos; agora, Freud introduz um tempo da masturbação da menina - que vale também para o menino -, de

(44) *Ibid.*, p.129.

(45) Freud: Sur la sexualité féminine in *La vie sexuelle*. PUF, p.139.

ausência de fantasias, simples prazer de órgão. Seria possível verificar-se a existência de uma masturbação sem fantasias? - com a complicação de que a mãe já é nesta ocasião um objeto sexual - **ou Freud teria introduzido este tempo para que o Complexo de Édipo positivo da menina não tivesse nenhum efeito antes dos efeitos do complexo de castração? É lógico que sem este primeiro tempo toda sua construção de que, no caso da menina, o complexo de castração leva ao Complexo de Édipo, ficaria abalada.**

Em *Sobre a Sexualidade Feminina*, Freud não voltará mais a este tempo da masturbação sem fantasias. Mas, então, a diferença anatômica e o complexo de castração perderão sua força explicativa - que fica tanto mais precisa porque tudo ocorre entre a menina e o menino (a comparação dos genitais) à distância da relação com os pais - da constituição do Complexo de Édipo.

SOBRE A SEXUALIDADE FEMININA (1931)

Em *Conseqüências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos*, a menina deixava a mãe pelo pai e abandonava o erotismo clitoriano. Estas duas linhas de desenvolvimento são retomadas em *Sobre a Sexualidade Feminina*, e Freud se propõe a examinar como estas duas "tarefas" estão correlacionadas.

As observações de Freud são de pacientes que têm forte ligação com o pai.

Dois fatos chamavam a atenção de Freud. Primeiro, antes da forte ligação com o pai, havia uma ligação à mãe, igualmente forte e exclusiva. Traços da vida amorosa com a mãe foram transpostos, transferidos ao pai - pensamos que no mesmo sentido de "transferência" da situação psicoterapêutica; a nova relação não criaria nada de próprio. Segundo, a ligação à mãe tinha sido subestimada: pode ir até o quarto, quinto ano de vida e algumas mulheres, se bem que não é o caso das pacientes em que Freud se baseou, nunca se voltaram verdadeiramente para o pai.

Pela primeira vez, Freud revê sua teoria de que o Complexo de Édipo seria o núcleo das neuroses:

"Como esta fase (de ligação à mãe) permite todas as fixações e todos os recalques aos quais remontamos a origem das neuroses, parece necessário voltarmos atrás quanto à universalidade da tese segundo a qual o Complexo de Édipo é o núcleo das neuroses. Mas se alguém recusa esta correção, nada obriga-o a segui-la. Podemos, por um lado, estender o conteúdo do

Complexo de Édipo a todas as relações da criança com os dois pais; podemos, por outro lado, levar em conta nossas novas descobertas e dizer que a mulher só atinge o Édipo normal e positivo quando ela supera um período anterior dominado pelo complexo negativo. Na realidade, durante esta fase, o pai, para a menina, não é grande coisa mais do que um rival que atrapalha, mesmo se a hostilidade contra ele não atinja jamais o grau daquela que caracteriza o comportamento do menino em relação a seu pai".⁴⁶

Apesar de Freud, neste trecho citado, querer contemporizar com aqueles que recusariam sua correção, mantém, a partir daí, durante todo o artigo, a denominação **pré-edipiana** para a fase de ligação à mãe.

Certamente, o fator decisivo para esta atitude está em que **nem o Complexo de Édipo pode ser atribuído à menina:**

"Temos a impressão de que tudo que dissemos do Complexo de Édipo reporta-se estritamente à criança do sexo masculino e que temos então o direito de recusar o nome de Complexo de Elettra, que quer insistir sobre a analogia entre os dois sexos. A relação fatal da simultaneidade entre o amor por um dos pais e ódio contra outro, considerado como rival, só se produz para a criança do sexo masculino".⁴⁷

Vimos que, no trecho citado antes deste, também a rivalidade no Complexo de Édipo **negativo** não permite a equiparação com o drama de Édipo rei.

(46) Freud: Sur la sexualité féminine in *La vie sexuelle*. PUF, p.140; o parênteses é nosso.

(47) *Ibid.*, p.142; grifado por nós.

A neurose histérica, modelar para a psicanálise, várias vezes referida ao Complexo de Édipo, não é mais vista por Freud como tendo esta origem: "*Suspeito que haja uma relação particularmente estreita entre a fase de ligação à mãe e a etiologia da histeria*".⁴⁸

No artigo que estamos examinando, Freud retoma de *Conseqüências Psíquicas...* as três orientações possíveis, como observou, da sexualidade da menina: complexo de masculinidade, neurose (inibição da sexualidade) e feminilidade normal.

Em relação ao artigo anterior, que via como causa do afastamento da mãe, apenas o motivo da mãe não ter dado um pênis à menina, em *Sobre a Sexualidade Feminina*, Freud levanta um leque de motivos, todos eles fatores de hostilidade à mãe, que acabam levando ao afastamento dela em favor da relação com o pai.

Os fatores de hostilidade são muitos. Derivam, primeiramente, de frustrações orais, da educação anal, da mãe ter dividido o amor, da mãe não ter dado um pênis, da mãe não ter um pênis. Destes fatores, todos são comuns à relação do menino com a mãe, com exceção daquele da mãe não ter dado um pênis. Ora, o menino não se afasta da mãe. Não seria, portanto, decisivo, no caso da menina, o fato da mãe não ter dado um pênis? A conclusão seria apenas por exclusão, com todo o risco, em razão disto, de um raciocínio circular. Além disto, entre tantos fatores de hostilidade, seria difícil clinicamente discriminar qual o decisivo. Freud, de fato, não cai na facilidade desta conclusão: "*Todos estes motivos parecem insuficientes para justificar a hostilidade final*".⁴⁹

(48) *Ibid.*, p.141.

(49) *Ibid.*, p.147; grifado por nós.

Freud levanta a partir daí novos motivos, na busca de algo decisivo. Primeiro, *"a ligação à mãe deve declinar porque é a primeira e tão intensa"*⁵⁰. O primeiro amor, assim como para a jovem, leva necessariamente a decepções. No entanto, é um outro motivo, que certamente combina-se com esse, que parece ser decisivo: a ambivalência das relações amorosas, característica dos começos da vida.

*"A ligação intensa da menina com sua mãe deveria assim ser fortemente ambivalente e, pelo concurso de outros fatores, a menina deveria se ver forçada, em consequência desta ambivalência justamente, a afastar-se da mãe".*⁵¹

O fator da ambivalência é mais condizente com o motivo geral da hostilidade. Todavia,

*"contra esta tentativa de explicação, levanta-se imediatamente uma questão: mas como os meninos poderão conservar, sem contestá-la, sua ligação à mãe que não é certamente menos intensa? Estamos prestes a responder com a mesma rapidez: porque é possível, para eles, liquidar toda sua ambivalência em relação à mãe, colocando no pai todos os sentimentos de hostilidade. Mas, primeiramente, não devemos dar esta resposta antes de ter estudado a fundo a fase pré-edipiana do menino e, em segundo lugar, é provavelmente muito mais prudente de confessar que nós não penetramos bem estes processos que acabamos de conhecer".*⁵²

(50) Ibid., p.147.

(51) Ibid. p.148.

(52) Idem.

A questão levantada com respeito ao menino, assim como a resposta, implicam que a razão decisiva não está, de fato, em a mãe não ter dado um pênis à menina. Fiel ao material clínico, sem fazer uso de uma lógica duvidosa (raciocínio por exclusão), Freud prefere deixar imprecisa sua teoria. Mesmo que fosse verdade que o menino desloca ao pai a parte hostil da ambigüidade da relação com a mãe, não saberíamos porque a menina não faz a mesma coisa.

Na terceira parte do artigo, Freud desenvolve que, na relação da menina com a mãe, as tendências sexuais de objetivos ativos - alimentar, limpar, trocar, querer fazer um filho - sofreram mais frustrações (certamente em razão da imaturidade da criança comparada ao adulto) do que as tendências passivas - ser alimentado, ser limpado etc. Na passagem da mãe para o pai, as tendências passivas, que têm mais possibilidades de satisfação, dominam. Com isto, Freud quer dar conta da predominância na mulher de tendências sexuais passivas. Sem que Freud pensasse na existência de sensações vaginais na infância, devia ter em mente que a passividade prepararia o erotismo da zona erógena vaginal.

Entretanto, atividade e passividade não são vistas de forma simples como duas tendências independentes, os dois pólos de bissexualidade humana. Há uma preferência pela atividade:

"É fácil de se observar que em todos os domínios da vida mental, e não apenas no domínio sexual, uma impressão que a criança experimenta passivamente faz nascer nela a tendência a uma reação ativa. Ela procura fazer ela mesma aquilo que foi antes feito sobre ou com ela (...) Não podemos ignorar aqui uma revolta contra a passividade e uma preferência pelo papel ativo".⁵³

(53) Idem.

Fica novamente a questão de porque também no menino, que sofreu as mesmas frustrações, as tendências passivas não se tornam predominantes. A resposta dada por Freud baseia-se em determinações biológicas da bissexualidade:

"Encontramos em ação, neste fragmento do desenvolvimento sexual feminino, as mesmas forças libidinais que encontramos na criança do sexo masculino e pudemos nos convencer que nos dois casos, durante um tempo, percorremos os mesmos caminhos e chegamos aos mesmos resultados.

São então fatores biológicos que os desviam dos objetivos que tinham no início, dirigindo para a via feminina mesmo tendências ativas, masculinas em todos os sentidos do termo".⁵⁴

Como em *Sobre a Sexualidade Feminina*, o complexo de castração perde a capacidade de explicar como a menina se torna feminina, Freud retoma a explicação pelas disposições ativas e passivas, expressões psíquicas da bissexualidade biológica, uma volta a *O Ego e o Id*, com todo o custo do apelo à biologia.

(54) *Ibid.*, p.151.

FEMINILIDADE (1932)

Capítulo de *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise*

Vimos que, no artigo *Sobre a Sexualidade Feminina*, Freud com o custo de manter problemas não resolvidos e mesmo incoerências, renunciou à fórmula fácil de *Conseqüências Psíquicas...*, que deixaria tudo em ordem, a saber que o motivo decisivo para o afastamento da mãe estaria no fato desta não ter dado um pênis à menina. Freud foi fiel aos dados empíricos, quer dizer, a enorme dificuldade entre tantos fatores de hostilidade de se saber qual o decisivo. No entanto, apesar disto, acabou optando pela hostilidade inerente à ambivalência.

Em *A Feminilidade*, escrito apenas um ano depois, Freud volta a afirmar o caráter decisivo do complexo de castração:

"... as rejeições, as decepções amorosas, o ciúme, a sedução seguida de proibição, tudo isto encontra-se também na relação do menino com sua mãe sem que isto leve ao abandono do objeto materno. É então porque existe para a menina um fator específico que se manifesta de outra maneira ou que não se manifesta no menino (...). Ora, creio que descobrimos este fator específico lá justamente onde esperávamos encontrá-lo, mas sob uma forma um tanto surpreendente. No lugar previsto, quer dizer no complexo de castração".⁵⁵

Ao mesmo tempo, chega parcialmente a desacreditar, pela primeira vez em seus escritos, a pertinência do par ativo-passivo para explicar a diferença sexual:

(55) Freud: *Nouvelles conférences sur la psychanalyse*. Gallimard, p.163.

"Talvez poderíamos dizer que a feminilidade se caracteriza no sentido psicológico por uma preferência para os objetivos passivos (...). Assim, encontramos prestes a reconhecer que a psicologia não nos dá a chave do mistério da feminilidade".⁵⁶

Entretanto, dentro do complexo de castração, Freud levanta outro elemento decisivo, diferente daquele da mãe não ter dado um pênis:

"O desligamento da mãe não se produz de uma só vez, pois a filha considera inicialmente sua mutilação como fator individual; é mais tarde somente que ela percebe finalmente que outros seres femininos, e dentre eles sua própria mãe, são semelhantes a ela. Ora, seu amor dirigia-se a uma mãe fálica e não a uma mãe castrada. Fica possível desde então afastar-se da mãe e deixar os sentimentos hostis há muito tempo acumulados tomarem a frente".⁵⁷

Sem dúvida, em *A Feminilidade*, Freud quer corrigir o artigo anterior, que tinha deixado imprecisa a razão do afastamento da mãe, porque, ao mesmo tempo que volta ao complexo de castração como decisivo, **não fala mais dos fatores do "primeiro amor" e da ambigüidade**, que eram centrais em *Sobre a Sexualidade Feminina*.

Notemos, também, que o fator decisivo não é mais um fator de hostilidade, mas de desprezo, desvalorização da mãe. Com isto, Freud sai da

(56) *Ibid.*, p.152.

(57) *Ibid.*, p.166; grifado por nós.

dificuldade de ver o que é decisivo entre vários fatores de hostilidade, pois estaria lidando apenas com quantidades.

Mas, como Freud recusou o fator "*a mãe não deu um pênis*", realçando agora "*a mãe castrada*", recai novamente na imprecisão, **pois ficamos sem saber porque também o menino não deixa a mãe.**

Uma outra dificuldade de *A Feminilidade* aparece na ilustração, através do brincar com a boneca, do desejo da menina ter um filho do pai, como substituto do pênis.

Num primeiro tempo, o brincar com a boneca pertenceria exclusivamente à relação entre mãe e filha. A menina reagiria contra sensações de tipo passivo, fazendo-se ativa com a boneca. Só mais tarde a boneca seria um filho do pai, substituto compensatório do pênis. Ora, como Freud escreveu em outra ocasião que o filho homem realizaria mais perfeitamente a substituição, fica a questão de por quê então a menina não passaria a brincar com **bonecos** em lugar de bonecas?

ANÁLISE TERMINÁVEL, ANÁLISE INTERMINÁVEL

Vimos que desde *O Ego e o Id*, Freud oscilou, quanto à determinação da diferenciação sexual, entre atribuir uma importância maior ao fator bio-psíquico, o par atividade-passividade, ou ao fator complexo de castração. Em *Análise Terminável, Análise Interminável*, escrito dois anos antes de sua morte, Freud encontrou uma solução que procura integrar os dois fatores, levando o complexo de castração (e a conseqüente inveja do pênis na menina) no âmago mesmo do biológico (a solução equivale praticamente à concepção de Adler, do "protesto viril", tantas vezes antes criticada por Freud): o desejo da mulher de ter um pênis está ancorado numa predileção, no mundo biológico, pela atividade sobre a passividade:

"Com freqüência temos a impressão de que com o desejo de um pênis e o protesto masculino penetramos através de todos os estratos psicológicos e chegamos a rocha viva, e que, portanto, nossas atividades chegaram a seu fim. Isto é provavelmente verdade, uma vez que para o campo psíquico o território biológico desempenha na realidade a parte da rocha viva subjacente. O repúdio da feminilidade pode não ser outra coisa senão um fato biológico, uma parte do grande enigma da sexualidade".⁵⁸

Em *Sobre a Sexualidade Feminina*, Freud já tinha falado da preferência pela atividade. No entanto, não a estendia a todos os indivíduos:

(58) Freud: *Análisis terminable e interminable, Obras completas*. Tomo III, Biblioteca Nueva, p.3364.

"Este inversão da passividade em atividade não ocorre tão regularmente e energicamente em todas as crianças; em algumas ela pode também faltar".⁵⁹

Naquele artigo, também não tinha realizado a franca conexão da preferência pela passividade com o complexo de castração. Havia mais uma complementação. Agora, ambos são transportados ao nível biológico, encontrando aí uma unificação.

O que é no nível biológico esta preferência pela atividade? No nível biológico, Freud detectou três grandes tendências: a de Eros, a da pulsão de morte e a compulsão à repetição (certamente, elas se manifestam também no nível psíquico). A menos que a preferência pela atividade seja uma nova tendência - e, neste caso, ela ficaria apenas postulada, sem maiores esclarecimentos -, ela nada mais é do que a compulsão à repetição. Basta compararmos a passagem de Freud de *Sobre a Sexualidade Feminina*, citada na página (51) desta tese, com esta outra, de *Além do Princípio do Prazer*, a qual especifica a compulsão à repetição, para termos a comprovação:

"Ela (a criança) estava passiva, à mercê do acontecimento; mas repetindo-o, por mais desprazeroso que ele seja, como jogo, a criança assume o papel ativo".⁶⁰

Para que a compulsão à repetição opere, é necessário que haja antes um trauma - que não precisa, conforme Freud, ser necessariamente uma

(59) Freud: *Sur la sexualité féminine* in *La vie sexuelle*. PUF, p.148-9.

(60) Freud: *Au-delà du principe de plaisir*. *Essais de psychanalyse*. Payot, p.54.

experiência dolorosa (pois a compulsão à repetição está além das questões de prazer ou desprazer) -, deve ser, sim, uma experiência que exceda, **no momento**, as possibilidades de assimilação ou "*ligação*" do indivíduo; a experiência seria reduzida na sua carga energética paulatinamente pela repetição ativa para que possa ser ligada.

O complexo de castração, ao ser transportado para o nível biológico - tendo sido identificada a preferência pela atividade com a compulsão à repetição -, ele sofre, aí, uma grande alteração, uma inversão de valores, se podemos dizer. Pois a seqüência levantada antes por Freud era: fase fálica -> constatação pelo menino e pela menina da falta de pênis na menina -> trauma da castração -> conseqüências psíquicas; nesta seqüência é colocada a preferência pela atividade fálica antes do trauma da castração; mas integrando-se a compulsão à repetição no complexo de castração, a seqüência passa a ser: trauma -> atividade fálica reativa (e não, primária).⁶¹

Na seqüência da tese, iremos procurar desenvolver que existe algo como um trauma diante do qual a menina pode, em certas condições, reagir pela promoção fálica e conseqüente inveja do pênis. Só o último capítulo mostrará de que "*trauma*" se trata. No próximo capítulo, previamente, vamos procurar desenvolver uma série de reflexões sobre a derivação erótica do ânus à vagina, que

(61) O princípio de prazer dito na sua forma completa é princípio de prazer-desprazer: visa tanto ter o prazer como evitar o desprazer. A demonstração freudiana da existência da compulsão à repetição é bastante consistente no que se refere a experiências dolorosas, mas não, a nosso ver, a experiências prazerosas. Vejamos um exemplo: se uma criança tem uma experiência intensa na sua primeira ida ao circo e que, depois, brinca de circo, isto pode significar ou que quer continuar a ter o prazer com o circo - e só pode tê-lo (se, por exemplo, o circo saiu da cidade) reproduzindo ativamente a experiência - ou então, se existe de fato um mecanismo específico de assimilação, **não podemos dizer que a criança se revolta com a passividade, pode ser que esteja apenas assimilando** (com um ganho de prazer).

Por outro lado, no jogo da criança com a mãe, não nos parece que podemos assegurar uma preferência pela atividade. A presença dos prazeres passivos continua grande. Além disso, é difícil distinguir-se entre uma posição ativa da criança e o desejo de ser adulto.

Freud afirma existir, mas que deixou praticamente de lado, na sua teoria da sexualidade feminina.

CAPÍTULO II

O BRANCO E O VERMELHO

O BRANCO E O VERMELHO

INTRODUÇÃO

Nos artigos de autores franceses reunidos em *La Sexualité Féminine*¹, de 1964, podemos ver a importância dada por três autores à fase anal na constituição da sexualidade feminina. Citaremos, em seguida, passagens significativas destes autores.

- J.Chassegnet-Smirgel: *"A análise da culpabilidade de incorporação permite freqüentemente a extensão mais ou menos rápida do investimento erótico do clítoris para a vagina ao liberar a analidade que transmite à vagina suas componentes eróticas e agressivas"*.²

- Maria Torok: *"Pela masturbação, pelo se tocar, no sentido próprio mas também enquanto reflexividade específica da fantasia, a criança torna-se autônoma diante de uma relação materna de dependência. Ela institui, ao mesmo tempo, uma imagem materna igualmente autônoma, quer dizer, suscetível de ter prazer fora da criança. Compreendemos que esta eventualidade falta quando a imago materna proíbe a masturbação. Esta imago constitui-se na ocasião de*

(1) Chassegnet-Smirgel, J.; Luquet-Parat, C.; Grunberger, B.; McDougall, J.; Torok, M.; David, C. *La Sexualité Féminine*. Payot.

(2) *Ibid.*, p.160.

uma educação anal excessiva ou precoce, que estende seu despotismo a todos os domínios analógicos".³

- Joyce McDougall: *"O segundo tema que voltava (nas pacientes homossexuais), com grande regularidade, esboçava um retrato da mãe com traços de uma personalidade que exerce um controle rígido, meticuloso em matéria de ordem, de preocupações em relação à saúde e à limpeza. Uma observação de Karen simboliza esta imagem particular da mãe: 'Minha mãe detestava tudo que se referia a meu corpo. Quando eu defecava, ela se comportava como se se tratasse de veneno. Durante anos acreditei que minha mãe não defecava. Ainda hoje tenho dificuldade de acreditar nisto'".⁴*

"A paciente homossexual descreve em detalhes todas as carícias, ternuras e explorações minuciosas do corpo feminino que ela deseja fazer numa parceira, ou realizar com a analista. Quando ela percebe que esta fervorosa apreciação sexual do corpo do outro contém todo o amor que ela demanda inconscientemente para seu próprio corpo, assistimos a uma explosão de angústia e a lembrança da atitude da mãe em relação ao corpo da menina, assim como de suas funções".⁵

Mais tarde, em 1971, Denise Braunschweig e Michel Fain, em *Eros e Anteros*⁶, baseados em parte nos autores citados de *La Sexualité Féminine*,

(3) Ibid., p.217.

(4) Ibid., p.182; o parênteses é nosso.

(5) Ibid., p.183.

(6) Braunschweig e Fain. *Eros e Anteros*. Payot.

apresentaram formulações originais e importantíssimas sobre a problemática anal da menina e da mulher e sua influência no erotismo genital.

Faremos, nesta capítulo, grande uso destes últimos autores e procuraremos introduzir novas reflexões sobre a problemática anal feminina, principalmente quanto à mania de limpeza, economia, fobia de ratos e baratas, medo de contágios, repulsa de banheiros públicos, significados da menstruação, elementos que nos parecem ainda pouco esclarecidos na literatura psicanalítica.

PARTE I: O BANHEIRO DE CASA, O BANHEIRO PUBLICO

Freud viu na teimosia e nas manias de limpeza, ordem e economia formações reativas e sublimações derivadas do erotismo anal. Sabemos, por outro lado, que as mulheres são mais preocupadas com a limpeza do que os homens. Além disto, a economia doméstica da dona-de-casa é freqüentemente feita de exageros; e, ainda, problemas de constipação intestinal são muito mais comuns nas mulheres do que nos homens.

Outro aspecto da analidade que tem sido negligenciado, e que igualmente ocorre muito mais na mulher, diz respeito à oposição banheiro familiar, banheiro público. A dificuldade das mulheres com banheiros públicos é notória. A idéia de contágio está sempre presente, embora, às vezes, pareça encoberta pela de sujeira. Para a Medicina, não existe possibilidade de contágios em banheiros. Mesmo que este dado seja desconhecido, a contradição se mostra no fato de não ser válido o contágio para os homens, pois normalmente sentam-se nos vasos. Um paciente, pais de dois meninos e uma menina, deixava os meninos irem aos banheiros nas paradas de viagens, mas para a menina queria um lugar escondido no mato, à beira da estrada.

Muitas vezes, vemos nossas pacientes se exporem cientes a lugares e pessoas onde certas doenças poderiam ser adquiridas, tuberculose por exemplo, mas recusarem o vaso sanitário público. O temor é, portanto, o que é mais ou menos consciente, de doenças sexuais. Inconscientemente, no entanto, trata-se de contatos sexuais com desconhecidos: as mulheres que estiveram antes no banheiro podem ter estado com alguém que não se sabe quem é. Onde há muita gente, ou passa muita gente, por mais que se sinta certa comunidade, há sempre

margem para um desconhecido em quem os perigos se depositam. O tabu do contágio é, no fundo, um tabu de contato, como Freud observou.⁷

A angústia diante do estranho é um fenômeno bastante geral. Freud realçou-a como uma das angústias do bebê⁸. Depois Spitz localizou seu aparecimento, de forma típica, em torno do oitavo mês de vida⁹. Ela indica que o bebê distingue as pessoas, que saiu de um estado fusional indiferenciado primário (a relação com o pré-objeto, como formula Spitz, que são todos e ninguém). No decorrer do crescimento, esta angústia cede paulatinamente, sem nunca desaparecer completamente, se os pais proporcionam ao filho situações de contato com o que é estranho que progridam gradativamente em complexidade: por exemplo, contato com outras crianças e adultos no parque, depois ir dormir na casa de um amiguinho etc., de forma que uma situação nova seja em parte redutível a uma já conhecida.

Spitz já constatara que crianças que sofrem de eczema, doença alérgica, não têm angústia diante do estranho, "vão com todos", como se diz¹⁰. Estudos mais recentes e aprofundados realizados por Pierre Marty, Michel Fain e Sami-Ali¹¹ mostram que não se trata bem de uma ausência de angústia do estranho, mas que o indivíduo alérgico - cuja reação sintomática pode ser, além do eczema, asma, coriza, rinite, resfriados, crise de espirros, urticária, enxaqueca - se defende do estranho procurando fazer dele, no primeiro contato, de forma imediata, alguém de familiar; procura anular a diferença familiar-estranho, para fazer desaparecer o estranho. Defende-se regredindo ao pré-objeto.

(7) Freud: *Inhibition, Symptôme et Angoisse*. PUF, p.44.

(8) Freud: *Introduction à la psychanalyse*. Payot, p.383.

(9) René Spitz: *De la naissance à la parole*. PUF, p.114.

(10) *Ibid.*, p.171.

(11) Marty: La relation objectale allergique, *Revue Française de Psychanalyse*, nº 22, 1958; Fain, Kreisler e Souté: *A Criança e Seu Corpo*, Zahar; Sami-Ali: *Le visuel et le tactile*, Dunod.

A defesa ocorre porque o que é estranho, para o alérgico, apresenta-se como uma ameaça difusa, imprecisa, porque, justamente, seu contato com o estranho é abrupto, nunca se fez, em seu crescimento, de forma gradativa, nos termos que dissemos.

De fato, quem cuidou dele - quase sempre é a atitude da mãe que é decisiva - formou um fosso entre o que é familiar e o que é estranho. Supervalorizou a proteção do lar e pintou o mundo exterior como supercarregado de perigos. É de conhecimento dos pediatras que a mãe da criança asmática diz que ela não pode sair de casa porque tem asma, quando, na realidade, é porque não sai que tem asma.

A crise alérgica ocorre quando uma certa pessoa ou situação estranhas não se deixam, de uma forma ou de outra, reduzir ao familiar. Uma nossa paciente teve uma crise de enxaqueca pelo simples fato de encontrar-se no aeroporto internacional. (Esta não é a única causa etiológica da alergia; abrange, todavia, a grande maioria dos casos. Outra causa está na rivalidade entre duas pessoas, nos cuidados do bebe, antes que ele pudesse distingui-las; ela não vai nos interessar, nos propósitos que temos em vista e estamos desenvolvendo).

Os mecanismos defensivos alérgicos são somente mais nucleares e intensos nos indivíduos que sofrem das moléstias correspondentes; são parte, com maior ou menor fixação, do desenvolvimento geral, como entende Pierre Marty¹². Afinal, resfriados, coriza, rinite não ocorrem apenas em pessoas mais sujeitas.

(12) Marty: La relation objectale allergique, *Revue Française de Psychanalyse*, nº 22, p.823.

Uma peça fundamental, em nossa cultura, da separação radical entre o familiar e o estranho está na separação banheiro de casa, banheiro público. Fundamental porque aí o sexo está em jogo. Na mente inconsciente dos pais, a criança estaria se iniciando sexualmente fora de casa se se sentasse num vaso sanitário de outro lugar, o que é verdade.

O impedimento em relação aos banheiros públicos é maior para as meninas do que para os meninos, por razões que esclareceremos depois.

A constipação intestinal, muito mais freqüente nas mulheres, se deve, em parte, ao medo de ter que usar o banheiro fora de casa que leva a menina a se reter tanto que seu intestino passa a funcionar mal mesmo dentro de casa. Um outro motivo, que depois vamos desenvolver, está na criação de um ideal segundo o qual a mulher não deveria evacuar.

Os traços de caráter anais de mania de limpeza e ordem não significam apenas a intenção de retenção intestinal. Formam também cordões de isolamento de um mundo povoado por muitos indivíduos sujos e infectos. A avareza também, além do elemento retensivo, funciona de forma a limitar os contatos externos: o adolescente e depois o adulto ficam em casa para gastarem menos.

As fobias, tão comuns às mulheres, do rato e da barata, relacionam-se certamente com a problemática anal que estamos vendo. O rato transmitia a peste na Idade Média e desta maneira pôs em contato pessoas das mais diversas regiões e costumes da Europa. Por outro lado, é encontrado em quantidade nos esgotos. A barata, que também passa por esgotos, recebe sua significação anal igualmente, parece-me, pela cor marrom das fezes.

Os shoppings atuais procuram imitar cidades - com ruelas, praças, bares, restaurantes e cinemas -, tudo dentro de uma proteção que descolore o caráter mais dramático e sexual intenso do estranho. Que a existência dos shoppings entre nós se justifique pelo perigo de assaltos e pela comodidade, não deixa de veicular tendências do inconsciente. Afinal, eles não são invenção dos paulistanos, mas dos E.U.A., onde os assaltos não pesam tanto.

Ilustraremos o que estamos desenvolvendo com dois casos clínicos e o filme *Sexo, Mentiras e Videotape*.

Uma paciente de quarenta anos que sofria de enxaqueca e cuja mãe tinha uma mania exagerada de limpeza, chegou na sessão, após ter passado dez dias em Salvador, vestida de maneira chamativa, o que não era habitualmente seu estilo. Saia vermelha e colares grandes. Contou-nos de sua estadia em Salvador.

Do hotel só saía de táxi e vestida discretamente, procurando, com isto, para o pouco que andava a pé, evitar assaltos. *"Quanto mais sensual estiver a mulher, mais atrai assaltantes"*, disse. Argumentamos que o assaltante deve, racionalmente, interessar-se mais por quem ele acha que tem dinheiro ou objetos valiosos do que por quem está vestida sensualmente. A paciente percebeu que nunca tinha se dado conta de que em sua mente havia este deslize do dinheiro para o sensual. Ser assaltada e ser visada sexualmente por um estranho se superpunham. Depois, contou-nos um sonho que teve em Salvador:

"Sua mãe tinha a barriga inchada; sugeriu que andasse pela praia. Depois sua mãe parece que morre; sua barriga murcha e se torna pequena como um bebê, que a paciente segura. Mais tarde, a paciente se vê andando

pela praia que está larga porque a maré está muito baixa".

Associou a barriga que murcha e a mãe que fica semelhante a um bebê com o nascimento. Como falou de andar pela rua, do perigo de assaltos e, no sonho, ela sugere à mãe que ande pela praia e, depois, ela mesma anda, perguntamo-lhe se passeava pela praia em Salvador: *"Eu ficava imóvel"*, nos respondeu, *"só me levantava para entrar na água. Não queria que os homens ficassem olhando para mim"*.

Nascer e começar a andar são dois marcos do afastamento da mãe. Se, **na realidade**, ocultou-se dos homens e se protegeu junto à mãe, entrando na água - o mar simboliza habitualmente o ventre materno -, **no sonho**, ao contrário, anda pela praia e afasta-se da mãe: a maré está baixa, o mar está longe.

O medo de ser assaltada, se estivesse atraente, corresponde, em função da equivalência entre dinheiro e cocô, conforme viu Freud, à repulsa do banheiro público. A paciente era econômica, pai e mãe insistiam para que o fosse. A avareza e sua conseqüência, a fobia do assalto, é um muro que transforma o desconhecido num depósito de lixo, de perigos e angústias difusas.

Assaltos e ataques sexuais existem; no entanto, em pacientes com acentuados traços de caráter anais são bem mais temidos e absorvem o pensamento, o que nos leva a considerar que correspondem, além de sua objetividade, à uma problemática inconsciente independente.

A mesma paciente sonhou, uma vez, que estava numa casa velha que tinha ratos. Sente algo nas nádegas, coloca as mãos sob a roupa e toca um rato. Associou com a criança que enfia a mão por debaixo da fralda e percebe o cocô. Veremos a diferença que existe na idéia do cocô mole (de bebê) e do cocô duro. Adiantamos que o primeiro relaciona-se em uma maior incontinência anal e, em consequência, com a possibilidade de se recorrer a banheiros públicos.

A outra paciente tomada como exemplo tinha trinta e cinco anos quando começou a análise, administradora de profissão. Teve bronquite asmática na infância, e adulta sofre de crises ocasionais de urticária. Seu lado econômico manifestava-se principalmente em só querer gastar com coisas que duram e não suportar supermercados - certamente porque nos supermercados há muita solicitação de compra.

Numa sessão anunciou que queria nos dizer duas coisas. A primeira, que não podia nos pagar este mês, só atrasado, no próximo, porque teve um problema no pagamento de seu salário e recebeu bem menos do que o esperado. *"Não vou pagar ninguém, vou fazer como os brasileiros, não tenho dinheiro fico devendo"* (seus pais são judeus de origem européia). Contou-nos, em seguida, que nunca lhe acontecera coisa semelhante; mesmo quando estudante, nunca deixou transparecer a seus amigos que pudesse ter dificuldades com dinheiro (a analidade ficava oculta, sem sugerir aos outros possibilidades de contato). Quando necessitava de dinheiro, recorria à sua irmã, mas, desta vez, não quis fazê-lo. *"Eu quis ver como era ficar sujo na praça"*, disse. Esta atitude nova representava, simbolicamente, como nos parece, a evacuação pública, o contato mais amplo, no qual está incluído um contato maior com os brasileiros, já que, por sua educação, deveria casar-se com um judeu.

A segunda coisa que queria nos dizer é que aconteceu algo que a perturbou. Ao consultar sua médica homeopata e ao contar-lhe com quem estivera namorando nos últimos seis meses - mas de quem estava agora separada -, esta lhe informou que desconfiaram, há quatro anos, que uma antiga namorada do rapaz, de quinze anos atrás, que a paciente conhecia, estava com AIDS. A paciente passou a ficar fortemente angustiada, mesmo sabendo, e sua médica a tranquilizando, que de quinze anos para cá, se nenhum dos dois, nem outros namorados da moça, ficaram doentes, ela não poderia ter AIDS. A angústia da paciente continuou por alguns dias, ao mesmo tempo que ela percebia seu caráter irracional. *"deve fazer parte do problema que sempre tive com o contágio"*.

Em seguida, teve a intuição de que as duas coisas que queria nos contar - não pagar as dívidas e a angústia em relação à AIDS - pareciam querer dizer a mesma coisa. De fato, elas tinham uma relação íntima: depois que soube da AIDS é que resolveu *"ficar suja na praça"*. Esta nova situação viria amenizar a angústia da AIDS, ao abrir a paciente para o contato com o estranho; era a falta deste contato que intensificava irracionalmente a angústia.

Insistimos, como fizemos em relação aos assaltos e ataques sexuais, que a AIDS é uma doença contagiosa e atormenta hoje a humanidade, no entanto, nos pacientes com traços de caráter anais, fortes tendências inconscientes vêm juntar-se à realidade.

No filme *Sexo, Mentiras e Videotape*, duas irmãs, Ann e Cindy, são rivais em seus modos de vida. Ann é dona-de-casa, tem mania de limpeza, veste-se recatadamente, um tanto indiferente ao sexo, e não tem orgasmos. Cindy é namoradeira e aberta ao prazer sexual. Na primeira vez que as vemos juntos, Ann

veste-se toda de branco e Cindy usa uma blusa estampada marrom. O contato mais solto com a analidade desta é sugerido igualmente por seu hobby de pintar à óleo.

A primeira palavra dita no filme é "lixo". Ann está falando a seu psicoterapeuta de seu mal-estar com o lixo, de obsessões de que o lixo aumentaria cada vez mais sem que ela pudesse conter. Enquanto ouvimos isto, vemos simultaneamente cenas de Grahan - um antigo amigo do marido de Ann e que está viajando para visitá-lo - que é mostrado, numa parada de viagem, num banheiro público de baixa categoria.

Ao chegar, Grahan é atendido por Ann. Após se apresentar, a primeira coisa que diz é perguntar onde fica o banheiro; a segunda é oferecer morangos a Ann (veremos na terceira parte deste capítulo, a significação da fruta de cor vermelha). O contraste que Grahan faz com Ann vai despontar nela uma maior soltura anal, que vai, finalmente, lhe possibilitar ter, com Grahan, prazer sexual e orgasmo.

Os índios Arapesh, estudados por Margaret Mead, possuem uma cultura onde aparecem nitidamente as relações que estamos vendo. Escreve a autora:

"Os Arapesh guardam o tabu das relações sexuais até que a criança dê seus primeiros passos, quando é considerada suficientemente forte para suportar (...) o contato penoso da sexualidade dos progenitores".¹³

(13) Margaret Mead: *Sexo e Temperamento*. Perspectiva, p.60.

(A valorização da criança e da maternidade em detrimento da sexualidade é um elemento fundamental de muitos traços da cultura Arapesh).

"Para (desmamar a criança), untam-se os bicos dos seios com lama dizendo à criança, com todas as fortes expressões mímicas do nojo, que se trata de fezes".¹⁴

"As crianças Arapesh crescem com a noção de que o mundo se divide em duas grandes porções: parentes, porção que inclui umas trezentas ou quatrocentas pessoas, todos os membros de sua localidade, e os de aldeias de outras localidades, ligados a eles ou a seus parentes por casamentos, e as longas linhas de esposas e filhos dos amigos de troca hereditários de seu pai; e estranhos e inimigos (...) porção de homens das planícies (...). Estes homens das planícies desempenham na vida da criança o duplo papel de fantasma a temer e inimigo a odiar, ridicularizar, ludibriar, a quem se transfere ativamente toda hostilidade desaprovada no grupo (...). Quando (as crianças) contam cinco anos ou mais são avisadas: 'Nunca deixe qualquer sobra de alimento jogada num lugar onde haja estranhos. Se quebrar um talo de cana-de-açúcar, tome cuidado para que nenhum estranho o perceba; ele voltará para apanhar o toco e usá-lo a fim de por feitiço em você. (...) Se comer o inhame duro e resistente coma-o todo; não largue qualquer pedaço que um estranho possa pegar e usar contra você (...)' Para carregar restos de comida, a fim de que não caiam nas mãos do estranho, ao menino dão uma cesta de folhas de palmeira e à menina, uma cesta de malha. Esta constante preocupação com a 'sujeira' torna todos os que vivem na cultura Arapesh obsecados pelo assunto. Ao comer, ao mascar noz de

(14) *Ibid.*, p.61.

areca, ao fumar, ao ter relações sexuais, o indivíduo é continuamente forçado a ceder uma porção de sua pessoa que poderá cair nas mãos dos estranhos, e causar-lhes enfermidades ou morte. O medo da doença, da morte, da infelicidade, é dramatizado nesta insistência quanto ao cuidado com a própria sujeira".¹⁵

Além dos aspectos da analidade referentes à oposição banheiro familiar - banheiro público, gostaríamos de apontar para um outro: a noção de trabalho tem sua origem em grande parte na educação anal. Veremos em seguida.

(15) *Ibid.*, p.74-5; grifado por nós.

PARTE II: A NOÇÃO DE FAZER BEM FEITO E DE TRABALHO

A origem da noção de diligência, fazer algo com zelo, que depois é incluída na noção mais tardia, na vida, de trabalho, vem de defecar direito: na hora certa, no local certo e em casa. No Brasil, "obrar" significa também defecar. Em inglês, fala-se "*defection work*". Na cidade de São Paulo, onde o ritmo de trabalho é conhecido como um dos mais intensos, o candidato a prefeito, muitas vezes eleito, Jânio Quadros, fez da vassoura o símbolo de sua campanha.

George Vigarello, autor de *O Limpo e o Sujo*¹⁶, faz uma história da higiene da Idade Média até os primórdios de nosso século. Conta que o chuveiro foi inventado no século XIX para habituar os pobres à limpeza. O banho devia ser de pé para não induzir preguiça. Ao pobre limpo associou-se, ao mesmo tempo, idéias de dignidade, virtude, ordem e trabalho. Dumas, ministro de crédito francês, o diz em 1850:

"Quando se desenvolvem as condições de salubridade numa parte da população, não é só ela que se beneficia; as crianças abrangidas, ao entrarem para os serviços do exército, ao se tornarem cidadãos do Estado, encontram-se, do ponto de vista da saúde e da força para o trabalho, em condições infinitamente preferíveis àquelas que usufruíam quando estavam abandonadas a si mesmas".¹⁷

Num relatório do governo francês da mesma época encontramos:

(16) G.Vigarello: *O Limpo e o Sujo*. Editorial Fragmentos Ltda., Lisboa.

(17) Citado por Vigarello, *ibid.*, p.157.

"Todos aqueles que viveram um pouco com a classe operária conhecem bem a diferença que existe entre duas famílias de iguais recursos, mas das quais, uma habituada ao asseio, tem dentro de casa salubridade e ordem, enquanto a outra, entregue à sujidade, passe a expressão, acompanha este hábito de vício e desordem".¹⁸

Vigarello conclui:

"Esta higiene baseia-se, de fato, numa exigência interna, íntima, difícil de formular numa primeira fase, tão gratuita pode parecer: lavar sistematicamente o que não se vê, para além do odor e da sujidade. esta exigência não nasce da ciência. Nasce do código social".¹⁹

Podemos ainda constatar que a noção de trabalho vincula-se a de disciplina anal através de dois fatos. O primeiro, de que a criança na escola, quando então começa para a vida profissional, se é estudiosa, ser chamada de C.D.F. Não tem intestino frouxo. O segundo, de que o encoprésico passivo ("passivo", conforme a classificação de Michel Fain) é normalmente **vadio**:

"Trata-se de crianças extremamente passivas 'que se deixam levar'. Não têm praticamente nenhuma possibilidade de organização e estão quase totalmente a cargo dos pais. O esfíncter anal destas crianças não parece desempenhar seu papel e produz fezes moles, do tipo bosta de vaca, nas calças. O fundo familiar é feito freqüentemente de abandono. Estas crianças parecem

(18) Citado por Vigarello, *ibid.*, p.156.

(19) *Ibid.*, p.166.

não ter interiorizado seus pais sob a forma de regras de educação, por carência do meio familiar. Enquanto o tipo ativo evoca o futuro delinqüente, o tipo passivo faz pensar no futuro vadio".²⁰ (o encoprésico ativo ou "delinqüente" pratica na defecação uma agressão deliberada).

Karl Abraham, no artigo de 1924, *Esboço de uma História do Desenvolvimento da Libido baseada na Psicanálise dos Distúrbios Mentais*, subdividiu em duas cada uma das fases da libido: oral, sádico-anal, genital. A fase sádico-anal, particularmente, foi subdividida numa mais precoce, de expulsão-destruição (do objeto), e em outra, de retenção-posse (do objeto). Entre as duas concebeu uma linha divisória de fundamental importância. Regressões mais profundas em relação a esta linha levariam, devido à primeira fase sádico-anal, à perda (expulsão) do objeto e à sua recuperação psicótica. A atividade da segunda fase sádico-anal permitiria manter o objeto, podendo, com isto, resultar apenas em neuroses. No campo das psicoses, o melancólico, em particular, recupera o objeto perdido na primeira fase anal através do sadismo oral.

Como para Abraham a primeira fase anal, no movimento regressivo da libido, é exclusivamente expulsiva, ela é um momento quase sem duração, instável, uma ponte apenas entre a segunda fase anal e aquelas que irão finalmente fixar a libido que regride²¹. Contrariamente a Abraham, vemos um caráter positivo, com estabilidade, que faz resistência à regressão, da primeira fase anal. Já a criança encoprésica de tipo passivo defende-se contra o abandono e a depressão. Se, na

(20) L.Kreisler, M.Fain, M.Soulé: *A Criança e seu Corpo*. Zahar, p.336; grifado por nós.

(21) Abraham se viu em dificuldade ao querer conciliar a idéia de que a paranóia teria como ponto de fixação a primeira fase anal com a característica de eliminação do objeto desta fase. Para mantê-la, concebeu introjeções anais parciais, onde só uma parte do objeto era mantida. No entanto, afirma: "Assim, os estados paranóicos nos escapam ainda neste plano (da fixação libidinal)". Karl Abraham: *Developpement de la libido*. Payot, p.299.

família, sofre um abandono, desfaz a organização espacial banheiro-dentro-de-casa (casa = família), recusa o isolamento a portas fechadas do banheiro e regride ao tempo em que sua evacuação era pública²²: nas fraldas ou, mais tarde, quando ainda era acompanhada no penico ou no vaso. **É a evacuação pública que caracteriza a primeira fase anal e não a expulsão do objeto, como pensou Abraham.** Na primeira fase anal ocorre, ao contrário, uma recuperação do objeto. A vadiagem do encoprésico passivo poderia ser dita numa fórmula, que vai ser adotada sua vida afora: *"Faça por mim ou faça comigo"*. (Alguns adultos recalcitrantes ao trabalho chegam ao ponto de ameaçarem suicídio para fazer valer diante dos outros, de quem querem os cuidados, esta fórmula).

Se uma moça normalmente zelosa em seu trabalho, ordeira e limpa, separa-se do namorado, é comum que, em consequência, fique mais negligente em seu trabalho, deixe seu quarto em desordem, incomode-se pouco com a sujeira e possa mesmo deixar de tomar banho por alguns dias. Poder-se-ia dizer que age assim porque está deprimida. Esta é uma meia verdade. Mais profundamente, faz assim para amenizar uma depressão que seria, se não fizesse, maior. A primeira fase anal mostra aí seu caráter defensivo. Em português, quando a depressão se diz *"fossa"* (lugar de fezes), ou, em francês *"cafard"* (*"barata"* - de que sabemos as conexões anais), revela esta defesa pela primeira fase anal. O mendigo alia o abandono social com a sujeira, a vadiagem e a idéia de contágio público. Se, em troca de um auxílio, propusermos um pequeno trabalho ao mendigo, provavelmente ele recusará, porque sente necessário manter-se defensivamente na primeira fase anal; o trabalho faria-o sentir todo o abandono familiar ou, de forma mais depurada, todo o abandono do destino, da vida, que ele sofre.

(22) Fain: *A Criança e seu Corpo*. Zahar, p.335.

(Parte III), que a passividade é cronologicamente anterior à atividade e, nos *Três Ensaíos*, escreve que a dupla ativo-passivo só começa na fase anal (devemos realçar aí a idéia de **dupla** e não que passivo e ativo começariam na fase anal).

O aumento da capacidade de ação da criança separa-a significativamente de sua mãe. Se, nesta ocasião, a criança sofre alguma forma de abandono, ela vai procurar recuperar o objeto eliminando as novas aquisições e regredindo à passividade. Ou então, em abandonos posteriores, a criança, mas também o adulto, pode usar esta forma de regressão.

De um modo geral, devido à sua imaturidade, a criança encoprésica só poderia regredir à primeira fase anal no seio da família. Mais tarde, poderá manter com outros, na vida social, a fórmula *"faça comigo ou faça por mim"*.

A encopresia é uma expressão direta da primeira fase anal e característica da infância. Mais tarde, na vida do antigo encoprésico, ou na de outros indivíduos, ela aparece somente de forma simbólica. O neurótico obsessivo é um caso. *"A encopresia, um negativo da neurose obsessiva"*, escreve Michel Fain na seqüência de *"a neurose é o negativo da perversão"*, de Freud. Os dois casos clínicos da neurose obsessiva publicados por Freud, o homem dos ratos e o homem dos lobos, evidenciam a recusa, dos dois pacientes, ao trabalho. Com respeito ao homem dos ratos, Freud escreve:

*"Quando seu pai era vivo, o nosso paciente foi um estudante preguiçoso, o que freqüentemente aborrecia o pai"*²⁹ e

(29) Freud: *Cinq psychanalyses*. PUF, p.228.

"... o resultado principal de sua neurose foi uma inibição no trabalho que atrasou por vários anos o término de seus estudos. Mas o que resulta de uma neurose constitui a intenção: o resultado aparente da doença é, na realidade, a causa, o motivo para ficar doente"³⁰ (quer dizer, a neurose do homem dos ratos resulta de sua recusa ao trabalho).

Acerca do homem dos lobos:

"...(aos 18 anos) tornou-se totalmente dependente dos outros e encontrava-se desadaptado da vida, no momento em que empreendeu seu trabalho analítico".³¹

Sabemos que, após o tratamento, o homem dos lobos, tendo perdido suas posses, foi ajudado regularmente por coletas no meio analítico sugeridas por Freud. (Para uma melhor compreensão das coisas, não devemos confundir o apego compulsivo ao trabalho e à meticulosidade, que são traços de caráter anais, com neuroses obsessivas organizadas; nestas, dominam mecanismos complexos de recalçamento, retorno do recalçado, regressões, isolamentos e anulações retroativas³², ao passo que os traços de caráter são mecanismos mais simples, compostos de formação reativa e sublimação³³).

A regressão da ação ao pensamento na neurose obsessiva que Freud mostra no final do *Homem dos Ratos* - pois a ordem progrediente normal seria

(30) Ibid., p.228.

(31) Ibid., p.324.

(32) Freud: *Inibição, Sintoma e Angústia*, Cap. V.

(33) A propósito do simplismo da sublimação ver Pierre Marty: *Les mouvements individuels de vie et de mort*. Payot, p.150-2.

primeiro pensar e depois agir - junto com a erotização do pensamento, que passa na "*ruminação*" mental a funcionar conforme o modelo do funcionamento do intestino, são uma simbolização do mesmo processo, direto (quer dizer, não simbolizado) na encropesia passiva, a qual, como vimos, regride igualmente da ação.

PARTE III: O BRANCO E O VERMELHO

Denise Braunschweig e Michel Fain escreveram linhas importantíssimas sobre a contribuição do erotismo anal para a formação da feminilidade:

"... não tendo pênis, as meninas são levadas a investirem não a vagina (...) mas seu próprio corpo. Não nos parece, entretanto, que possamos comparar, nem estabelecer alguma equivalência, entre o investimento narcísico realizado pelo menino sobre seu pênis e o investimento de seu corpo pela menina. Esta investe-o ao menos em parte como um objeto de amor, com libido objetal que não sofre por isto a mesma transformação narcísica. Trata-se de um movimento que compreende uma grande parte de auto-erotismo³⁴. A menina gosta de se enfeitar. Este auto-erotismo vem compensar, assim, o que ela vive como uma ferida narcísica. É igualmente certo que este auto-erotismo toma indubitavelmente uma significação anal. As noções de 'sujo' e de 'feio' estão no pano de fundo. É interessante notar que as qualificações

(34) Ficaria longo demais expormos as concepções dos autores sobre narcisismo, auto-erotismo e erotismo objetal. Só faremos indicações. O narcisismo é formado pelo amor materno; o auto-erotismo inicia a sexualidade e é resultante da descontinuidade dos cuidados maternos - ele compreende uma linha edipiana quando a descontinuidade se dá em decorrência do desejo sexual da mãe pelo marido ou amante; o erotismo objetal é uma relação de compromisso complexa entre o narcisismo e o auto-erotismo. Estas concepções diferem das de Freud, anteriores a *O Ego e o Id*; assemelham-se àquelas sugeridas neste artigo. A partir de *Introdução ao Narcisismo*, Freud via no auto-erotismo a manifestação erótica do narcisismo ("É assim que o auto-erotismo foi a atividade sexual da fase narcísica da fixação da libido" - *Introduction à la psychanalyse*. Payot, p.393) e equiparava o narcisismo com a libido objetal, na medida em que ambos são libido. Entretanto, em *O Ego e o Id*, ao introduzir a idéia de dessexualização, sugere que o narcisismo não seria tão fortemente sexual como o erotismo. Notadamente, na passagem seguinte: "A transposição da libido de objeto em libido narcísica que se produz aqui (na destruição do Complexo de Édipo), comporta manifestadamente um abandono dos objetivos sexuais, uma dessexualização, portanto, uma espécie de sublimação: não é esta a via geral da sublimação, toda sublimação não se produz por intermédio do ego que começa por transformar a libido de objeto sexual em libido narcísica, para lhe assinalar eventualmente depois um outro objetivo?". *Essais de psychanalyse*. Payot, p.242; grifado por nós.

de 'sujo' e 'feio' são utilizadas para designar a menina que, tendo roubado o material de maquiagem de sua mãe, fez em seu rosto sábios trabalhos de maquiagem. O coquetismo feminino compreende então a integração relativamente tardia de uma componente anal. Ela é admitida depois de certa idade, notadamente, após a defloração (...)

Se, estas (as formações reativas de limpeza) vão servir, em parte, a edificar o coquetismo do qual falávamos, e isto tanto mais no período de latência quando a autoridade materna é vivida como subordinada ao pai e que a analidade 'suja' é abandonada agora para obter o amor deste, não deixa de ser igualmente verdade que a 'limpeza' da menina pede insistentemente ser sujada pelo menino, esta limpeza representa um esboço de órgão sexual e receptivo do futuro parceiro da vida adulta. Esta limpeza aparece já como algo de muito diferente na sua natureza de uma formação reativa tal que poderia existir em outra menina que apresentasse uma regressão importante favorecida por uma fixação anal.

A integração que resulta da transformação das pulsões anais em coquetismo vem juntar-se sem conflito a esta aparência de formações reativas. As matérias fecais exibidas conservam um grande poder atrativo, acarretando o sentimento específico de nojo. Este sentimento traduz a introjeção imediata no aparelho psíquico das fantasias representadas pelas matérias fecais e a tentativa de rejeição que esta introjeção implicou (mais tarde veremos que não se trata tanto, em nossa opinião, de fantasias, mas, mais profundamente, da oposição e composição entre o olfativo e o visual). Toda a arte da maquiagem consiste em recuperar este poder atrativo das matérias fecais, poder que tem mesmo

um aspecto penetrante, mas faz isto suprimindo as reações de repulsa que se seguem habitualmente a este primeiro tempo atrativo. Uma maquiagem exagerada retoma o caráter anal repulsivo. Esta integração da analidade não se traduz, unicamente, pela maquiagem, que é o aspecto mais aparente, mas também, por todo um comportamento compreendendo um certo porte do corpo - diremos, para criar uma imagem, um certo ar 'vulgar', o qual também não deve ultrapassar um certo nível. Se, a menina recalca este tipo de integração anal, e investe, sobretudo, o modo 'menino' (sujar as meninas) que, apesar de existir normalmente, é dominado pelo primeiro, ela torna-se francamente repulsiva.

B.Lewin publicou um artigo, no qual discute uma fantasia encontrada em muitas pacientes, segundo a qual a mulher pensa que passa pela pele matérias fecais. A cadeia associativa que faz aparecer esta fantasia parte da idéia de menstruação vivida como incontinência anal (mais tarde desenvolveremos este ponto fundamental).

O ponto de vista de Lewin confirma o nosso, em dois pontos:

1. O prazer encontrado em enfeitar sua própria imagem em razão da impossibilidade de transformar a libido objetal em libido narcisista centrada no pênis, como o menino, completa-se com o prazer erótico, pela extensão, a toda a pele do corpo da sensibilidade anal, a sujar-se com as matérias fecais - o que, pensa a menina, poderia lhe fazer o 'sujo' menino.

2. Após o deslocamento de toda a carga anal sobre as regras, a maquiagem, os cremes, o porte um pouco 'vulgar' acentuam a atração sexual. Não se trata

*simplesmente de identificação a uma mulher atraente, mas também, do resultado de toda uma relação carregada de prazer erótico com o próprio corpo. É provável que as regras impuras, segundo a Bíblia, concentrem sobre elas todo o aspecto fecal, ao passo que a maquiagem conserva o poder atrativo primeiro das matérias fecais.*³⁵

Os autores falam de uma integração da formação reativa de limpeza com um auto-erotismo anal na forma de maquiagem e porte do corpo, integração que faz esta formação reativa ser diferente de uma reação contra. Em função do que vimos na primeira parte deste capítulo, este auto-erotismo - que, num segundo momento, é dirigido ao outro, sem deixar com isto de perder o momento propriamente auto - deve ser compreendido mais precisamente como manifestação da primeira fase anal: **indisciplina anal e fezes moles, com seus correlatos caráter público e não-trabalho.**

Thorstein Veblen, em seu clássico *Teoria da Classe Ociosa*, estudando o significado da indumentária feminina no antigo regime, mas também, na segunda metade de século passado, conclui, com genialidade, que esta indumentária quer dizer o ócio: ela ostenta o grande tempo gasto, ao se arrumar, em trabalho não útil, assim como a impossibilidade, uma vez a mulher pronta, de realização de qualquer trabalho útil. Por outro lado, dificilmente poderíamos dizer que a mulher que se arruma com esmero em busca de elementos de sedução, o faz somente para seu parceiro. Há sempre um lado público. É diferente a sedução da histeria. Quando esta usa elementos de sedução, só o faz porque os homens gostam, mas ela mesma não gosta (falta-lhe o momento propriamente auto-erótico).

(35) D.Braunschweig e M.Fain: *Eros e Anteros*. Payot, p.67-70; os grifos e os parênteses são nossos.

Uma paciente que trabalhava em publicidade, no setor de marketing, sentia-se mal nos demorados almoços, que avançavam até três, quatro horas da tarde, com os clientes, ficava travada em conversas gerais; era seu colega de trabalho que fazia tudo nestas ocasiões, ela "só fazia número". Se não fosse assim, iria sentir-se como uma prostituta, uma "vagabunda", pois aquelas eram horas normalmente de trabalho e não de *drinks* e conversas. Depois de três meses de análise, ela passou, espontaneamente, a usar maquiagem, coisa que nunca fizera, e roupas mais atraentes. Começou a gostar dos almoços com clientes. Além de sua relação com o trabalho, algo que foi analisado foi a sua necessidade de ser fiel ao namorado, ao marido, mesmo antes de ter tido o primeiro namorado.

No início da análise, namorava um rapaz que dizia que ela nunca deveria esconder nada dele, chegava mesmo a entrar com ela no consultório do ginecologista para que não houvesse segredos. Dizia-lhe que ela era como uma escultura sua que estava moldando (o ato de "esculpir" enrijece o material = cocô mole, ao mesmo tempo em que o "artista" fica com a posse do erotismo anal de sua namorada). Depois de algum tempo, a paciente rompeu com seu namorado.

Também no início da análise, teve um sonho: *"Estava na casa de sua tia, onde tinha seis ratos; estranho, mas ela não devia deixar que saíssem"*. Sua tia perdera o marido recentemente, e na noite anterior ao sonho, a paciente foi visitá-la, junto com primos seus. Depois de duas horas de visita, um dos primos propôs que fossem todos, primos, jantar fora. A paciente quis ficar mais tempo com a tia. Eram cinco os primos, seis com ela. O rato aparece como símbolo de contato com um meio ambiente mais amplo.

Como símbolo de contato com um meio mais amplo, o rato engloba a significação de infidelidade. É, afinal, esta significação que está no cerne da obsessão do homem dos ratos (obsessão de que o rato entraria pelo ânus de seu pai e de sua noiva). De fato, Freud escreve:

"Rememoremos uma vez mais as circunstâncias nas quais formou-se a grande obsessão. A libido do paciente estava sob pressão em razão de uma longa continência e devido aos avanços que as mulheres faziam ao jovem oficial (o paciente); ele, aliás, veio às manobras num certo estado de indiferença em relação à dama (sua noiva). Esta tensão de sua libido dispunha-o a retomar a antiga luta contra a autoridade paterna, e ele ousou pensar em satisfazer-se sexualmente, com outras mulheres. As dúvidas em relação à memória de seu pai e aos méritos de sua noiva reforçaram-se; neste estado de espírito, ele deixou-se levar a insultar os dois, mas então ele infringiu a si uma punição. Ele reproduzia assim um antigo protótipo. Ao hesitar tanto tempo, depois das manobras (tinha pensado em encontrar-se com as outras mulheres após terminadas as manobras militares), não sabendo se devia voltar a Viena ou ficar e manter seu juramento, ele exprimia estes dois conflitos, que há muito tempo existiam nele: o conflito com a obediência a seu pai e com a fidelidade à sua noiva".³⁶

A obsessão do homem dos ratos correspondia a um desejo, incrementado de vingança, de desfazer a disciplina anal de seu pai e sua noiva - aos quais submetia-se - com o que, desfaria a sua própria disciplina anal.

(36) Freud: *Cinq psychanalyses*. PUF, p.242; os parênteses são nossos.

Certos nomes brasileiros pejorativos da mulher, que a designam como mulher fácil e, mais fortemente, como prostituta, são nomes de aves - galinha, pomba gira, perua -, ou então, "vaca". As aves e o gado são os únicos animais domésticos que dormem em contato com as próprias fezes. O porco, apesar de seu uso comum para designar a sujeira, não o faz. Em francês, "*souris*" ("rato") é o equivalente do nosso "*galinha*".

Estas qualificações procuram desmontar as transformações do erotismo anal em coquetismo (coquete vem do francês, significa galinha).

A caracterização da vaca na mente humana como animal de grande indisciplina anal, podemos verificá-la na brincadeira infantil da vaca amarela. Manter o silêncio mostra a capacidade de retenção, quem falar primeiro come, simbolicamente, toda a bosta da vaca. A mesma brincadeira, no Estado do Rio de Janeiro, é feita com a andorinha, uma ave.

A mobilização da primeira fase anal com seu acompanhante, a ampliação dos contatos com o meio extra-familiar, pode não se restringir a um expediente regressivo de defesa contra a depressão, tal como vimos evidenciar-se na encopresia passiva e no caso extremo do mendigo. Na mulher, como estamos desenvolvendo, pode ter um sentido positivo, de abertura erótica para um objeto não familiar, quando então o ócio junta-se positivamente à sedução e ao prazer. Se bem que pensamos que também aí há um momento depressivo, variável, no desligamento dos objetos familiares.

Pouca importância foi dada, na psicanálise, à menstruação. O tabu da menstruação é quase geral entre os povos primitivos. Entretanto, Freud, ao referir-

se a ele em *Tabu da Virgindade e Mal-Estar na Civilização*, desenvolveu-o pouco. A exceção é Bruno Bettelheim, no seu livro *Feridas Simbólicas*, mas interessou-se basicamente pela enorme importância das reações do adolescente masculino frente à menstruação, deixando de lado a problemática na menina pubertária. Lewin aponta para o fato da menstruação ser vivida como incontinência anal. Ao meu ver, existe uma significação mais profunda e geral da menstruação que acaba englobando esta de incontinência anal. Quando se diz à menina que começou a menstruar, que agora ela pode engravidar, encobre-se o fato de que se está menstruada pode ter relações sexuais que não engravida. A menstruação é oposta à maternidade. A reclusão erótica característica da gravidez e dos primeiros tempos de maternidade é fato conhecido. A menstruação, ao contrário, significa abertura ao erotismo. É por ter este sentido maior que carrega consigo o de indisciplina anal.

Parece que toda a educação anal das meninas visa antecipadamente a menstruação, marcando-a de sujeira e limitando com isto a livre entrega ao erotismo.

A maternidade e o erotismo são as duas forças maiores da psicologia feminina. São, por natureza, opostas, e nenhuma tem razão contra a outra; o que faz o jogo e o equilíbrio entre ambas ser difícil. Braunschweig e Fain, assim como Serge Leclair, colocam a origem da sexualidade humana não exclusivamente nos cuidados maternos, como faz a teoria do apoio freudiana, mas também - momento decisivo -, nos distanciamentos da mãe quando esta se transforma em mulher. São estes distanciamentos que liberam compensatoriamente os auto-erotismos, os quais, num segundo momento, vão ligar-se aos traços mnêmicos dos cuidados maternos. A mãe da criança alérgica é praticamente só mãe, seu prazer maior está

na gravidez e no bebê. Seu filho não tem quase atividades auto-eróticas, e na vida adulta, se não supera o problema, mostra desinteresse pela vida sexual.

O leite e o sangue menstrual não combinam. No judaísmo, separa-se os talheres e a pia do leite e seus derivados dos talheres e pia da carne e seus derivados. O que é decisivo é o sangue da carne e não ela mesma.

A cor vermelha é comumente relacionada ao desejo sexual feminino, à atração erótica. A razão disto deve vir certamente da menstruação. O batom para os lábios, cuja cor é essencialmente vermelha, tem a mesma origem. Insistiu-se, Roheim por exemplo, que a maçã oferecida por Eva é um símbolo do seio materno; afastou-se assim o caráter mais chocante de sua cor vermelha. O coração - que lida diretamente com o sangue - é o símbolo maior do amor sensual. Também a rosa vermelha. A cor rosa, característica da menina, é uma maneira de nossa cultura colocar a menina - abrandando o vermelho de forma conveniente à idade - na linha da identidade feminina.

A oposição branco (leite) - vermelho (sangue menstrual) é, ao que parece, universal. Veremos vários exemplos.

O vestido branco da noiva, em nossa cultura ocidental, atesta sua virgindade e sua fidelidade futura. É como se o sangue se restringisse ao sangue da defloração breve.

As estórias de Branca de Neve e de Chapeuzinho Vermelho têm como conteúdo mais importante as significações da menstruação (estórias hoje quase universais que contrastam com a pouca importância dada pela psicanálise à

menstruação). Vamos ilustrar nossas concepções com *"Branca de Neve"*, fazendo uso, para tanto, da excelente análise de Bruno Bettelheim.³⁷

Algumas versões de *Branca de Neve* começam assim:

"Um conde e uma condessa passam por três montes de neve branca (o monte acentua a idéia de seio) o que faz o conde dizer: - 'Quisera ter uma filha tão branca como esta neve'. Pouco depois, passaram por três buracos cheios de sangue (o buraco acentua a idéia de vagina), e o conde disse: - 'Quisera ter uma filha com as faces tão vermelhas como este sangue'. Finalmente, viram três corvos voando (parecem significar a morte), quando ele desejou uma filha 'com os cabelos tão negros como os corvos'".³⁸

É interessante a análise que Bettelheim faz dos anões - simbolizam o trabalho, justamente.

"Como todos os anões, mesmo os desagradáveis, são trabalhadores e espertos em seus negócios. O trabalho é a essência de suas vidas; não têm descanso ou recreação. Embora os anões fiquem imediatamente impressionados pela beleza de Branca de Neve e comovidos com sua desgraça, deixam logo claro que o preço de viver com eles é comprometer-se num trabalho consciencioso. Os sete anões sugerem os sete dias da semana - dias cheios de trabalho".³⁹

(37) B.Bettelheim: *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Paz e Terra.

(38) *Ibid.*, p.239; os parênteses são nossos.

(39) *Ibid.*, p.248.

Ora, a descoberta que faz Branca de Neve de sua feminilidade, por etapas, primeiro o espartilho, depois o pente (ambos objetos de toilette feminina) e, finalmente, a maçã, todos oferecidos pela bruxa, ocorre ao mesmo tempo em que Branca de Neve se desprende do trabalho, em conformidade com o que vínhamos desenvolvendo. Continuando Bettelheim:

"Para vencer as suspeitas de Branca de Neve, a rainha divide a maçã ao meio, comendo a parte branca, enquanto Branca de Neve aceita a metade vermelha, envenenada. Repetidamente, falamos da natureza dupla de Branca de Neve: era branca como a neve e vermelha como o sangue - isto é, tinha tanto aspectos assexuais como eróticos. Quando come a parte vermelha (erótica) da maçã, termina sua inocência. Os anões, companheiros de sua latência, não podem mais ressuscitá-la (Branca de Neve se perde para o trabalho); Branca de Neve fez sua escolha, tão necessária quanto fatídica. O vermelho da maçã evoca associações sexuais, como as três gotas de sangue que precederam o nascimento de Branca de Neve, e também a menstruação, um acontecimento que marca o começo da maturidade sexual (Bettelheim não vê a conexão entre sexual e menstruação, usa 'e também'; mas de onde as gotas vermelhas poderiam significar o sexual, senão da menstruação?)".⁴⁰

Tomemos uma outra ilustração, dos relatos que Géza Roheim faz do folclore europeu de origem medieval:

(40) *Ibid.*, p. 252; os parênteses são nossos.

"Se há sangue no leite ou na urina da vaca, é por causa das feiticeiras. Na Suíça, se a feiticeira bebe leite fresco sem que tivéssemos juntado uma pitada de sal, haverá sangue no leite da vaca (...). Na Silésia, quando pessoas vêem feiticeiras seguindo-as de um estábulo a outro, as vacas ficarão com as tetas vazias ou então haverá sangue no leite (...). Uma camponesa tira bruscamente sua camisa, joga-a sobre a vaca e bate no animal com uma vassoura. Ela continua a bater até que o animal acabe de urinar ou defecar. A vaca, entretanto, não sente a dor, só a feiticeira sente. A vaca defeca na bota esquerda da camponesa, quando se pendura esta bota na chaminé, a feiticeira queima com ela (vemos por este exemplo, a ilustração da cadeia que examinamos: fezes moles - sangue menstrual). Para afastar os sortilégios, os alemães da Transilvânia recorrem às práticas seguintes: se uma vaca recusa manter-se de pé enquanto eles tiram o leite, eles batem nela com um cabo de vassoura. É a feiticeira que recebe todos os golpes (...); se há sangue no leite da vaca, eles fazem-na beber. Se uma vaca urina quando está sendo ordenhada é porque foi enfeitizada (...). Os romenos da Hungria crêem que se a vaca urina durante a ordenha é porque as feiticeiras estão tomando seu leite. Deve-se, então, recolher a urina num recipiente e vertê-la três vezes na vaca, tudo ficará assim em ordem. Os húngaros servem-se, com esta mesma finalidade, da urina ou dos excrementos da vaca".⁴¹

O toureiro atrai o touro com um pano vermelho, se bem que para o touro qualquer cor funcionaria igualmente. O toureiro deve representar desejos homossexuais masculinos, identificando-se à vaca. Nenhum esportista é tão coquete, na roupa e nos gestos, como um toureiro.

(41) G.Rohelm: *La panique des dieux*. Payot, p.254-7; o parênteses é nosso.

Dora, o célebre caso clínico de Freud, pode ser visto conforme as concepções que desenvolvemos. Na infância, Dora sofria de asma, na puberdade de enxaqueca, afecções da linha alérgica. Sua mãe tinha mania de limpeza. Na ocasião da análise do sintoma histórico de falsa apendicite, Freud escreve:

"... no segundo dia apareceram com fortes dores, as regras irregulares desde o início de sua doença. Ela disse ter sofrido constantemente, nesta época, de constipação".⁴²

A forte ligação ao familiar de Dora continuou na adolescência passando da alergia à neurose histérica. Precisamos, aqui, nos antecipar sobre o que desenvolveremos no capítulo seguinte, a respeito da neurose histérica. **A grosso modo**, na histeria há uma reação à dessexualização do Complexo de Édipo, não tanto por não se querer abandonar o investimento libidinal em si mesmo, mas por sua conseqüência que seria projetar o filho na seqüência das gerações, no limite temporal da vida. Estende-se indefinidamente o tempo insuflando vida ao pai através do investimento libidinal. Nos termos de *Totem e Tabu*, uma vez começada, há uma reação à seqüência morte do pai, exogamia. Os substitutos transferenciais do pai têm por objetivo, nesta perspectiva, eternizar a vida do pai, dar-lhe sete vidas.

Freud apoia, em grande parte, a compreensão do caso, em dois sonhos de Dora. No primeiro sonho, o pai aparece disciplinando-a para a limpeza, especialmente a urinária, ao mesmo tempo que o desejo do sonho procura anular o pai como portador de moléstia sexual contagiosa (sífilis), quer dizer, em nossos termos, portador do estranho. No segundo sonho - no qual Freud viu um progresso

(42) Freud: *Cinq psychanalises, Dora*. PUF, p.75.

de sua paciente em direção à cura: *"Este segundo sonho anunciava com efeito que ela se desligará de seu pai e que ela será reconquistada pela vida"* - **o pai de Dora está morto** e ela está **no estrangeiro**. Aparece identificada com uma mulher de classe mais baixa, a governanta, cujo pai não a quer de volta na família, e descobre a vagina (as ninfas do bosque das associações do sonho). A identificação à governanta é central no sonho. É ela que *"atuada"* leva ao rompimento do tratamento. A recusa, num primeiro momento apenas, desta identificação, está na origem do rompimento com o Sr. K (o Sr. K quando declarou seu amor a Dora, falou-lhe a mesma frase que usou com a governanta).

Pensamos que os dois destinos, o da filha do proprietário e o da filha do porteiro, descritos por Freud em *Conferências Introdutórias à Psicanálise*⁴³ são típicos. As moças *"de bem"* acabam só encontrando a sexualidade vaginal passando por uma identificação às moças de classes baixas. Esta identificação é simultaneamente um afrouxamento da educação anal recebida. O grande mal-estar que muitas donas de casa sentem quando a empregada doméstica deixa o emprego justifica-se não tanto pela sobrecarga de trabalho que fica para a patroa, mas porque agora ela passa bruscamente a estar no papel da empregada, que tinha sido objeto de projeções de tendências sexuais inconciliáveis na patroa.

A análise do segundo sonho traz de volta a ocasião em que Dora admirou durante uma hora e meia o quadro da Madona de Dresde. Trata-se da Madona Sistina de Rafael. Como Lionello Venturi⁴⁴, historiador de arte, observou, esta Madona é diferente das demais. Seus traços belos são de uma jovem da **classe popular** de Roma. Acrescentamos às observações de Venturi que **esta virgem usa um vestido vermelho** (sob a manta).

(43) Freud: *Introduction à la psychanalyse*. Payot, p.333.

(44) L.Venturi: *A pintura de Giotto a Chagall*. Editora Lisboa, p.70.

A análise deste sonho, levou Freud a pensar num amor homossexual de Dora à Sra. K. A admiração da Madona seria uma manifestação deste amor. Pensamos, em função do que desenvolvemos, que não se trata de homossexualismo, mas sim, de uma identificação à mulher, mesmo porque esta Madona é muito jovem para representar a Sra. K; tem mais ou menos a idade de Dora.

Conforme pensou Freud, na infância, a menina desconhece o erotismo vaginal. Suas sensações genitais são unicamente clitorianas. Comparado ao pênis do menino, ela sente o clítoris em grande desvantagem. Chega a pensar, por um tempo, que foi castrada. Deste contexto, nasce a inveja do pênis que marca fortemente a psicologia da menina e, mais tarde, da mulher, se ela não consegue superá-la.

No entanto, podemos constatar na clínica que a inveja do pênis acompanha sempre a histeria ou os traços de caráter anais fortes, ou então, ainda, a permanência de analidade grosseira, não transformada em nada em coquetismo, que está no centro de fortes tendências homossexuais inconscientes ou do homossexualismo manifesto⁴⁵. Parece-nos que a não integração, na sexualidade da menina, da primeira fase anal transformada, deixa a menina como que sem sexo próprio e leva-a a invejar o pênis. Quando a integração se faz, ela dá um sexo à menina e prepara-a para a aceitação da vagina. Parece-nos, também, que a ausência de orgasmo vaginal na moça e na mulher é devido a uma fantasia de que o orgasmo levaria a um descontrole intestinal, a uma diarreia.

(45) Joyce McDougall e outros: De l'homosexualité féminine in *La sexualité féminine*. Payot, p.247.

A estória da Gata Borralheira ilustra o que estamos dizendo. A Gata Borralheira passa pelo contato com a sujeira - já em seu nome "*borralheira*" refere-se a borra, resíduo e, daí, também fezes -, depois, transforma-se na mais bela. O símbolo do sapatinho que encaixa perfeitamente no pé é o do encontro da vagina com o pênis em perfeito acordo. Suas irmãs, que projetaram fora de si a sujeira, para calçarem o sapatinho, terem relações sexuais, devem cerrar os dedos = pênis, sendo que o resultado não é bom. Quando dissemos "*transforma-se na mais bela*", o importante é "*transformar-se*" e não a beleza em si.

PARTE IV: A VISÃO E O OLFATO

O erotismo anal é submetido, conforme pensou Freud, a um tipo de recalque diferente, "recalque orgânico", como o designou. Escreveu a respeito no artigo *Sobre o Mais Geral dos Rebaixamentos da Vida Amorosa* de 1912, e depois em 27, retomou o tema em *Mal Estar na Civilização*. Citamos, em seguida, duas passagens de *Mal Estar*:

"A periodicidade orgânica do processo sexual persistiu, é verdade, mas seu efeito sobre a excitação sexual psíquica foi invertido. Parece mais provável que esta modificação se tenha vinculado à diminuição dos estímulos olfativos, através dos quais o processo menstrual produzia efeito sobre a psique masculina. Seu papel foi assumido pelas excitações visuais, que em contraste com os estímulos olfativos intermitentes, conseguiram manter um efeito permanente. O tabu da menstruação deriva-se desse 'recalque orgânico' como defesa contra uma fase de desenvolvimento que foi superada. Todos os outros motivos são provavelmente de natureza secundária (cf. C.D.Daly, 1927). Esse processo se repete em outro nível quando os deuses de um período da civilização superado se transformam em demônios. A própria diminuição dos estímulos olfativos parece ser consequência de o homem ter se erguido do chão, de sua adoção de uma postura ereta; isso tornou seus órgãos genitais, anteriormente ocultos, visíveis e necessitados de proteção, provocando desse modo sentimentos de vergonha nele. O processo fatídico da civilização ter-se-ia assim estabelecido com a adoção pelo homem de uma postura ereta. A partir desse ponto, a cadeia de acontecimentos teria prosseguido, passando pela desvalorização dos estímulos olfativos e do

isolamento das mulheres no momento da menstruação, até a época em que os estímulos visuais se tornaram predominantes e os órgãos genitais ficaram visíveis, e, daí, para a continuidade da excitação sexual, a fundação da família e, assim, para o limiar da civilização humana. Isso não passa de especulação teórica, mas é suficientemente importante para merecer uma averiguação cuidadosa a respeito das condições de vida que predominam entre os animais estreitamente relacionados ao homem".

"Um fator social está também, inequivocamente, presente na tendência cultural para a limpeza, que recebeu, ex post facto, justificativa em considerações higiênicas, embora se tenha manifestado antes da descoberta destas. O incentivo à limpeza origina-se num impulso a livrar-se das excreções, que se tornaram desagradáveis à percepção dos sentidos. Sabemos que, no quarto das crianças, as coisas são diferentes. Os excrementos não lhe despertam repugnância. Parecem-lhes valiosos, como se fossem parte de seu próprio corpo, que dele se separou. A partir disso, a educação insiste com especial energia em apressar o curso do desenvolvimento que se segue e que tornará as excreções desvalorizadas, repugnantes, odiosas e abomináveis. Essa inversão de valores dificilmente seria possível, se as substâncias expelidas do corpo não fossem condenadas, por seus intensos odores, a partilhar do destino acometido aos estímulos olfativos depois que o homem adotou a postura ereta. O erotismo anal, portanto, sucumbe em primeiro lugar ao 'recalque orgânico' que preparou o caminho para a civilização. A existência do fator social responsável pela transformação ulterior do erotismo anal é atestada pela circunstância de que, apesar de todos os progressos do homem, ele dificilmente acha repulsivo o odor de suas próprias excreções, mas somente o das

outras pessoas. Assim, uma pessoa não asseada - que não esconde as suas excreções - está ofendendo outras pessoas; não mostra consideração por elas. E isso é confirmado por nossas expressões de injúria mais fortes e mais comuns. Seria incompreensível, também, que o homem empregasse o nome de seu mais fiel amigo no mundo animal - o cão - como termo injurioso, se essa criatura não provocasse seu desprezo através de duas características: ser um animal cujo sentido dominante é o do olfato e não ter horror dos excrementos, nem se envergonhar de suas funções sexuais".⁴⁶

No final do Capítulo IV de *Mal Estar na Civilização*, Freud é levado a pensar que a pulsão sexual nela mesma, independente de pressões externas, não chega a uma satisfação plena. Examina algumas razões para isto e conclui que:

"A conjectura mais profunda porém é aquela que se deriva do que afirmei em minha nota de rodapé à p.57 e seg. (é a citação que fizemos a pouco), no sentido de que, com a adoção de uma postura ereta pelo homem e a depreciação de seu sentido olfativo, não foi apenas o seu erotismo anal que ameaçou cair como vítima do recalque orgânico, mas toda a sexualidade, de tal maneira que, desde então, a função sexual foi acompanhada por uma repugnância que não pode ser explicada por outra coisa, e que impede sua satisfação completa, forçando-a a desviar-se do objetivo sexual em sublimações e deslocamentos libidinais. Sei que Breuer (1913) certa vez assinalou a existência de uma atitude rechaçante primária como esta para com a vida sexual. Todos os neuróticos e várias outras pessoas, repudiaram o fato de que o 'inter urinas et faeces nascimur'

(46) Freud: *Mal estar na Civilização*. Imago, Volume XXI, p.119-121; os grifos são nossos e fizemos uma pequena correção na tradução.

(nascemos entre urinas e fezes). Também os órgãos genitais dão origem a intensas sensações de odor que muitas pessoas não podem tolerar e que estragam suas relações sexuais. Assim, descobriríamos que a raiz mais profunda do recalque sexual que avança juntamente com a civilização, é a defesa orgânica da nova forma de vida alcançada com o porte ereto do homem contra sua primitiva existência animal".⁴⁷

No artigo *Sobre o Mais Geral dos Rebaixamentos da Vida Amorosa*, Freud escreveu que por duas razões a pulsão sexual é impedida de atingir plena satisfação: seu desenvolvimento bifásico (infantil e pubertário) e o "recalque orgânico" da analidade, acrescido do recalque das tendências sádicas. A primeira razão deriva do Complexo de Édipo. Ela não é mais levantada em *Mal Estar na Civilização*, ao mesmo tempo em que Freud fala da segunda, restrita, agora, apenas ao recalque da analidade, como sendo a "mais profunda".

Em *Sobre o Mais Geral dos Rebaixamentos*, Freud pensa que a analidade é contrária a valores estéticos da civilização. Em *O Ego e o Id* retoma a questão:

"Desde o começo (da psicanálise) atribuímos às tendências morais e estéticas no ego àquilo que dá impulso ao recalqueamento".⁴⁸

As concepções de Braunschweig e Fain, que desenvolvemos, das transformações do erotismo anal em coquetismo, vêm integrar a analidade no

(47) *Ibid.*, p.127; os parênteses e os grifos são nossos.

(48) Freud: *Essais de psychanalyse, Le moi et le ça*. Payot, p.248).

erotismo geral dando possibilidades de satisfação erótica e, isto, através de valores estéticos e sensuais.

As concepções de Freud de uma oposição entre visão e olfato (e excrementos) não são puramente especulativas, encontram base em material clínico freqüente. Por exemplo, o relato de Bion do início da sessão de um paciente:

"Nessa manhã, chega quinze minutos atrasado e deita-se no divã. Leva algum tempo mexendo-se de um lado para o outro, claramente procurando encontrar uma posição confortável. Finalmente diz: - 'Acho que hoje eu não vou fazer nada' (a recusa do trabalho num 'contexto anal', como aparecerá em seguida)⁴⁹. 'Eu devia ter telefonado para minha mãe'. Faz uma pausa e acrescenta: - 'Não. Eu achei que ia ser assim'. Segue-se uma longa pausa; então diz: - 'Nada, a não ser coisas sujas e cheiros ruins'. Pausa. 'Eu acho que perdi a visão'".⁵⁰

Nos dois casos clínicos de Freud publicados de neurose obsessiva - neurose esta fixada na fase sádico-anal -, o "homem dos ratos" e o "homem dos lobos", encontramos a incompatibilidade visão-olfato. A grande obsessão do homem dos ratos (que um rato entrasse pelo ânus de seu pai e de sua noiva) ocorre logo depois que ele perde seus óculos, ele que era muito *voyerista* na infância. Quer dizer, a perda de visão leva a uma regressão à analidade. O homem dos lobos dizia ver tudo impreciso como se tivesse um véu diante dos olhos e só enxergava nítido quando evacuava.

(49) O parênteses é nosso.

(50) Bion: *Estudos Psicanalíticos Revisados*. Imago, p.53; grifado por nós.

O sentido da visão é da distância, ao passo que o olfato é da proximidade. No entanto, a atração exercida pela mulher, através das transformações da primeira fase anal, é visual. É visual, mas **atração** é, contrariamente, redução de distância. Podemos, então, pensar que na atração visual existe uma infiltração da analidade desfazendo a distância visual. O erotismo da primeira fase anal desfaz a distância, desfaz o caráter de sobrevivência da visão (certamente a visão é o sentido de maior valor vital) - o sexo abre seu campo eliminando a sobrevivência -, mas também desfaz o pensamento intelectual que, para Freud, deriva parcialmente do *voyerismo*⁵¹, e que serve igualmente à sobrevivência.

O homem, cuja educação é muito forte na orientação para o trabalho (apesar de em nossos dias as mulheres trabalharem bem mais que no passado, a frustração profissional lhes pesa bem menos que pesa para os homens) fica atraído pela mulher, que dissipa a vida de trabalho.

Na infância, em forma de expectativa, a analidade do menino é orientada para o trabalho do futuro. Esta orientação é bem menor no caso da menina. Sua analidade guarda, então, um maior potencial erótico, daí sofrer normalmente uma educação esfinquiteriana mais severa.

O filme de Wim Wenders, *Asas do Desejo*, mostra muito bem estas últimas relações. O anjo, sem realidade carnal, **supervisiona** o mundo. Seus únicos sentidos são a visão e a audição⁵². A trapezista, num momento, está no trapézio, com asas. Alguém diz: "*asas de anjo*". Outro: "*não, de galinha*" ("*galinha*", de quem vimos os significados anais). Ela **perde o trabalho** e o anjo se afeiçoa a ela. Sonha

(51) Freud: *Uma lembrança da infância de Leonardo da Vinci*.

(52) Como os voyeristas, os anjos vêem sem serem vistos.

com ele e quer encontrá-lo na realidade. **Veste-se de vermelho** para o encontro. Enquanto lhe fala de si, diz: *"Tive muitos homens. Eram meus pais, mas poderiam ser outros".*

Em *Mal Estar na Civilização*, Freud vê o início da civilização na adoção da posição ereta do homem, concomitante ao recalque orgânico da analidade e desenvolvimento da visão. Devido a esta transformação, a sexualidade genital assume o primeiro plano e, com ela, **inicia-se a família**. A história freudiana pode ser mítica, estamos interessados apenas nas relações que ela estabelece. **Destas relações, podemos tirar que a sexualidade anal tem um potencial não familiar.**

O recalque orgânico da analidade, e que segundo Freud acaba atingindo a sexualidade em sua totalidade (em menor grau, certamente), é anterior ao recalque originário, que tem como conteúdo os acontecimentos da família (horda) primitiva até o assassinato do pai. Esta, parece, deve ter sido a razão principal para Freud denominar *"orgânico"* o recalque e dizer que ele é *"mais profundo"*. Os acontecimentos da família primitiva vão formar as fantasias originárias que caracterizam, enfim, o Complexo de Édipo. Pelo estudo da sexualidade da mulher, pudemos reencontrar a analidade não disciplinada, através de suas transformações.

PARTE V: UMA CONTRADIÇÃO DE FREUD

Nesta parte, iremos mostrar, através do exame do artigo de Freud, *Sobre o Mais Geral dos Rebaixamentos da Vida Amorosa* (1912) e, particularmente, através de uma contradição deste artigo com um anterior de dois anos, *Um Tipo Particular de Escolha de Objeto no Homem* (os dois artigos mais *O Tabu da Virgindade* formam uma coletânea que Freud designou *Contribuição à Psicologia da Vida Amorosa*), como o homem necessita, para que seu desejo sexual se manifeste mais intensamente, que a mulher rebaixe-se a uma certa vulgaridade, rebaixamento este que, paradoxalmente, ao mesmo tempo, a eleva como mulher. De acordo com o que vimos, este rebaixamento da mulher não existe com a finalidade primeira de satisfazer um desejo do homem, mas sim independentemente, devido a um movimento próprio da mulher em busca de uma abertura erótica. Desta maneira, o desejo do homem e o da mulher se harmonizam.

Vejamos, então, *Sobre o Mais Geral dos Rebaixamentos da Vida Amorosa*.

Com exceção de poucos, os homens civilizados têm sua vida amorosa dividida: "*Lá onde eles amam, não desejam e lá onde eles desejam, não podem amar*".⁵³

O amor e o desejo sexual têm origens diferentes. O primeiro deriva da sexualidade infantil que se transforma em uma "*corrente amorosa*"; o segundo provém da nova vaga da sexualidade a partir da puberdade.

(53) Freud: Sur le plus général des rebaissements de la vie amoureuse in *La vie sexuelle*. PUF, p.59.

Quanto à corrente amorosa, mais tarde, em *O Ego e o Id*, ela vai resultar, na infância, da inibição de objetivos eróticos. No artigo que estamos examinando, de onze anos anterior, ela resulta de um desvio dos objetivos sexuais em direção das pulsões de conservação, às quais investem, neste período de dependência vital, os objetos parentais.

O desejo sexual, ou "*corrente sensual*", não desconhece mais seus objetivos sexuais. Procura, inicialmente, investir os objetos já "*escolhidos*" pela corrente terna. Mas, como anteriormente foi erguida a barreira contra o incesto, a corrente sensual recua dos objetos da infância e dirige-se para objetos de fora da família. A corrente amorosa, por sua vez, tende a seguir este novo caminho aberto. "*O homem deixará pai e mãe - como prescreve a Bíblia - e seguirá sua mulher: amor e sensualidade são então reunidos*"⁵⁴. Este desenvolvimento da libido é, todavia, normalmente entravado devido à proibição social da atividade sexual até o casamento e devido às atrações que os investimentos sexuais infantis - parte que não se transformou em amor -, agora sob recalque, exercem sobre a sexualidade pubertária. Se, em razão destes fatores, a nova vaga sensual, pubertária, reinvestir na sua totalidade regressivamente os objetos infantis, seja sob a forma erótica - que deve ficar recalçada -, seja sob um reforço do amor, o homem ficará impotente sexualmente com um objeto externo de forma absoluta. Geralmente, o que ocorre é que a corrente sensual é suficientemente forte para escapar de tal grau de inibição e encontra vias de satisfação na realidade. Dirige-se ao objeto que não se ama, pois "*quando emana de uma pessoa uma impressão que poderia conduzir a uma alta valoração psíquica, ela não leva a uma excitação da sexualidade mas ao amor sem efeitos eróticos*"⁵⁵. O objeto que desperta o amor confundir-se-ia com a mãe (ou

(54) *Ibid.*, p.57.

(55) *Ibid.*, p.58-9.

irmã) em quem o amor fixou-se e o homem se veria impotente sexualmente em relação a este objeto.

"Contra este distúrbio, o principal meio de proteção que utiliza o homem, cuja vida amorosa é assim dividida, é o rebaixamento psíquico do objeto sexual, enquanto que a superestimação normalmente ligada ao objeto sexual é reservada ao objeto incestuoso e seus representantes".⁵⁶

O pensamento de Freud torna-se, aqui, difícil. O rebaixamento do objeto sexual é conseqüência da impotência sexual que, por sua vez, é conseqüência da divisão da vida amorosa⁵⁷. Por outro lado, acontece que na divisão da vida amorosa, o objeto sexual **já se encontra rebaixado**. O rebaixamento devido à impotência ocorreria porque certo objeto teria escapado do rebaixamento devido à divisão?

A situação complica-se mais ainda se considerarmos, em relação a este tema, uma flagrante contradição do pensamento de Freud. Vejamos de que contradição se trata.

No artigo que estamos examinando, Freud escreve, referindo-se ao artigo anterior de dois anos, *Um Tipo Particular de Escolha de Objeto no Homem*:

(56) Ibid., p.59.

(57) Qualquer dúvida sobre se o rebaixamento é ou não conseqüência da divisão da vida amorosa é tirada pela seguinte afirmação de Freud: *"Penso que a condição de interdição na vida amorosa da mulher é assimilável a necessidade no homem de rebaixar o objeto sexual. Todos dois são conseqüências do tempo longo entre a maturidade e a atividade sexual (...) Todos dois procuram suprimir a impotência psíquica que resulta da não confluência das noções terna e sensual".* Ibid., p.62; grifado por nós.

"Em nossa primeira contribuição foi questão das fantasias do menino que rebaixa a mãe ao papel de puta; nós apreendemos agora os motivos que as tornam compreensíveis. São esforços para jogar uma ponte, ao menos de maneira fantasiosa, sobre o abismo que separa as duas correntes da vida amorosa e para fazer da mãe, rebaixando-a, um objeto da sensualidade".⁵⁸

Ora, no entanto, no referido artigo, Freud diz que o menino não considera a prostituta alguém inferior:

"Este desprezo só pode ser estranho ao pensamento do menino, ele sente em relação a estas infelizes (as prostitutas) apenas uma mistura de atração e horror".⁵⁹

E o homem que foi este menino *"trata as mulheres assim caracterizadas (como prostitutas) como objetos de amor do mais alto valor"⁶⁰*. Quer dizer, são valorizadas e não rebaixadas.

Vamos ver como podemos esclarecer estes problemas do pensamento de Freud.

A divisão da vida amorosa tem, além da que vimos, uma outra causa. Certas moções pulsionais perversas de tipo sádico e anal, na maioria dos indivíduos, são vivas, e só podem obter satisfação com objetos rebaixados (em *Mal*

(58) Ibid., p.59.

(59) Freud: Un type particulier de choix d'objet chez l'homme in *La vie sexuelle*. PUF, p.52; o parênteses é nosso.

(60) Ibid., p.49; o parênteses é nosso.

Estar na Civilização, quando Freud retoma este tema, deixa de falar, como vimos, de pulsões sádicas, realçando apenas as anais).

A confusão do pensamento de Freud parece-nos ligar-se a que, quando se trata deste segundo fator de divisão da vida amorosa, não é correto falar-se de corrente amorosa de um lado e sexualidade perversa de outro. O certo seria "*mulher de respeito, pudica*", de um lado e tendências perversas de outro. Procuraremos mostrá-lo. Para tanto, tomaremos um momento do pensamento de Freud, quando está procurando responder às possíveis objeções à sua etiologia da impotência sexual. Aí, as dificuldades ficam mais evidentes. Vamos começar por citar um longo trecho do artigo para comentá-lo em seguida:

"Nós reduzimos a impotência psíquica a não confluência das correntes amorosa e sensual na vida amorosa e nós explicamos, por sua vez, esta inibição de desenvolvimento pela influência de fortes fixações infantis e da frustração aparecida depois. Antes de mais nada, pode-se fazer a este teoria a seguinte objeção: ela peca por excesso, ela nos explica porque certas pessoas sofrem de impotência psíquica mas faz aparecer como misterioso o fato de que outras possam ter escapado a esta afecção. A presença de todos os fatores manifestos em questão: forte fixação infantil, barreira contra o incesto, frustração nos anos de desenvolvimento pós-pubertário (note-se que não é feita menção aos objetivos perversos, em se tratando do problema da impotência) pode ser reconhecido praticamente em todos os homens civilizados; estaríamos então no direito de esperar que a impotência psíquica seja uma afecção universal no quadro da civilização e não a doença de alguns.

Poderíamos facilmente abandonar este raciocínio invocando o fator quantitativo do determinismo da doença, este mais ou menos de que é afetada a ação de cada um destes fatores e de que depende o aparecimento de uma doença caracterizada. Mas, por mais que eu queira reconhecer que esta solução é bem fundamentada, não tenho a intenção de rejeitar o raciocínio em questão; quero propor, ao contrário, uma tese que faz da impotência psíquica algo muito mais freqüente do que acreditamos, um certo grau de impotência caracteriza a vida amorosa do homem civilizado.

Se estendermos o conceito de impotência psíquica e não nos limitarmos mais a falha do ato do coito, nos casos nos quais existem uma intenção de prazer e um aparelho genital intacto, devemos incluir todos estes homens que designamos como sofrendo de anestesia psíquica e nos quais o ato realiza-se sem falha, mas sem ganho de prazer particular: são casos mais freqüentes do que gostaríamos de acreditar. A investigação psicanalítica de tais casos descobre os mesmos fatores etiológicos no sentido estrito, sem que as diferenças sintomáticas encontrem de imediato uma explicação. Destes homens que sofrem de anestesia uma analogia fácil de justificar nos conduz ao número enorme de mulheres frígidas, cujo comportamento amoroso pode ser melhor descrito ou compreendido comparando-o com a impotência psíquica, que chama mais atenção, do homem.

Mas, se em vez de visarmos a uma extensão do conceito de impotência psíquica, nós considerarmos as formas simplesmente esboçadas de sua sintomatologia, não podemos deixar de pensar que o comportamento amoroso do homem em nossa civilização atual tem, em seu conjunto, o caráter da impotência sexual. A corrente

amorosa e a corrente sensual só fusionaram como convém num muito pequeno número de seres civilizados; quase sempre o homem sente-se limitado em sua atividade sexual pelo respeito da mulher e só desenvolve sua plena potência quando ele está em presença de um objeto sexual rebaixado, o que se baseia, por outro lado, no fato de que intervenham, nos objetivos sexuais, componentes perversos que ele não se permite satisfazer com uma mulher que respeita. Ele só chega a um pleno gozo sexual quando pode abandonar-se sem reservas à satisfação, o que não ousa fazer, por exemplo, com sua esposa pudica. De lá provém sua necessidade de um objeto sexual rebaixado, de uma mulher moralmente inferior em relação à qual não tem que atribuir escrúpulos estéticos, que não o conhece em sua vida e não possa julgá-lo. É a esta mulher que ele consagra de preferência sua potência sexual, mesmo se seu amor vá inteiro à mulher de mais alto nível. Observamos, freqüentemente, nos homens pertencentes às classes sociais mais elevadas, a preferência em manter por muito tempo como amante e mesmo a escolher como esposa uma mulher de condição inferior; pode ser que ocorra, neste caso, somente a consequência da necessidade de ter um objeto sexual rebaixado, ao qual é ligada psicologicamente a possibilidade de satisfação completa".⁶¹

Neste trecho, vemos que Freud, na medida em que passa da consideração da impotência sexual à consideração da anestesia sexual (num momento acaba por separar os dois sintomas), passa, ao mesmo tempo, do conflito amor-sensualidade para o conflito entre, de um lado, pudores, desaprovação estética, e de outro, sexualidade perversa, satisfação completa.

(61) Freud: Sur le plus général des rebaissements de la vie amoureuse in *La vie sexuelle*. PUF, p.59-61; o parênteses é nosso.

O "respeito a mulher", à "esposa pudica", passam para o primeiro plano, em lugar do amor pela mãe e pelos objetos que a substituem. Nesta altura, Freud fala das perversões sexuais, o segundo fator de rebaixamento, e restringe o primeiro fator, edipiano, aos casos de impotência sexual franca (seria um tanto estranho que o indivíduo pudesse ter relações com uma figura materna desde que não desfrutasse muito). Freud foi, aqui, fiel aos dados empíricos mesmo que entrassem em contradição com sua teoria que coloca de um lado do conflito apenas a "corrente amorosa".

Poderíamos dizer aqui que a restrição sexual diante da mulher que se respeita tem uma origem interna, no indivíduo, mas também um obstáculo externo, na mulher que quer ser respeitada.

A contradição que vimos em relação ao artigo anterior, no qual rebaixamento e amor corriam juntos, deixaria de existir se considerarmos que o rebaixamento conforme o segundo fator é uma **necessidade** para a aceitação do erotismo anal. Um rebaixamento que eleva. É mais ou menos isto que Freud escreve em *Sobre o Mais Geral dos Rebaixamentos...*:

"O que vou dizer é desagradável de se escutar e além disto paradoxal, mas somos forçados a dizê-lo: para ser, na vida amorosa, verdadeiramente livre e, com isto, feliz, é necessário ter superado o respeito pela mulher e familiarizar-se com a representação do incesto com a mãe ou a irmã ('respeito', sendo separado pela conjunção 'e' de 'incesto', refere-se, de fato, ao segundo fator). Aquele que, em relação a esta exigência submete-se a um exame de consciência sério, descobrirá sem nenhuma dúvida que, no fundo dele mesmo, considera o

ato sexual como algo rebaixante que mancha e suja mais que o corpo".⁶²

Na terceira parte do artigo, Freud faz dos dois fatores que considerávamos, elementos que, em razão da força civilizatória, acabaram sendo assimilados pela própria pulsão sexual, levando a que ela, em consequência desta assimilação, não pudesse mais obter pela satisfação. O primeiro fator levaria à insatisfação porque o objeto pós-pubertário é apenas um substituto do objeto infantil. O segundo fator devido a que, apesar da domesticação, a pulsão sexual nunca deixa de manter seu aspecto primitivo:

"Todos estes processos de desenvolvimento abrangem apenas as camadas superiores desta estrutura complexa. Os processos fundamentais que levam a excitação amorosa permanecem imutáveis. O excremental é muito intimamente ligado ao sexual, a situação dos órgãos genitais - inter urinas et faeces - permanecem o fator determinante imutável".⁶³

Não estaria Freud, nestas últimas linhas, dizendo que o rebaixamento ao anal é necessário para a maior satisfação sexual?

(62) Ibid., p.61; o parênteses é nosso.

(63) Ibid., p.64-5.

CAPÍTULO III

A HISTERIA E A MORTE

A HISTERIA E A MORTE

A MENSTRUACÃO E O TEMPO

Vimos no capítulo II, a importância, na psicologia feminina, do conflito mãe-mulher. A menstruação, opondo-se à gravidez, passou a conter a significação de sensualidade. Pois bem, neste terceiro capítulo, desenvolveremos um outro significado da menstruação, sua relação com a morte ou, mais precisamente, com o limite temporal da vida. Procuraremos ver, também, como estas duas significações se combinam.

Na menstruação, o corpo da mulher põe à mostra, deixa ver, um funcionamento biológico independente da vontade. Os funcionamentos biológicos são normalmente ocultos dentro do corpo. Além do tempo do ciclo, a menstruação manifesta concretamente fases da vida. Tem seu momento de começar, assim como de acabar definitivamente, quando cessa, então, para a mulher, a possibilidade de formar novas vidas. O corpo do homem não possui este implacável relógio (por isso que a morte é, geralmente, representada por uma mulher). O homem poderia ter como base o idoso. Mas, geralmente, seu narcisismo tende a deixar o problema restrito ao idoso. O narcisismo da mulher não pode tanto contra a verdade da menstruação. No homem, geralmente, a presença do limite temporal da vida é mais vaga, sua elaboração mais lenta.

Uma reação à mensagem de morte da menstruação pode ter sido a causa, entre os antigos, do falo significar a vida.

A demonstração da relação da menstruação com a morte, vamos procurar fazê-la, neste capítulo, passando, principalmente, pela compreensão da neurose histérica de conversão. Veremos que esta neurose é uma reação contra a idéia da morte. A histeria, como várias vezes Freud afirmou, é uma doença típica da mulher. Na linha de nosso pensamento, isto é devido à maior evidência da mensagem de morte no corpo da mulher e, em consequência, a possibilidade de uma reação defensiva mais intensa. Assim como Freud viu, a histeria existe também no homem, embora menos freqüente. Procuraremos, também, examinar a forma da histeria masculina. Na parte final, iremos discutir a questão da representação da morte no pensamento de Freud.

Antes **vamos deixar que os fatos falem**. Para tanto, recorreremos a todos os casos de histeria de conversão relatados por Freud em sua obra, aos quais todos temos acesso.

No exame destes casos, vamos nos deparar constantemente com uma relação da histeria com a morte, relação que não foi observada por Freud salvo no estudo sobre Dostoievski. Poder-se-ia dizer que nossa constatação é exata, mas acrescenta pouco: estaria apenas verificando a presença da angústia de castração na origem da neurose histérica, pois Freud desenvolveu que a angústia de morte é um derivado da angústia de castração. Este pensamento de Freud é, no entanto, extremamente problemático, pois Freud concluiu que a mulher não tem angústia de castração (já que não tem o pênis para perder) - **portanto, não deveria ter angústia de morte** - e, no entanto, as mulheres não são menos sujeitas à angústia de morte do que os homens. De onde, nas mulheres, poderia vir, então, a angústia de morte?

Eis duas passagens de Freud referentes ao que dissemos:

"... a angústia de morte, como a angústia de consciência, pode ser concebida como elaboração da angústia de castração".¹

"A angústia de castração não é seguramente o único motivo do recalque e não existe nas mulheres que são suscetíveis todavia de ter um complexo de castração".²

(1) Freud: Ego e Id in *Essais de psychanalyse*. Payot, p.274.

(2) Freud: *Nouvelles conférences sur la psychanalyse*. Gallimard, p.116.

PARTE I: OS CASOS DE HISTERIA DE FREUD

Como dissemos, Freud, no estudo sobre Dostoievski³, ligou o sintoma de conversão à representação da morte. É o último "caso de histeria", nos escritos de Freud - como se fosse, finalmente, a revelação daquilo que sempre estivera ocultado. Começaremos, então, por ele, para depois examinarmos, seguindo sua ordem cronológica, os outros casos.

■ Dostoievski

Freud considera a epilepsia do grande escritor, uma pretensa epilepsia. Na realidade, um sintoma histérico. Uma primeira forma sintomática existia na infância e adolescência, sendo que a "epilepsia" propriamente dita aparece depois dos dezoito anos, quando o pai de Dostoievski foi assassinado. Quanto à primeira forma da doença, Freud escreve:

"Estes ataques significam a morte; eram precedidos de acessos de medo de morrer, e consistiam em estados de sono letárgico. A enfermidade apoderou-se dele menino, sob a forma de uma profunda melancolia; um sentimento - conforme o próprio Dostoievski conta logo a seu amigo Strachoff - como se fosse morrer naquele momento e, efetivamente, a este sentimento seguia um estado análogo a morte verdadeira (...) Conhecemos o sentido e

(3) Freud: *Dostoyevsky y el parricidio*. Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, España, Madrid, p.3004.

a intenção de tais ataques que fingem a morte. Supõem uma identificação com um morto, com uma pessoa que morreu realmente ou que vive ainda, mas a quem se deseja a morte. O ataque tem então um valor de castigo. O sujeito desejou a outro a morte e agora é ele aquele outro e está morto. Neste ponto, a psicanálise sustenta a afirmação de que o outro é, regularmente, para o menino, seu próprio pai. O ataque - chamado histérico - é, pois um autocastigo pelo desejo de morte contra o pai odiado".⁴

Gostaríamos de frisar, tendo em vista as descrições dos outros casos, que Freud escreve que o sintoma significa a morte, que pode ser uma identificação, não apenas com alguém a quem se deseja a morte, mas, simplesmente, a uma pessoa morta.

No caso de Dostoievski existe o desejo característico do Complexo de Édipo de eliminar o pai, para estar em seu lugar junto à mãe. E a conseqüente retaliação proveniente do sentimento de culpa: "*Agora você é o pai, mas o pai morto*". *Tal é o mecanismo corrente dos sintomas histéricos. 'E ainda, agora o pai te mata'*".⁵

A "*epilepsia*" propriamente dita veio após o assassinato do pai de Dostoievski. Ela corresponde a um agravamento sintomático, já que a confirmação da fantasia pela realidade exigiu um reforço das medidas defensivas. Mas ela é mais do que um aumento de defesa:

(4) Ibid., p.3007-8.

(5) Ibid., p.3010.

"O que podemos supor é que um outro conteúdo, particularmente de ordem sexual, juntou-se a eles (ataques)"⁶

Mais tarde, no texto, este conteúdo sexual, através da análise da compulsão ao jogo de Dostoievski, será identificado com a masturbação pubertária (da qual o jogo é um deslocamento).

Poderíamos pensar, em analogia com os ataques histéricos convulsivos de diagnóstico preciso⁷, que simulam cenas sexuais, que o acréscimo de conteúdo sexual, de que Freud fala, no sintoma de Dostoievski, estaria nas **convulsões "epilépticas"** da nova forma sintomática.

Por que a morte do pai de Dostoievski não teria agravado o sintoma primeiro apenas guardando seu significado de simulação da morte? Por que o acréscimo de um conteúdo sexual? Pensamos que a razão disto está em que a forma sintomática final é uma defesa contra a forma primeira, por inversão do conteúdo, da morte passa-se ao sexo e, isto, quando a morte se tornou mais presente - com a morte do pai. O caso de Dostoievski mostra (alguns outros de Freud também o fazem) a morte em estado puro, antes da sexualização. Na maioria dos relatos de Freud, a idéia de morte e o conteúdo sexual aparecem de uma só vez.

O próximo caso que examinaremos não é de Freud, é de Breuer, do livro *Estudos sobre a Histeria*, que escreveram juntos.

(6) Ibid., p.3010; grifado por nós.

(7) Freud: Considérations générales sur l'attaque hystérique In *Névrose, psychose et perversion*. PUF, p.161.

■ Anna O...

Seus sintomas histéricos (distúrbios motores, ausências, alucinações, tosse e distúrbios de elocução, estes os últimos a cederem) **começaram com a doença do pai, da qual ele viria a morrer em nove meses.**

Sua morte foi "*o choque mais grave que pode atingí-la*"⁸; a doença de Anna O... piorou a partir daí.⁹

Nas alucinações vinham-lhe "*cabeças de mortos e esqueletos*", "*serpentes com cabeças de mortos*". Quando cuidava de seu pai doente, uma vez viu-o com uma cabeça de morto. Numa outra ocasião, "*... percebeu no espelho colocado em frente a porta, um rosto pálido, não o seu, mas aquele de seu pai com uma cabeça de morto*"¹⁰. Vemos, nesta alucinação diante do espelho, uma identificação com o pai morto.

Os distúrbios da elocução, que são praticamente infalíveis na histeria, começaram a partir da alucinação das serpentes com cabeças de mortos; levaram do mutismo completo a ela não poder mais falar em alemão, sua língua materna, somente em inglês. O mutismo é um símbolo da morte, como Freud escreverá em *O Motivo da escolha dos Cofrinhos*¹¹. Podemos, então, considerar o sintoma como uma identificação a uma pessoa morta.

Os próximos casos serão todos de Freud.

(8) Breuer e Freud: *Etudes sur l'histerie*. PUF, p.18.

(9) *Ibid.*, p.15.

(10) *Ibid.*, p.27.

(11) Freud: La motif du choix des coffrets in *L'inquiétante étrangeté et autres essais*. Folio, p.70.

■ Emmy von N...

"Desde a morte de seu marido, ocorrida há quatorze anos, ela não deixou de estar mais ou menos doente"¹². Ele, bem mais velho do que ela, industrial brilhante, podia ser, como vemos, uma imagem paterna. As alucinações de Emmy são com animais, principalmente ratos e morcegos, das quais ela se defende, emitindo: *"Não se mexa! Não diga nada! Não me toques!"* Na ocasião de uma alucinação com um rato morto, Freud investigando a origem, ela lhe conta:

*"Por causa de lembranças de infância - Quando? - Primeiro, quando eu tinha cinco anos, quando meus irmãos e irmãs lançavam-me no rosto, muitas vezes, animais mortos; foi então quando fiquei doente pela primeira vez com convulsões (...) depois aos sete anos, quando me encontrei, sem ter esperado, diante do caixão de defunto de minha irmã, depois aos oito anos, meu irmão, vestido com um lençol branco brincou que era um fantasma, para me fazer medo; aos nove anos, quando vi minha tia no caixão (...)"*¹³

*"Continuando a enumeração de suas lembranças terríficas, conta como, aos quinze anos, ela descobriu sua mãe estendida no chão, após um ataque. A pobre mulher sobreviveu quatro anos, mas nossa paciente, então com dezenove anos, encontrou um dia, entrando em casa, sua mãe morta e desfigurada".*¹⁴

(12) Ibid., p.36-7; grifado por nós.

(13) Ibid., p.39; grifado por nós.

(14) Ibid., p.44; grifado por nós.

"*Não se mexa! Não diga nada! Não me toques!*", refere-se ao temor de que o que é morto tome vida:

*"Encontro-a muito angustiada (...). Recusa-me a dizer o que tem; anuncia somente que teve um sonho ruim e que revê sempre as mesmas coisas: 'Que horror se eles tomassem vida'"*¹⁵

O horror de que os animais mortos tomem vida, poderia significar, conforme vemos, a recusa de identificar-se com o morto, ou então, já, a autopercepção e a recusa do movimento histérico que dá vida, pelo sexo, à morte.

*"Durante a hipnose, ela confessa ter ainda de vez em quando medos por suas filhas, elas poderiam ficar doentes, cessar de viver, um acidente poderia acontecer com seu irmão, atualmente em viagens de núpcias; a mulher deste irmão poderia morrer, nenhum de seus irmãos e irmãs ficaram casados muito tempo".*¹⁶

O nojo de alimentos vinha de ter comido junto a um irmão doente e do catarro de outro irmão doente.¹⁷

Um certo ruído que Emmy fazia com a língua, espécie de tic, Freud explicou-o como tendo origem no receio de fazer barulho e acordar um doente.¹⁸

(15) *Ibid.*, p.47; grifado por nós.

(16) *Ibid.*, p.55.

(17) *Ibid.*, p.64.

(18) *Ibid.*, p.71-2.

O próximo caso é o de Lucy R... No decorrer deste caso, logo no início, em nota de rodapé, Freud relata um outro (não dá um nome a paciente). É um relato sintético, claro e penetrante, quanto à relação da histeria com a morte e o significado da morte que tem a menstruação. Vamos citá-lo integralmente:

"Como exemplo da técnica de investigação nos estados hipnóticos que acabamos de expor, citarei um caso que acabo justamente de analisar. Trato de uma mulher de 38 anos, que sofre de uma neurose de angústia (agorafobia, crises de medo da morte etc.) que, como muitos destes doentes, confessam não sem repugnância que seus distúrbios apareceram no decurso de sua vida conjugal e situam a origem numa data anterior, o começo da juventude. Ela conta-me que, aos 17 anos, teve, na rua principal de sua cidade, seu primeiro acesso de vertigem acompanhado de uma sensação de que ia desmaiar. Este acesso se repetia às vezes, para ser substituído, fazem alguns anos, pelos distúrbios atuais. Suponho que estes primeiros acessos de vertigem, nos quais a angústia tinha um papel cada vez menos importante, deviam ser histéricos (quer dizer: não sendo equivalente de angústia, a vertigem deveria ser uma conversão) e decido analisá-los. No começo, ela pretende ignorar tudo, salvo que este primeiro acesso tinha ocorrido fora de casa, diante da boutique da rua principal onde ela vinha fazer compras. 'O que a senhora queria comprar?' - 'Muitas coisas, acredito, para um baile ao qual tinha sido convidada' - Quando este baile ia acontecer?' - 'Dentro de dois dias, me parece' - 'Deve ter se produzido alguma coisa antes que te emocionou, impressionou' - 'Não sei nada, fazem vinte anos' - 'Isto não conta, a senhora se lembrará. Vou por as mãos sobre tua testa e quando as tirar, a senhora pensará em alguma coisa ou verá

alguma coisa, e a senhora dirá'. Agi desta maneira, mas ela ficou calada. 'Então, nada lhe veio a mente?' - 'Sim, pensei em algo, mas isto não pode ter nenhuma relação...' - 'Diga' - 'Pensei em uma amiga, uma moça que morreu, mas ela só morreu um ano depois, eu tinha na ocasião 18 anos' - 'Veremos, não vamos deixar este assunto e falemos desta amiga' - 'Sua morte me abalou bastante porque eu a via sempre. Algumas semanas antes, uma outra moça tinha morrido também, isto mexeu com a cidade. É verdade, isto ocorreu quando eu tinha 17 anos' - 'A senhora vê, eu te disse, devemos confiar naquilo que lembramos com a pressão da mão. Agora, no que a senhora pensava no momento do acesso de vertigem na rua?' - 'Em nada, era só a vertigem' - 'É impossível, o acesso não ocorre sem idéia concomitante. Vou novamente colocar a mão sobre tua testa e a lembrança deste período ressurgirá'. 'Então, no que a senhora pensou?' - 'Pensei: agora vai ser minha vez' - 'Explique melhor' - 'Disse para mim, durante o acesso de vertigem, que eu ia morrer como as duas outras moças' (no sintoma, a identificação com as mortas) - 'Esta é a idéia que a senhora teve durante o acesso, a senhora pensou em tua amiga. Sua morte impressionou muito a senhora' - 'Sim, certamente, lembro-me agora que, quando tive a notícia, a idéia de ir ao baile estando ela morta, pareceu-me terrível. Mas eu estava contente de ir ao baile e o convite me dava bastante coisa para fazer. Eu não queria de jeito nenhum pensar sobre este triste acontecimento'" (Parênteses de Freud: notemos aqui o recalçamento intencional fora do consciente que deu a lembrança da amiga seu caráter patogênico).

"O acesso explica-se assim em certa medida, mas tenho necessidade de saber qual fator ocasional provocou, naquele momento, a reminiscência. Emito então em

relação a isto uma hipótese que verificou-se exata: 'A senhora lembra-se da rua onde então se encontrava?' - 'Lembro-me, era a rua principal com suas casas velhas. Revejo-a ainda' - 'Bem, e onde morava tua amiga?' - 'Nesta rua, eu tinha acabado de passar diante de sua casa e foi duas casas depois que tive o acesso' - 'Quer dizer que foi a casa que fez a senhora lembrar-se da amiga, no momento que passava em frente, e o contraste, que a senhora queria eliminar, impôs-se de novo'".

"Não me considero satisfeito ainda. Talvez eu descubra em outro fator que despertou ou reforçou a predisposição histérica nesta moça até então normal. Penso na indisposição periódica que bem poderia constituir um fator apropriado e pergunto-lhe: 'A senhora sabe em que momento tua menstruação veio naquele mês?'. Ela se sobressalta: 'Preciso ainda saber isto! Sei somente que nesta época minhas menstruações eram raras e irregulares. Aos 17 anos, eu só tinha ficado menstruada uma única vez'. Refletindo, ela indica com certeza um certo mês e hesita entre dois dias que precediam imediatamente a data de uma festa do calendário. 'Era na ocasião do baile?' Ela responde, abaixando o tom: 'O baile acontecia no dia desta festa; e lembro-me agora também que a única menstruação que tive naquele ano apareceu logo antes do baile, o primeiro ao qual fui convidada'".

"É fácil, a partir daí, de reconstituir a cadeia das circunstâncias e de apreender o mecanismo deste acesso histérico. Não foi sem grande dificuldade que o resultado pode ser obtido, e ele exigiu de minha parte uma confiança total nesta técnica, e, em minha incrédula

paciente, que permaneceu, no entanto, atenta, ele dependia do encaminhamento de certos pensamentos próprios a trazerem a memória, passados vinte e um anos, detalhes de um incidente esquecido. Mas, a partir daí, tudo se encaixou".¹⁹

■ Lucy R...

Os dados biográficos desta paciente foram pouco levantados. Freud via-a somente uma vez por semana e, ainda, em tempo menor do que o de uma sessão habitual. Se não o comparássemos com os outros casos de histeria de Freud, ele ficaria indeterminado. Somente no conjunto dos casos, ganha força o fato do sintoma de alucinação olfativa da governanta Lucy ter aparecido **após a morte de sua patroa, que era uma parente sua**. Lucy prometeu, junto a seu leito de morte, que a substituiria como mãe de suas duas filhas, mas apaixonou-se pelo viúvo. Esta paixão não teria ocorrido para impedir ou desfazer o luto, que implica um reconhecimento implícito da morte? Voltaremos posteriormente a este ponto.

(19) Ibid., p.88-9; o primeiro parênteses é nosso, o outro de Freud.

■ Katharina...

Com Katharina, Freud teve uma única conversa. Era a filha da dona de um restaurante, no qual Freud, em viagem de férias, tinha almoçado.

O sintoma histérico era constituído por uma sensação de vertigem e outra de constrição na garganta, como se ela fosse não poder respirar.

"Imagino sempre que vou morrer e, no entanto, não sou medrosa em geral, vou só para toda parte, na adega e embaixo, em qualquer lugar da montanha, mas, nos dias que tenho isto, imagino o tempo todo que alguém está atrás de mim e de repente vai me pegar".²⁰

Ao mesmo tempo em que tem estas sensações, Katharina vê um rosto horrível que a olha ameaçadoramente.

Encontramos, aí, o famoso "*bolo histérico*". Sensação de constrição na garganta que, ao lado das várias formas de afonia, são os sintomas mais comuns de conversão. Posteriormente, faremos um estudo particular destes sintomas.

Katharina teria assistido à relação sexual de seu pai com sua prima, mocinha como ela (em nota de 1924, Freud esclarece que era o pai e não o tio, como aparecia nas edições anteriores). Dois dias depois, reagiu com vertigem e vômitos, vômitos que duraram três dias. O trauma foi intenso porque, com o que assistiu, teria compreendido o significado de brincadeiras sexuais, anteriores, de seu pai com ela mesma. Estes sintomas não voltaram mais porque, conforme

(20) Ibid., p.99; grifado por nós).

entende Freud, o conteúdo deles passaram por uma ab-reação quando Katharina contou à sua mãe. Somente depois do divórcio, provocado pela revelação de Katharina, que se formaram os sintomas histéricos atuais.

O vômito não seria, como compreendemos hoje²¹, um sintoma histérico. É uma forma de somatização com conteúdo rudimentar de rejeição de um trauma. Não tem a complexidade dos conteúdos constituintes do sintoma histérico. Ora, mas no sintoma atual de Katharina - este sim, histérico - entra a idéia da morte, de ameaça de morte:

"Sei agora, é o rosto de meu pai, mas não como ele era naquele momento, reconheço-o agora. Mais tarde, quando as brigas (em torno do divórcio) começaram, meu pai pôs-se contra mim numa cólera horrível, ele repetia que eu era a causa de tudo; se eu não tivesse contado, não teria havido o divórcio; ele me ameaçava o tempo todo, dizendo-me que eu ia ver o que ele ia fazer; quando me via, por mais longe que estivesse, seu rosto se contraía em cólera e ele levantava para mim os punhos. Eu fugia e sempre tive muito medo que ele me pegasse sem que eu o tivesse visto (pegar de improviso, como no sintoma atual). O rosto que vejo é sempre o dele quando estava colérico".²²

De tudo que sabemos sobre o Complexo de Édipo, podemos supor que o sintoma teria um conteúdo sexual, aqui de tipo sado-masoquista, mas, o que é mais importante para nossos desenvolvimentos, conteúdo sexual em cima de uma representação da morte, quer dizer o medo de Katharina de que seu pai a matasse.

(21) Pierre Marty: Des processus de somatisation in *Corps malade et corps érotique*. Masson, p.110-1.

(22) *Ibid.*, p. 104; os parênteses são nossos.

■ Elisabeth v. R...

É o mais longo e aprofundado caso de Freud no livro. **Em poucos anos morreu o pai, sua mãe passou por uma operação grave e morreu uma das irmãs de Elisabeth.** Ela foi, o que é freqüente na histeria, como uma enfermeira na doença do pai. Seus sintomas apareceram, no entanto, mais tarde, **na ocasião da doença de sua irmã,** quando então Elisabeth começou a apaixonar-se por seu cunhado, marido desta irmã (o amor vindo, na histeria, obscurecer a morte, como pensamos), e continuaram **depois da morte dela,** quando Elisabeth fantasiou poder casar-se com o viúvo. Retrospectivamente, os sintomas passaram a reportar-se também, em significado, à época dos cuidados do pai, com conteúdo de amor por um rapaz, que os escrúpulos em relação à doença do pai impediam de realização (novamente o amor versus a morte).

As dores histéricas na **perna** direita se irradiaram de um local onde *"toda manhã seu pai pousava sua perna muito inchada, quando ela trocava os curativos"*²³. Freud não viu a importância disto, que revela **a identificação, através da perna, de Elisabeth com seu pai doente.** Certamente, se Freud já tivesse, nesta época, a teoria do Complexo de Édipo, veria no sintoma um conteúdo erótico. É exato que o tenha. Mas o erotismo vem aí como recurso histórico característico de defesa contra uma identificação prévia com o moribundo.

No decorrer do caso de Elisabeth, Freud levanta a questão da freqüência, nas condições constituintes da histeria, do papel de enfermeira:

"Existem boas razões para que o papel de enfermeira tenha um papel tão importante na gênese das histerias (...) Aquele que é absorvido e, sem cessar, preocupado

(23) Ibid., p.117; grifado por nós.

com as mil tarefas exigidas pelos cuidados de um doente, cuidados que se prolongam sem interrupção, interminavelmente, durante semanas e meses, acostuma-se pouco a pouco a abafar em si mesmo todos indícios de emoção e, por outro lado, desvia a atenção de suas impressões próprias porque não tem tempo nem força de levá-las em conta. Desta maneira, quem cuida assim do doente acumula uma quantidade de impressões com carga afetiva, muito pouco percebidas, e que não puderam ser atenuadas por ab-reacção. Assim, encontram-se reunidos os materiais de uma histeria de retenção. Se o doente sara, todas estas impressões perdem evidentemente seu valor, mas se morre, é o período de luto que se instaura, no curso do qual nada parece importante fora daquilo que se refere ao defunto. Aí também, os sentimentos de aspiração a liberar-se entram em linha de conta e depois de um curto intervalo de esgotamento, a histeria, cujo germe tinha sido posto durante o período de cuidados, aparece".²⁴

As emoções e impressões próprias, abafadas durante o cuidado do doente, se referem às apreensões e sofrimentos relacionados com o doente, assim como a sentimentos e pensamentos relacionados com outras pessoas e situações, por exemplo, o amor pelo jovem pretendente que Elisabeth abafou, na doença do pai.²⁵

Pensamos que uma histeria de retenção *strictu senso*, na qual situações com carga emocional não podem ser descarregadas, não explicaria porque, como Freud afirma, a "enfermeira" seria poupada de histeria, se o doente se curasse e poderia ficar histérica, se o doente viesse a morrer, a não ser devido ao aumento do tempo de retenção por causa do tempo de luto que se acrescenta. No

(24) Ibid., p.128-9.

(25) Ibid., p.115.

entanto, doenças sem um final fatal podem ser muito longas... O que é decisivo não estaria, então, no contato com a morte, que a morte do doente deixa patente?

Logo depois destas considerações sobre a histeria de retenção, Freud fala de uma pessoa de seus conhecimentos que preenchia todas as condições de retenção - cuidou de várias pessoas amadas até a morte, retendo seus sentimentos -, mas que não ficou histérica:

"Ela não ficou doente uma vez terminadas estas tristes tarefas, mas pouco tempo após o falecimento do doente, um trabalho de revivência se faz nela. Cada dia, ela revive todas as emoções, chora e se consola, à vontade, poderíamos dizer. Esta liquidação efetua-se no meio de suas atividades diárias e sem que as duas atividades se atrapalhem".²⁶

São "lágrimas atrasadas", como escreve Freud algumas linhas adiante.

Esta pessoa retém suas emoções durante a doença, mas, depois da morte do doente, passa por um verdadeiro processos de luto.

Michel Fain escreveu que na histeria não existe o luto²⁷. Pensamos que fazer o luto implica o reconhecimento da morte, a identificação com o morto projetada no futuro. Em *Considerações Atuais sobre a Guerra e sobre a Morte*, Freud escreve sobre o homem primitivo - mas é válido também para nós - quando perde um ente querido: "*Então, ele devia fazer na sua dor a experiência que ele mesmo pode morrer também*"²⁸. Na histeria há uma recusa de entrar num luto

(26) Ibid., p.129.

(27) Fain: *A criança e seu corpo*, Zahar, p. 438.

(28) Freud: *Considérations actuelles sur le guerre et sur la mort* in *Essais de psychanalyse*. Payot, p.31; grifado por nós.

porque ele a coloca em contato com a morte. Quando o luto é por separações e não por morte, o histérico o faz.

Um exemplo de nossa clínica pode ilustrar ainda a defesa histérica, por erotização, contra a morte. A paciente, casada e que "*nunca olhou para outros homens*", uma vez acompanhou uma colega de trabalho, cujo pai foi internado de urgência, num hospital. Estavam as duas ao lado do doente agonizante quando entrou um primo da colega, médico, mas sem relação com o caso. Nossa paciente sentiu imediatamente por ele um amor à primeira vista. Os três assistiram os últimos momentos do pobre homem. Nossa paciente ficou indiferente a estes momentos, pois seu interesse estava no primo da sua colega. No velório procurava-o constantemente com o olhar e nos dias seguintes fantasiava encontrá-lo na missa de sétimo dia. O quadro de agonia e morte proporcionou para ela este florescimento de amor.

A propensão ao papel de enfermeira de doentes graves que existe na histeria deve, como pensamos, ser entendida como uma espécie de demonstração de imunidade diante da degradação física e da morte; o que é mais comum é que os familiares, que reconhecem o fato, procurem se afastar do quadro doloroso. A atitude do histérico já faz parte de sua defesa contra a morte.

O caso de Elisabeth é o último dos *Estudos sobre a Histeria*. Encontramos, neste livro, casos de enfermagem de doentes, mas nem sempre. O que permaneceu constante foi o aparecimento da sintomatologia histérica após a morte de alguém próximo ou, no caso de Katharina, uma ameaça de morte voltada para ela.

■ Rosalina H...

Este caso foi exposto rapidamente por Freud durante o relato do caso de Elisabeth. O sintoma era o "bolo histérico" (sensação de fechamento da garganta) numa moça que estudava para ser cantora. Novamente nos deparamos com o aparecimento do sintoma após uma morte:

"Com a morte de sua mãe (na edição de 1924, Freud diz tratar-se da mãe e não da tia), Rosalina torna-se protetora de órfãos oprimidos por seu pai. Ela tomou seu dever a sério, fez frente a todos os conflitos nos quais sua situação a levava, tendo grande dificuldade em abafar o ódio e o desprezo que seu pai lhe inspirava. Foi então que apareceu a sensação de constrição na garganta".²⁹

(29) Ibid., p.135-6; grifado por nós.

■ Dora

Dora gostava muito de seu pai, *"este amor aumentou mais ainda depois dos seis anos de idade devido a numerosas e graves doenças de seu pai"*.³⁰

Freud relata as doenças do pai: tuberculose, que levou a família a mudar-se por dez anos para outra cidade com o fim de evitar recaídas; um desdobramento da retina e uma afecção vascular difusa proveniente de sífilis.

Na análise de um dos sonhos (o segundo) de Dora, no material associativo, tem uma situação da véspera na qual alguém brindou a saúde do pai dela:

*"Ela percebeu que neste momento surgiu, nos traços cansados de seu pai, um estranho tremor e ela compreendeu quais pensamentos ele reprimiu. Este pobre homem doente! Quem podia saber quantos anos tinha ainda de vida?"*³¹

O principal sintoma de conversão de Dora era uma tosse persistente. Freud interpretou-a³² como sendo uma fantasia de felação com seu pai, a qual tinha como pressuposto o pensamento de que não poderia ser diferente porque ele era impotente. De onde Dora tirou essa idéia? Certamente do fato de seu pai ser uma pessoa doente, inclusive com sífilis, ou então, na mente de Dora, devido à idade dele (50 anos). Seja por uma ou por outra razão, ou pelas duas, na fantasia de Dora, a impotência veio substituir e poupar a degenerescência física geral, a parte pelo todo, e a felação procura dar vida a seu pai. Esta erotização da morte de seu

(30) Freud: Fragment d'une analyse d'hystérie in *Cinq psychanalyses*. PUF, p.10; grifado por nós.

(31) *Ibid.*, p.72.

(32) *Ibid.*, p.33.

pai, esta juventude, impede que Dora, ela mesma, seja, indiretamente, tocada pela constatação do limite temporal da vida.

Outro sintoma de Dora foi a perda da voz. Freud interpretou-o como expressão de não querer falar porque aquele com quem Dora queria falar, o sr. K., substituto edipiano do pai, estava viajando. Não nos esqueçamos, no entanto, que a viagem é um símbolo da morte:

"Partir em viagem é uma das expressões simbólicas, das mais bem fundamentadas, e das mais freqüentemente empregadas, de morrer".³³

O reflexo da viagem do sr. K., em Dora, o mutismo, também é um símbolo da morte: *"o mutismo é no sonho uma representação usual da morte".³⁴*

Dora teve também uma falsa apendicite. Este sintoma histérico que Freud interpretou como significando uma fantasia de gravidez **ocorreu pouco depois da morte da tia de Dora:**

"Lembro-me então que ela teve em Viena, pouco depois da morte desta tia, uma pretensa apendicite. Eu não tinha ousado, até agora, considerar esta doença uma de suas manifestações históricas".³⁵

Como é freqüente, o sintoma histérico que representa a gravidez, é uma reação a uma morte pela produção de uma vida.

(33) Freud: *L'interprétation des rêves*. PUF, p.331.

(34) Freud: *Le motif du choix des coffrets* in *L'inquiétante étrangeté et autres essais*. Folio, p.71.

(35) *Ibid.*, p.75.

■ Norbert Hanold (de Gradiva)

Este "caso" de histeria é o do personagem principal do romance *Gradiva* de Wilhelm Jensen, sobre o qual Freud escreveu o ensaio *Delírio e Sonhos em "Gradiva" de Jensen*.

Freud escreve:

"O caso de Norbert Hanold deveria na realidade ser qualificado de delírio histérico e não paranóide. As características da paranóia faltam aí".³⁶

O sintoma histérico é, neste caso, um delírio.

A associação da menstruação com a morte é central e bem aparente no romance. Freud, em seu ensaio, nem menciona a menstruação. Começaremos, para melhor nos situarmos, a dar um resumo do resumo que Freud fez, na primeira parte de seu ensaio, do romance.

Norbert Hanold é um jovem doutor em arqueologia, dedicado inteiramente à sua ciência e alheio à vida social e amorosa. Adquire um baixo-relevo, cópia de um original da antiguidade romana, que representa uma moça de andar muito gracioso. Sob o disfarce de um interesse científico pelas condições desta forma de andar, Norbert desenvolve uma paixão amorosa pela estátua. Com respeito à origem da estátua, logo ele **imagina** ter sido realizada a partir de um modelo vivo, uma moça que morava em Pompéia. Começa, assim, seu delírio - termo usado pelo próprio Jensen - que acaba levando-o a Pompéia, atrás de

(36) Freud: *Délire et rêves dans la "Gradiva" de Jensen*. Gallimard, p.177; grifado por nós.

pegadas deixadas há dois mil anos (!) pelo andar de Gradiva, nome que deu à moça.

A história fica mais instigante quando, em vez de pegadas, Norbert encontra em Pompéia uma jovem idêntica a Gradiva, que imediatamente toma como seu fantasma. Os dois se encontram algumas vezes ao meio dia, "*hora dos espectros*".

No desfecho, ficamos sabendo que não era um fantasma, mas sim, Zoé (que em grego significa vida), amiga de infância de Norbert, que sempre o amou, mas, ele, centrado em sua ciência, deixou até mesmo de reconhecê-la quando se cruzavam. O amor pela estátua é, como é óbvio, um retorno do recalcado - seu amor infantil por Zoé - que invadiu sua ciência. Com a ajuda de Zoé que, nos diálogos com ele, entra terapêuticamente em seu delírio, aceitando inicialmente o papel de fantasma, Norbert recupera a razão e desloca seu amor da morta Gradiva para a viva Zoé, reinstalando assim seu amor no "*original*".

Conforme Freud, "*o romancista não nos diz por quais vias nosso herói afastou-se da mulher*"³⁷; ficou, para Freud, indeterminado, no romance, porque afinal Norbert afastou-se de Zoé, porque o recalque do amor que existia. Certamente Freud não quis, aqui, ver. Jensen é insistente em relação à causa do esfriamento de Norbert. Zoé diz claramente o momento em que isto ocorre:

"- Então, até essa idade em que, não sei bem porque, nos tratam de 'Backfisch' (nota do tradutor do livro: 'em alemão, peixe para fritar, menina na idade ingrata'), eu na verdade, estranhamente, me dediquei ao senhor, e

(37) Ibid., p.178.

acreditei jamais poder encontrar no mundo amigo mais encantador. Eu não tinha mãe, nem irmão, nem irmã, e quanto ao meu pai, a primeira cobra-de-vidro que aparece, conservada no álcool, lhe parece muito mais interessante do que eu (seu pai é um zoólogo); ora, é uma necessidade, necessidade da mais absoluta para quem quer que seja, mesmo para uma adolescente, ter com que ocupar seus pensamentos e tudo o que daí se segue. Esse quê era, então, o senhor, mas quando a ciência da antigüidade o submergiu, eu fiz uma descoberta que tu - desculpe-me, mas sua inovação protocolar parece tão insípida e pouco apropriada ao que eu quero exprimir - eu queria dizer, então, me pareceu que te havias transformado num homem insuportável que, para mim, pelo menos, não tinha mais olhos na cara, língua na boca, lembranças no lugar em que eu conservara intacta toda a nossa amizade de infância".³⁸

Flores brancas e flores vermelhas (menstruação) aparecem várias vezes no decorrer do livro. Vejamos as passagens seguintes do romance, a nosso ver, as mais significativas, tiradas do momento em que Norbert encontra Gradiva/Zoé pela primeira vez em Pompéia.

É ao meio dia, hora dos espectros:

"Não era, certamente, uma cidade viva, mas neste momento parecia se petrificar numa rigidez cadavérica. No entanto, daí emanava qualquer coisa que dava a

(38) W.Jensen: *Gradiva, uma fantasia pompeiana*. Zahar, p.94-5; grifado por nós, o segundo parênteses é nosso.

impressão de que a morte se punha a falar, embora não de maneira perceptível aos ouvidos humanos".³⁹

A primeira "aparição" de Gradiva se dá num local assim descrito:

"Mas ao pé dessas colunas se percebia uma cor vermelha ainda mais violenta que a das muralhas e que não se devia a nenhum pincel antigo, mas à jovem natureza de hoje, revestida pelo sol. O piso de mosaico interior estava completamente destruído e arruinado, e todo florido. Era o mês de maio, que exercia ainda uma vez sua antiga força e que cobria todo o 'oecus', como nessa época a maior parte das casas da cidade morta, de papoulas vermelhas que o vento trouxera e que se desenvolveram na cinza. Dir-se-ia uma maré espessa e movediça de flores, embora na realidade permanecessem imóveis, pois o Atalubus não soprava tão baixo e se contentava com murmurar lentamente no cimo das muralhas. Mas o sol projetava ali uma tal cintilação de esplendor que se tinha a impressão de que ondas vermelhas balançavam como num tanque (...) Ela (Gradiva/Zoé) tinha sobre os joelhos qualquer coisa branca que ele era incapaz de distinguir, mas que lhe parecia ser uma folha de papiro, onde se destacava o luar vermelho de uma papoula".⁴⁰

Um pouco adiante:

"Enquanto ele falava, uma coisa curiosa aconteceu. Uma borboleta dourada, ligeiramente pincelada de vermelho na parte interna das asas de baixo (!), saiu das papoulas

(39) Ibid., p.41.

(40) Ibid., p.51-2; grifado por nós.

e voejou em torno das colunas. Deu diversas voltas ao redor da cabeça de Gradiva, depois pousou sobre seus cabelos castanhos frouxamente ondulados, bem acima da testa. (...) Meio dia, hora dos fantasmas, era agora passado, e sob a forma de borboleta vinda dos campos de asfódeos do Hades (terra dos mortos, na mitologia grega), tinha chegado um mensageiro alado encarregado de lembrar a morta que devia voltar. A isso se associava, ainda que indistintamente e de um modo confuso, uma outra idéia. Ele sabia que chamavam aquela borboleta de Cleópatra e que esse era o nome da jovem esposa de Meleagro de Calidon, aquela cuja dor ao receber a notícia da morte do esposo foi tamanha que ela própria se imolou aos deuses subterrâneos (...) Sozinha voejava a Cleópatra de asas cintilantes vermelho e ouro, lentamente descrevendo círculos acima da massa espessa de papoulas".⁴¹

Em *Interpretação dos Sonhos*, Freud assimilou a borboleta à morte⁴², e no *Homem dos Lobos*, ao sexo da mulher.⁴³

A associação da menstruação com a morte está plasticamente representada, como pano de fundo da história, na imagem mesma da cratera do Vesúvio jorrando as lavas vermelhas incandescentes que tudo acabou sepultando (uma paciente adolescente que atendemos, aflita com a demora da primeira menstruação, sonhou várias vezes com vulcões e suas lavas).

No primeiro sonho de Norbert, a partir do qual, Freud viu, com razão, um agravamento do delírio, Norbert se encontra em Pompéia justo no dia da

(41) *Ibid.*, p.54-5; os grifos, exclamação e o parênteses são nossos.

(42) Freud: *Interpretation des rêves*. PUF, p.221.

(43) Freud: *Cinq psychanalyses*, p.393).

explosão do Vesúvio; vê Gradiva caminhando indiferente à catástrofe. Esta indiferença poderia ser vista como uma projeção da "indiferença histórica" de Norbert face à morte.

Até aqui (com exceção do parágrafo acima), nosso passo interpretativo do romance foi quase nulo; poderíamos, como fez Freud em seu ensaio, ir adiante e equacionar que também a histeria de Norbert foi precedida por morte de parentes:

"(Norbert) tinha sido destinado a conservar e se possível aumentar, o lustro do nome de seu pai, seguindo o mesmo caminho, e via a sucessão nessa carreira como tarefa evidente para o seu futuro. Tendo ficado só após a morte dos pais, ateu-se fielmente a essa idéia (de ser arqueólogo)".⁴⁴

Certamente, à morte do pai, somou-se o fato de Zoé ter ficado mocinha.

(44) Ibid., p.23; o grifo e o parênteses são nossos.

■ Homem dos Lobos

O homem dos lobos é um caso, conforme entende Freud, de neurose obsessiva. No entanto, como é freqüente, a neurose obsessiva pode suceder a uma histeria mais antiga. No caso do homem dos lobos, os distúrbios intestinais anteriores à neurose obsessiva continuaram ainda mesmo durante esta neurose: *"... o intestino se comporta desde então e mais tarde na vida adulta como um órgão afetado de histeria".*⁴⁵

O começo da conversão histórica do homem dos lobos mostra um conteúdo de morte. Quando tinha quatro anos e meio, fazia cocô na roupa; quando o limpavam, gemia que *"não podia viver assim"*⁴⁶. Estas palavras foram ouvidas de sua mãe quando queixou-se para um médico de dores e hemorragias menstruais. Entre as duas situações, na ocasião de uma epidemia de desinteria na região, contaram ao pequeno homem dos lobos que, quando se tem desinteria, há sangue nas fezes. Então,

"ele começou a ter muito medo e a declarar que tinha sangue nas fezes; temia morrer de desinteria... Nós vemos que aquilo que ele procura realizar através deste medo é uma identificação a sua mãe: esta tinha, com efeito, diante dele falado de hemorragias. Na ocasião de sua tentativa ulterior de identificação (aos 4 anos e 1/2)

(45) Freud: *L'homme aux loups* in *Cinq Psychanalyses*. PUF, p.413.

(46) Idem.

não era mais questão de sangue; ele não se compreendia, acreditava ter vergonha e não sabia que o que o fazia tremer era a angústia de morte que no entanto revelou-se de maneira indubitável na queixa emitida".⁴⁷

Vemos que neste sintoma do homem dos lobos, junta-se a menstruação com a morte (a mesma coisa devia talvez ocorrer na mente de sua mãe).

(47) Ibid., p.382-3; os grifos são nossos.

■ Christoph Haitzmann

Este "caso"⁴⁸ de Freud é tirado de um relatório religioso do século XVII sobre interferências milagrosas da Virgem Maria que conseguiu que o diabo devolvesse ao pintor de igrejas, Christoph Haitzmann, dois pactos insólitos que o pintor fez com o diabo, um escrito a tinta negra e o outro com o sangue do pintor, nos quais ele entregaria ao diabo seu corpo e alma após nove anos, se o diabo, durante os nove anos, fosse seu pai. Haitzmann teria feito o pacto porque encontrou-se muito deprimido e desmotivado para o trabalho, **após a morte de seu pai verdadeiro.**

Freud considerou que Haitzmann acreditava alucinatoriamente na existência destes pactos, apesar de ter forjado os documentos e inventado as devoluções feitas pelo diabo. Nesta linha de pensamento poderíamos dizer - o que Freud não fez - que Haitzmann acreditou no pacto mas duvidou que o milagre da Virgem fosse mesmo ocorrer, ou então, constatou que não ocorreu, e teve que forjar os pactos para os eclesiásticos.

Conforme Freud, a primeira série de sintomas de Haitzmann era de histeria - convulsões, paralisia e visões -, cujo conteúdo inconsciente era uma fantasia de ter um filho com o pai, reativada em Haitzmann adulto, por causa da nostalgia do pai, que tinha morrido. Por conseguinte, em nossos termos, uma sexualização da relação com o pai no lugar do luto, uma reação a morte do pai, que procura desconhecer esta morte e, indiretamente, a morte própria. No delírio de Haitzmann, os sintomas estavam ocorrendo porque estava para vencer o prazo de nove anos. Ele iria, então, ser de corpo e alma do diabo, **quer dizer, iria morrer** (e,

(48) Freud: Une névrose diabolique au XVII^e siècle in *L'inquietante étrangeté et autres essais*. Folio, p.265.

certamente, ir para o inferno). Os sintomas constituíam, de fato, uma reação à idéia de sua própria morte.

No primeiro parágrafo do artigo, Freud faz uma interessante consideração:

"Não ficaríamos admirados de ver as neuroses destes tempos afastados aparecerem sob uma roupagem demonológica, enquanto que aquelas da época atual, fechada à psicologia, aparecem sob uma roupagem hipocondríaca (a seqüência do texto mostra que Freud estava pensando aqui em conversão histérica), disfarçadas em doenças orgânicas. Vários autores, Charcot na frente, reconheceram, como sabemos, nas representações da possessão e da extase, que a arte nos transmitiu, as formas de expressão da histeria; não teria sido difícil de reencontrar nas histórias destes doentes os conteúdos da neurose, se tivéssemos prestado mais atenção".⁴⁹

Poderíamos, a partir destas idéias, levantar uma hipótese (que reconhecemos prematura): talvez o mistério da conversão histérica, como Freud dizia, se desvelaria, considerando-se que a recusa da morte, esta que, fora acidentes, suicídios e intoxicações, decorre de doenças orgânicas, retornaria (o retorno do que é recusado) na forma de pretensas doenças orgânicas - em vez de ser levado pelo diabo, já que não se acredita mais no diabo. A conhecida indiferença do histérico diante do sintoma somático seria, em suma, a mesma que ele tem diante da morte.

(49) Ibid., p.269-70; o parênteses é nosso.

■ Dois casos fictícios inventados por Freud

É espantoso que dois casos de histeria fictícios que Freud inventou, em 1896, para ilustrar as condições necessárias que deve ter um trauma, para que dele resulte uma histeria, mostrem uma relação com a morte e a menstruação. Freud justificou a invenção, ao leitor, alegando que um caso real seria por demais complexo e exigiria que se alongasse muito. Foi no artigo *Etiologia da Histeria*, cuja passagem significativa é a seguinte:

"Retomemos, por exemplo, o caso, escolhido a pouco, do vômito histérico: a análise o fez remontar primeiro a emoção experimentada na ocasião de um acidente de estrada de ferro (Freud por um tempo teve fobia de viagem de trem). Faltava a esta emoção a capacidade determinante (quer dizer, a emoção é forte, mas não tem relação com algo repugnante que poderia provocar o vômito). Fico sabendo então, levando a análise mais longe, que este acidente despertou a lembrança de um outro acidente ocorrido anteriormente, o qual o doente, ele mesmo, não assistiu, mas que proporcionou a ocasião de ter o espetáculo horrível e repugnante de um cadáver. É como se a ação combinada de duas cenas tornasse possível a realização de nossos postulados: uma das experiências traz, através da emoção, a força traumática, a outra, por seu conteúdo, o afeto determinante. O outro caso, aquele no qual o vômito foi remetido ao fato de comer uma maçã, da qual uma parte estava podre, foi completado pela análise mais ou menos a seguinte: a maçã podre lembrou ao doente uma experiência anterior, na qual catava maçãs caídas num jardim quando se deparou com o cadáver de um animal nojento (a maçã é um símbolo da menstruação, velho

como Adão e Eva, como vimos na p.86, e a propósito da interpretação de *Branca de Neve*, na p.87)".⁵⁰

Mais tarde, no decorrer do artigo, Freud dirá que a situação traumática, na etiologia da histeria, é uma sedução sexual da criança. Os exemplos que vimos só serviam, então, para caracterizar o trauma na sua forma, não no seu conteúdo, que deve ser necessariamente sexual. No entanto, é sabido que pouco tempo depois deste artigo, Freud abandonou a teoria do trauma sexual na origem da histeria. Acontece que, como veremos na parte seguinte deste capítulo, as neuroses traumáticas - de traumas não sexuais - podem apresentar sintomas de conversão histérica. Então, o "caso" do acidente de trem é empiricamente possível também quanto ao conteúdo. O caso fictício corresponde à verdade, o caso real não! (o caso Katharina, p.124, parece ser mais uma neurose traumática - as ameaças do pai - que se desenvolveu em histeria).

x x x

Com o "caso" Hartzmann, percorreremos todos os casos de histeria dos escritos publicados de Freud, com exceção de Cecília H, de quem Freud não revelou, por razões de discrição, dados biográficos.

(50) Freud: L'etiologie de l'hysterie in *Névrose, psychose et perversion*, p.88; os parênteses são nossos.

PARTE II: NA NEUROSE TRAUMÁTICA OS SINTOMAS SÃO HISTÉRICOS

Uma prova adicional, que tem muita força, da relação da histeria com a morte, vamos encontrá-la na neurose traumática. Esta neurose conhecida antes de Freud e que a Primeira Guerra Mundial gerou em quantidade, levantando novas discussões, resulta de uma ou mais catástrofes vividas pelo indivíduo, nas quais podia ter perdido a vida. Ora, os sintomas da neurose traumática são dificilmente distinguíveis dos de conversão histérica, como veremos.

A neurose traumática foi, para Freud, um problema delicado, porque o fator desencadeante parecia claramente escapar à etiologia sexual e infantil da neurose. Foi esta neurose, especialmente os sonhos característicos que repetem a situação traumática vivida, que, acima de tudo, levou Freud a certas reformulações metapsicológicas contidas em *Além do Princípio do Prazer*, a saber, uma compulsão à repetição com a finalidade de elaborar um trauma, compulsão que substitui-se temporariamente a busca do prazer. Quem diz prazer em psicanálise - uma vez garantida mais ou menos a sobrevivência - diz sexo. Sabemos da etiologia sexual da histeria para Freud. No entanto, os sintomas da neurose traumática são similares aos de conversão histérica. Ocorrem dois paradoxos: primeiro, entre o predomínio do princípio de prazer na histeria e sua secundarização na neurose traumática; segundo, a teoria sexual infantil da histeria e a **atualidade** do trauma na neurose traumática.

Quanto à comparação dos sintomas da neurose traumática com os de conversão histérica, vejamos o que Freud escreve em *Além do Princípio do Prazer*:

"O quadro clínico da neurose traumática aproxima-se do da histeria pela sua riqueza em sintomas motores similares; mas, em regra geral, ultrapassa-o pelos sinais muito pronunciados de sofrimento subjetivo - evocando assim a hipocondria ou a melancolia - e pelas características de um enfraquecimento e de uma perturbação bem mais generalizadas das funções psíquicas".⁵¹

Outra passagem:

"O doente (de neurose traumática) seria, por assim dizer, fixado psiquicamente no traumatismo. Tais fixações à experiência que desencadeou a doença nos são de muito tempo conhecidas na histeria. Breuer e Freud declararam em 1893: os histéricos sofrem em grande parte de reminiscências. Nas neuroses de guerra igualmente, observadores como Ferenczi e Simmel puderam explicar muitos sintomas motores pela fixação ao momento do traumatismo".⁵²

Portanto, dois elementos que aproximam a neurose traumática da histeria: a semelhança dos sintomas motores e o sofrimento com as reminiscências. No entanto, não se encontra na neurose traumática a indiferença em relação ao sintoma, que existe na histeria. Ora, mas na histeria não se pode afirmar isto categoricamente.

Em *Inibição, Sintoma e Angústia*, Freud escreve: *"A sensação de desprazer que acompanha o aparecimento do sintoma (histérico de conversão)*

(51) Freud: *Au-delà du principe de plaisir* In *Essais de psychanalyse*. Payot, p.49.

(52) *Ibid.*, p.50-1; o parêntese é nosso.

*varia numa medida espantosa*⁵³. É mais comum a indiferença quando o sintoma é motor e **permanente**. Quando não é permanente, como pode ocorrer também na histeria - mas que ocorre quase sempre na neurose traumática -, pode, neste caso, haver sofrimento:

*"... é de regra ao contrário (na histeria) que nos casos dos sintomas intermitentes e daqueles que concernem a esfera sensorial, sensações incontestáveis de desprazer sejam experimentadas".*⁵⁴

Ferenczi escreveu dois artigos sobre a neurose de guerra (que é um caso particular de neurose traumática). É taxativo em identificar os sintomas como histéricos: *"Vocês vem é um verdadeiro museu de sintomas histéricos..."*⁵⁵. Ferenczi constatava, na neurose de guerra, dois grupos de indivíduos, uns com histeria de conversão, outros com histeria de angústia ou fobia. Acontece que os sintomas destes últimos também eram físicos - abasia (dificuldade em andar) e astasia com tremores (dificuldade em ficar de pé) -, que Ferenczi considerava equivalentes físicos do medo.

Para Freud, em *Inibição, Sintoma e Angústia*, de sete anos posterior ao artigo de Ferenczi, os mesmos sintomas motores são considerados como conversões histéricas. O pensamento de Ferenczi, neste ponto, leva a confusão - a menos que se reformule a concepção de neurose fóbica - porque na fobia, ou histeria de angústia, normalmente os sintomas são de medo de algo e de evitamento, mas não são físicos.

(53) Freud: *Inhibition, symptôme et angoisse*. PUF, P.32; o parênteses é nosso.

(54) Idem; o parênteses é nosso.

(55) Sandor Ferenczi: *Psychanalyse des névroses de guerre* in *Psychanalyse 3*. Payot, p.36.

A situação de perigo vital por que passou o neurótico traumático é das mais propícias à revelação da morte. Sem isto, o abalo não seria traumático. Se Freud tivesse percebido a relação do histérico com a morte - ele a vê e recusa - não teria estranhado a presença da histeria numa neurose cujo desencadeador foi a proximidade com a morte própria. Durante o dia, o neurótico traumático recusa-se, como na histeria, a pensar no acontecimento traumático, à noite ele lhe vem em sonhos. Seus sintomas são, como em qualquer patologia mental, diurnos (quando ele recusa a morte).

Gostaríamos, antes de procurarmos uma síntese da neurose histérica, e comparar esta neurose com um desenvolvimento da mulher que não se desvia para a histeria, de fazer algumas considerações de âmbito mais teórico, sobre a neurose histérica.

PARTE III: O SONHO DE EXAME

Denise Braunschweig e Michel Fain, no excelente livro *La nuit, le jour - essai psychanalytique sur le fonctionnement mental* (PUF), deduzem de uma teoria geral uma teoria da histeria. Cientes de simplificação, vamos vê-la no essencial.

A histeria passaria para os sintomas o que idealmente só se deveria passar para o sonho. Este alivia a tensão do sentimento de culpa oriundo da dessexualização durante o período diurno. A dessexualização atinge o pai erótico, seu pênis, castra-o simbolicamente, o que é equivalente, para os autores, à morte do pai da concepção freudiana da horda primitiva e da formação da sociedade totêmica⁵⁶. A dessexualização, assim como para Freud a morte do pai, gera culpa, a qual seria à noite, nos sonhos, aliviada por uma ressexualização da relação com o pai. Os três sonhos típicos que aparecem em *Interpretação dos Sonhos* de Freud, a saber, o sonho de nudez, o sonho de morte de pessoas queridas e o sonho de exame, que para os autores são paradigmáticos dos sonhos em geral, mostram a ressexualização.

Simplificando os desenvolvimentos dos autores, vamos nos restringir apenas ao sonho de exame. De acordo com Freud⁵⁷, neste sonho, estamos novamente nas primeiras classes escolares ou diante de um concurso que, na vida real, já passamos. Como normalmente o sonho antecede, na vida, uma incerteza diante de um sucesso atual e como sonhamos com exames nos quais, no passado, fomos bem, Freud interpreta este sonho típico como sonho de consolo:

(56) Freud: *Totem e Tabu*.

(57) Freud: *L'interprétation des rêves*. PUF, p.238-40.

*"Não te inquietes com o dia de amanhã, pensa na angústia que te causava tuas provas de colégio, apesar de tudo, você teve sucesso. Agora você é doutor, etc."*⁵⁸

Para Braunschweig e Fain, o sonho de exame representaria uma ressexualização que reage contra a dessexualização que é exigida de maneira exemplar nos estudos e nos exames. No sonho, o sonhador quer ser reprovado.

A "neurose de fracasso"⁵⁹ leva este sonho para a realidade. O branco dos exames e de tantas outras situações de teste, que necessitam uma dessexualização, fazem o mesmo.

Em termos gerais do desenvolvimento, se este sonho invade a realidade, compromete o período de latência que, para Freud, é um período de dessexualização. É o que ocorre estruturalmente na neurose histérica. Vários psicanalistas escreveram sobre a grande dificuldade, na histeria, com os processos secundários, o pensamento mais abstrato e lógico. O histérico vê o sexo em tudo. A "epidemia", por identificação histérica, de desmaios de que Freud fala em *Psicologia Coletiva e Análise do Ego*⁶⁰, se dá, como realçam Braunschweig e Fain, justamente em uma escola (internato).

Em *O Ego e o Id*, Freud fala de um processo de dessexualização (o termo é dele mesmo) na dissolução do Complexo de Édipo. Por outro lado, concebe a histeria como uma fixação no Complexo de Édipo e na fase fálica da libido⁶¹. Vemos, então, que uma fixação no Édipo é, ao mesmo tempo, uma não

(58) *Ibid.*, p.239.

(59) Freud: Quelques types de caractère dégagés par le travail psychanalytique in *L'inquiétante étrangeté et autres essais*. Payot, p.146-68.

(60) Freud: Psychologie des foules et analyses du moi in *Essai de psychanalyse*. Payot, p.170.

(61) Freud: *Inhibition, symptôme et angoisse*. PUF, p.34.

dessexualização deste complexo e, conseqüentemente, um período de latência mal estabelecido. Para Braunschweig e Fain não é exatamente assim; mais precisamente, há uma entrada na latência e uma reação ressexualizadora desta, devido a tensão do sentimento de culpa oriundo da castração simbólica do pai, ou, nos termos de *Totem e Tabu*, a culpa oriunda da morte do pai. A "ciência" arqueológica de Norbert de Gradiva, esta "ciência" ressexualizada ilustraria os atropelos do período de latência na histeria.

Poderíamos completar o pensamento de Braunschweig e Fain, levando em conta um objeto sexual privilegiado da histeria: aquele que justamente não deveria ser objeto sexual, mas objeto de relações dessexualizadas - cunhados, médicos, na consulta, psicanalistas, padres e, certamente, o pai mesmo. Se uma mulher histérica consulta um ginecologista, podemos estar certos de que vai pensar que ele a olhou com intenções sexuais. O que é aí insuportável é a própria ciência e, neste caso, de forma ainda mais intensa, pois envolve uma neutralidade diante de partes sexuais.

Concordamos com estes autores, mas pensamos que um processo mais profundo que envolve não somente a culpa mas também e, principalmente, a apreensão do limite temporal da vida está presente, assim como a recusa histérica, que reage por um enxerto de sexualidade. Voltemos ao sonho de exame.

Vamos relacioná-lo a uma espécie de sonho que Freud classificou como de tipo hipócrita⁶². São sonhos do homem realizado na vida, que conseguiu o que queria, mas que sonha que está numa situação do passado, incerto de seu futuro, num trabalho de menor valor. Como os sonhos do escritor Rosegger, nos

(62) Freud: *L'interprétation des rêves*. PUF, p.403.

quais ele é um aprendiz de alfaiate, coisa que de fato ocorreu quando era jovem; como os sonhos do Freud consagrado, nos quais se via trabalhando, como de fato ocorreu, no Instituto de Química, sem sucesso. "Estes sonhos me dão o mesmo mal-estar que os sonhos de exame"⁶³.

Freud aproximou os dois tipos de sonho. De fato, na forma e na tonalidade afetiva, são muito semelhantes. Encontramos a volta a uma situação escolar/profissional menor que contrasta com os sucessos atuais. Ora, este tipo de sonho hipócrita é interpretado por Freud como uma satisfação de desejo de ser mais jovem, encoberta pelos dissabores do começo da vida profissional (daí, o qualificativo "hipócrita"):

*"No conjunto impreciso de um de meus sonhos de laboratório, reencontrei a idade que me levava ao ano mais sombrio e mais desprovido de sucesso de minha carreira médica; eu não tinha ainda uma situação e não sabia como ganhar a vida; ao mesmo tempo veio-me de repente a mente que eu tinha a escolha entre várias mulheres que eu poderia desposar! Eu estava de novo jovem, também a mulher que dividiu comigo estes anos penosos. Por aí, se revelava o móvel inconsciente deste sonho: o desejo de juventude, doloroso e nunca acalmado, do homem que envelhece (...) Dizemos freqüentemente: 'Agora as coisas vão bem; houve maus dias; mas era, apesar de tudo, um bom tempo: éramos jovens'"*⁶⁴

(63) Ibid., p.405; o grifo é nosso.

(64) Ibid., p.407.

Logo abaixo, Freud retoma um sonho anterior do livro (o sonho de Brücke⁶⁵), no qual se vê de volta ao laboratório de Brücke. Aí, não somente nas relações temporais encontramos o tema da morte, mas também, na análise direta do conteúdo:

"Se você deve ir para o túmulo, que seja ao menos um túmulo etrusco. Ele (o sonho) transforma, por meio desta substituição, a perspectiva mais triste numa coisa desejável".⁶⁶

Além da semelhança formal e afetiva entre os dois tipos de sonho, são semelhantes também na relação do sonho manifesto com os pensamentos latentes, pois o sonho de exame é também hipócrita: o indivíduo está angustiado diante de um exame, do qual sabe, **no fundo**, que concluiu com sucesso.

Num momento da análise do sonho de exame, Freud escreve:

"Terminados nossos estudos, não teremos mais castigos a sofrer da parte de nossos pais, de nossos educadores ou de nossos professores; o encadeamento impiedoso dos acontecimentos se encarrega de continuar nossa educação, e nós sonhamos então com o ginásio, ou com a licença - quem mesmo entre os justos não tremeu então? - toda vez que estamos pouco seguros do sucesso: que não agimos bem, que organizamos mal, toda vez que uma responsabilidade nos pesa".⁶⁷

(65) Ibid., p.385.

(66) Ibid., p.387.

(67) Ibid., p.238; grifado por nós.

A construção "o encadeamento impiedoso dos acontecimentos..." não poderia ser aproximada da seguinte passagem de *Futuro de uma Ilusão?*:

*"Os deuses guardam sua tripla tarefa a ser realizada: exorcizar as forças da natureza, nos reconciliar com a crueza do destino, tal como se manifesta em particular na morte e nos aliviar dos sofrimentos e das privações que a vida em comum dos civilizados impõem ao homem".*⁶⁸

A mais sutil deformação do sonho de exame, na intenção de satisfação de desejo, está em trocar o tempo da vida pelo tempo escolar. Em vez de se encarar a vida como ser-para-a-morte, ela é vista como uma seqüência de etapas escolares: primário, secundário, curso universitário etc. Se sonhamos que estamos em classes anteriores e estamos prestes a sermos reprovados, mais anos escolares teremos pela frente, mais distante, intangível mesmo, fica o fim da vida.

O último filme de Kurosawa, *Madadaio*, ilustra isto muito bem. Ex-colegas de escola se reúnem todos os anos com um antigo professor. A justificativa está em sua grande sabedoria. No entanto, nas reuniões, jamais é questão desta sabedoria. Só bebedeiras e farras. O professor bebe de uma só vez uma jarra de forte bebida alcoólica, mostrando sua eterna juventude, ao mesmo tempo em que brinca que está velho e pode ser seu último ano (*Madadaio* significa "ainda não"). A brincadeira acaba quando o professor entra numa melancolia profunda porque - para incompreensão de todos - seu gato teria morrido. Verdadeiro animal totêmico que traz a consciência da morte.

(68) Freud: *L'avenir d'une illusion*. PUF, p.25; grifado por nós.

(69) O desmaio histérico é também uma identificação com um morto.

Em *Moisés e o Monoteísmo*, Freud procurou demonstrar, por meio de um encadeamento causal de suposições, que Moisés era de origem egípcia e que foi, depois de ter ensinado aos judeus a religião monoteísta de Amenhotep IV, assassinado por este mesmo povo, para, em seguida, após um tempo de latência, ser finalmente elevado a divindade enquanto Jeová. O assassinato de Moisés, a latência e sua divinização reproduziriam o assassinato, que caíra no esquecimento, do pai da horda primária e sua transformação em totem. No entanto, uma suposição, que a nosso ver tem o mesmo caráter de verossimilhança das suposições de Freud, a qual se chega com facilidade, Freud não a incluiu no seu encadeamento causal: que os judeus poderiam ter assassinado Moisés pelo mesmo motivo que Freud supõe os egípcios destruíram o breve reinado de Amenhotep IV: sua religião queria banir entre os egípcios a crença na vida após a morte, aquilo que era a razão de ser da religião deste povo até então. Os judeus poderiam, após a latência, quando então assimilaram a palavra de Moisés, ter substituído, em compensação, a continuidade da vida após a morte pela continuidade do povo através das gerações. O totem (o gato do filme de Kurosawa) ou a divindade única, a segunda tendo sido Moisés, depois do deus de Amenhotep IV, é o pai morto que revela a mortalidade aos filhos, apesar do obscurecimento pela dramaticidade do assassinato e pela culpa subsequente (como o pai de Dostoievski).

É comum o medo de branco nos exames, nos testes orais, que inclui o medo da voz não sair. Para Braunschweig e Fain, trata-se de uma invasão na vida diurna do sonho de exame. Por outro lado, o sintoma de afonia (nos seus vários graus) é, parece-nos, ao lado da sensação de constrição na garganta, o "*bolo hístico*" - que como veremos tem relação com a afonia -, o sintoma mais comum

de conversão. Ora, Freud diz, como vimos (p.132), que o mutismo é um símbolo da morte.

Uma conhecida nossa, que assistiu só a morte de um parente, nos disse: "*Sabe o que é morrer, é o silêncio, não ouvi mais nada dele, nenhum ruído de respiração, de nada*". Talvez, o símbolo tenha sua origem nesta experiência.

Fazemos um minuto de silêncio em solidariedade a alguém que morreu. Trata-se de uma identificação ritual com o morto.

Na neurose histérica, esta identificação aparece, porque recusada, como sintoma da perda da voz⁶⁹. O "bolo histérico" (mas também é o caso da tosse de Dora) é classicamente interpretado como fantasia de felação⁷⁰. No local mesmo em que a morte é representada, pela afonia, há uma erotização, o bolo histérico, que procura tudo inverter.

Foi no artigo *O Motivo da Escolha dos Cofres*, que Freud escreveu, pela primeira vez, que o silêncio, assim como o fato de encontrar-se escondido, simbolizam a morte. O tema central do artigo é a análise do *Rei Lear* de Shakespeare, onde o rei divide suas posses entre as três filhas, das quais, a última, a silenciosa, com quem Lear se desentende, representaria sua morte, que quer recusar. Em apoio de seu pensamento, Freud recorre a contos de fadas dos irmãos Grimm. São eles: *Os Doze Irmãos*, *Os Seis Irmãos Cisnes*, *A Guardadora de Gansos na Fonte* e *Gata Borralheira*. Com os dois últimos, Freud tem a intenção de identificar a terceira filha, a mais nova, com a morte, como ocorre em *Rei Lear* (Já falamos, no capítulo II da tese, deste conto exemplar que é *Gata Borralheira*. Em particular, sua passagem pela sujeira, classe social baixa, a pomba e a descoberta

(70) Otto Fenichel, *Teoria Psicanalítica das Neuroses*. Livraria Atheneu, p.213.

do erotismo vaginal. Acrescentamos agora seu contato com a morte - que ela não recusa como ocorre na histeria -, não apenas pelo que Freud diz, a terceira filha, mas também por seu luto da mãe; todo dia ela derramava lágrimas de tristeza, junto ao túmulo de sua mãe).

Com os dois primeiros contos, Freud ilustra a relação simbólica do mutismo com a morte. Conta ao leitor como é o conto *Os Doze Irmãos*. Retomamos suas palavras porque o conto não é dos mais conhecidos e porque queremos mostrar que uma parte que Freud não relatou é fortemente significativa da relação da menstruação com a morte.

"Um rei e uma rainha tinham doze filhos, todos meninos. Então o rei disse: 'Se a décima terceira criança for uma menina, os meninos deverão morrer'. Na espera deste nascimento, ele mandou fazer doze caixões de defunto. Os doze filhos refugiaram-se, com a ajuda de sua mãe, numa floresta retirada e juraram matar todas as meninas que encontrassem.

Nasceu uma menina, que cresceu e que ficou sabendo um dia de sua mãe, que ela tinha doze irmãos. Ela decidiu procurá-los e encontrou na floresta o mais novo, que a reconheceu, mas quis escondê-la, por causa do juramento de seus irmãos. A irmã diz: 'Quero morrer se com isto posso salvar meus irmãos'. Mas os irmãos acolheram-na com cordialidade; ela fica com eles e ocupa-se da casa.

Num pequeno jardim perto da casa cresceram doze flores de lis; a mocinha colhe-as para oferecer uma a cada irmão. Neste instante, os irmãos são transformados em corvos e desaparecem com a casa e o jardim. Os

corvos são pássaros-alma, o assassinato dos doze irmãos por sua irmã é novamente representado pela colheita das flores, da mesma forma que, no início, pelos caixões de defunto e o desaparecimento dos irmãos. A mocinha que quer salvar seus irmãos da morte, fica sabendo agora que deverá, para consegui-lo, ficar muda durante sete anos, não pronunciar nenhuma palavra. Ela submete-se a esta prova, pela qual coloca-se a si mesmo em perigo de morte, quer dizer que ela morre por seus irmãos, como ela desejou antes de encontrá-los. Mantendo o mutismo, ela conseguiu liberar os corvos".⁷¹

A parte que dissemos que Freud não relatou, é conforme os irmãos

Grimm:

"(Com a intenção de salvar seus filhos, a mãe diz ao caçula): você e teus onze irmãos vão embora, na floresta, e em cima de uma árvore, a mais alta que se possa encontrar, que sempre um de vocês esteja instalado para observar, aqui, a torre do castelo. Se coloco no mundo um menino, levantarei uma bandeira branca e vocês poderão voltar; se é uma menina, ao contrário, levantarei uma bandeira vermelha e então fujam o mais rápido e o mais longe possível".⁷²

O vermelho, menstruação, como significando a morte. Quando a princesa colhe as flores **brancas** de lis - o que significa o fim de sua infância - seus irmãos morrem.

O número doze, neste conto, poderia significar a idade do começo da menstruação. O conto *Seis Irmãos Cisnes*, também lembrado por Freud, é, como

(71) Freud: *Le motif du choix des coffrets* in *L'inquiétante étrangeté et autres essais*. Folio, p.72-3.

(72) J. e W.Grimm: *Les contes*, Vol. II. Gallimard, p.61-2.

ele diz, praticamente idêntico a *Os Doze Irmãos*. Encontramos aí uma solução diferente: a irmã deve permanecer seis anos muda (em vez dos sete anos de *Os Doze Irmãos*) que "somados" aos seis, número de irmãos, resulta doze.

Em *Bela Adormecida* - que no livro dos irmãos Grimm vem imediatamente após *Seis Irmãos Cisnes* - o número doze tem nitidamente o significado da idade do começo da menstruação. O rei e a rainha, depois de muito desejarem, tiveram finalmente um filho, uma menina. Em seu contentamento, o rei promoveu uma festa, para a qual quis também convidar as fadas. Eram treze as fadas, mas como no reino só haviam doze talheres de ouro, o rei deixou de convidar uma delas. Na festa, cada uma ia pronunciar um voto, que se realizaria, à recém-nascida. Era a vez da décima-primeira:

"A décima-primeira tinha acabado de pronunciar seu encantamento, quando bruscamente entrou a décima-terceira: aquela que não tinha sido convidada e que queria vingar-se. Sem uma saudação, nem apenas um olhar para alguém, lançou a alta voz sobre o berço, esta palavra: 'A princesa, quando ela tiver quinze anos, se picará com uma agulha e cairá morta'. Sem dizer mais nada, voltou-se e deixou o quarto. No pavor geral, a décima-segunda fada, que devia pronunciar ainda seu voto, avançou até o berço; ela não podia anular a maldição, mas podia atenuar os efeitos; ela pronunciou: 'Não será na morte que entrará a princesa, mas num sono profundo de cem anos'".⁷³

O sono profundo, equivalente amenizado da morte, começa com uma picada que sangra...

(73) Ibid., p.289.

Um estado semelhante, próximo à morte, encontramos em Branca de Neve - ela fica num caixão de vidro - após comer a maçã, símbolo da menstruação.

O vampiro é o monstro mítico mais presente em nossa cultura. A partir de *Drácula*, de Bram Stoker, a imagem do vampiro sugando o sangue do pescoço da bela, tornou-se um equivalente do coito. O clássico deslocamento histórico de baixo para cima, aí se encontra. O sangue menstrual, que deu nos símbolos do amor (capítulo II, p.86), encontra-se não na vagina, mas na garganta (região do silêncio). O sensualismo da mordida do vampiro é dado ainda pela transgressão na qual o sangue substitui o leite - o vermelho substitui o branco - já que o vampiro não deixa de lembrar remotamente alguém mamando.

A representação da morte contida na menstruação é mostrada porque o vampiro mata. Mas isto só ocorre no primeiro momento (como no sintoma histórico), pois no segundo, a vítima ganha a imortalidade. E tudo isto tendo como centro a garganta.

Nicole Loraux, especialista em filosofia grega, no artigo *Du Chatiment dans la Cité*⁷⁴, relata-nos que, na Grécia Antiga, a morte por estrangulamento ou enforcamento era desonrosa para a vítima. Era uma desonra porque era feminina: "*ánkhone*" (estrangulamento) é antes de tudo uma morte feminina⁷⁵. "*Vamos ao essencial: morrer com o pescoço no laço é não derramar sangue*"⁷⁶. Como os gregos foram assimilar o estrangulamento ou enforcamento a uma morte de tipo feminina? Conforme a autora, isto vinha de uma crença sobre a fisiologia feminina que a escola médica de Hipócrates endossa. Para entendê-la, devemos antes saber

(74) N.Loraux: *Du chatiment dans la cité*. Ecole Française de Rome, 1984, p.195.

(75) *Ibid.*, p.211.

(76) *Ibid.*, p.213.

que os gregos, desconhecendo que o enforcamento rompe a medula, não o diferenciavam do estrangulamento. A morte era em ambos os casos por asfixia. Na asfixia, por sua vez, o essencial não está em não se poder respirar, mas sim em que o indivíduo, num princípio fisiológico geral, fica "fechado" . Ora, esta morte por fechamento pode ocorrer naturalmente nas mulheres. Cito Nicole Loraux:

"É aqui que, sem muita surpresa, reencontramos no discurso a temática do estrangulamento para caracterizar estes estados perigosos nos quais, no corpo das mulheres, o sangue se sufoca. Por exemplo, uma moça não casada ainda, na ocasião da primeira menstruação. A coisa, parece, não poderia dar muito certo. 'Pois, neste momento, o sangue vai até a matriz para escoar-se para fora... E, quando o orifício da saída (stoma) não está aberto, (...) então o sangue, não tendo nenhuma saída, se elança, por causa de sua quantidade, sobre o coração e o diafragma'. Segue-se a loucura, a inflamação aguda, e o desejo de ánkhoné (se enforçar), por causa da pressão em torno do coração. E, de fato, pouco falta para que a paciente não se estrangule; então, é necessário rapidamente casá-la: nada mais entavando o escoamento do sangue, ela ficará livre da doença. No corpus hipocrático nenhum texto diz melhor os males da pressão do sangue no corpo feminino do que As doenças das moças: as virgens, é verdade, são particularmente levadas a se enforcarem porque, nelas, o sangue enlouquece e se estrangula. Mas, de um modo geral, no discurso médico, o desejo de ánkhoné é feminino porque a natureza das mulheres quer que, na matriz, o sangue mais de uma vez se estrangule. Sufocada em baixo, a mulher procura uma saída no alto enforcando-se. Acontece também que colocando uma corda em seu pescoço, ela se contenta de obedecer às solicitações de sua matriz errante, que subiu para o alto

do corpo como a procura de um último sufocamento. Estranha lógica esta de um corpo duas vezes voltado a se estrangular, em baixo e em cima; mais exatamente diremos que o sufocamento de cima repete o de baixo, pois sempre o enforcamento ou o desejo de morte responde a um sufocamento da matriz (o qual, muitas vezes, basta para matar o doente)".⁷⁷

Este deslocamento de baixo para cima do sangue era uma doença feminina que a escola de Hipócrates denominava justamente **histeria**. O tratamento inicial da histeria por Freud seguia o método catártico (de *catharsis*, grego) - purgação de afetos retidos -, N. Loraux nos informa que "nos escritos hipocráticos e em Aristóteles a menstruação é também denominada como catharsis".⁷⁸

(77) Ibid., p.216-7.

(78) Ibid., p.216.

SÍNTESE SOBRE A HISTERIA

Na base da formação de sintomas na histeria, encontramos uma reação defensiva contra o limite temporal da vida por erotização. Geralmente desencadeados pela morte de pessoas próximas, mas também diante do "mensageiro" da morte que é a menstruação. Os distúrbios da menstruação são regra na histeria, assim como a frigidez vaginal, que está relacionada com a não aceitação da menstruação.

A fixação edipiana clássica da estrutura histérica - e não ainda a histeria mórbida - faz parte desta reação defensiva, como que preventivamente. Pois, é mais correto, na histeria, considerarmos que a dissolução do Complexo de Édipo tenha se iniciado e que, a partir de um certo momento, tenha havido um recuo diante da dissolução do Édipo, porque, com a dissolução, o indivíduo se veria lançado na perspectiva temporal da vida; o Édipo é então reinvestido. Nesta nova forma, ele passa a incluir a necessidade de insuflar vida ao pai através do erotismo: se o pai está vivo - ele mesmo, ou, por meio de transferências, seus substitutos (neste caso, as transferências querem **eternizar** o pai) - com mais razão está o filho, pois geralmente os pais morrem antes dos filhos. Desta maneira, a histeria consegue uma atemporalidade, na qual sempre se pode, em princípio, fazer algum dia aquilo que não foi feito antes. A morte fica longínqua, intangível mesmo.

Que o investimento libidinal histérico recaia com maior intensidade no pai não se deve, como nos parece, a que, antes que a dissolução do Édipo começasse, este fosse o maior investimento, comparado àquele dirigido à mãe, mas sim, deve-se a que, em nossa cultura, é o nome do pai (seu sobrenome) que designa a seqüência das gerações, a árvore genealógica, que indica que depois de

um vem outro e assim por diante; aquilo que a histeria não quer aceitar. O nome do pai não deve ser encarado formalmente, como se fosse um assunto de cartório; em seu conteúdo profundo condensa, de um lado, um poder maior de garantir vida ao filho e, de outro, indica, ao lembrar as gerações, o limite temporal deste poder (o uso que fizemos de "nome do pai" está dentro de uma perspectiva diferente daquela de Lacan).

A neurose histérica propriamente dita aparece normalmente quando a realidade da morte é suficientemente insistente para abalar a recusa da morte da estrutura histérica pré-mórbida.

O sintoma histérico da mulher é mais freqüentemente a conversão. O corpo é privilegiado. No homem, em razão de sua inserção, em nossa cultura, no mundo do trabalho e da realização profissional - como vimos no capítulo II -, o sintoma histérico tende a se manifestar mais como "neurose de fracasso". O sucesso deixaria o pai para trás, lançando o filho no tempo.

Para que a dissolução do Édipo se efetive, ainda que não totalmente, para que haja lugar para um objeto não edipiano, é necessário que se assimile a temporalidade da vida, senão há um recuo ao Édipo. A menstruação condensa e coordena os significados de morte e abertura erótica não edipiana. Seu significado não edipiano provém de suas ligações com a fase anal não retentiva (capítulo II), esta que encontra o estrangeiro, para além do familiar. Lou Andreas-Salomé vê já **na matéria fecal** um significado de morte:

"Face a imagem clássica do 'sujo', face a esta metáfora objetiva, a inocência subjetiva do ser humano que vive se faz tão profunda como diante da morte: quer dizer, diante

deste acontecimento comum a todos, inevitável, que não é 'vivido' por ninguém e que dissolve cada um naquilo que 'ele' não é - no eternamente estrangeiro, a não-vida, o orgânico -, a matéria do anal".⁷⁹

Aqui, a morte equaciona-se com resina que é não-eu e ninguém. A equiparação pareceu-nos, lendo Lou Andreas-Salomé, de pura analogia. Ao passo que, em relação à menstruação, além do material clínico que apresentamos, a morte revela-se com mais precisão, em razão da relação da menstruação com tempos da vida e, acrescentamos agora, a atestação de que nenhuma vida foi concebida, a mulher não está grávida.

Por caminhos diferentes dos nossos, Georges Bataille equiparou, igual a Lou Andreas-Salomé, a matéria fecal à morte, mas também a menstruação. A morte, segundo ele, se revelaria com maior precisão na **decomposição** do cadáver, sendo o sepultamento uma defesa contra esta verdade.

"O horror que temos dos cadáveres é vizinho do sentimento que temos diante das dejeções de origem humana. Esta aproximação tem tanto mais sentido em razão do horror análogo dos aspectos da sexualidade que qualificamos de obscenos. Os condutos sexuais evacuam dejeções; nós os qualificamos de 'partes vergonhosas' e nós lhes associamos o orifício anal (...) Nossas matérias fecais não são objeto de um interdito formulado por regras sociais meticulosas, análogas àquelas que dizem respeito ao cadáver ou ao sangue menstrual. Mas, no conjunto, por deslocamentos, um

(79) L.Andreas-Salomé: Anal et Sexuel in *L'amour du narcissisme*. Gallimard, p.101.

domínio da imundice, da corrupção e da sexualidade, formou-se, cujas conexões são muito sensíveis".⁸⁰

O mecanismo de defesa da histeria contra o limite temporal da vida parece-nos mais próximo da recusa de realidade (porque o limite temporal da vida é uma realidade e não uma pulsão ou um desejo) e a conseqüente clivagem do ego. Uma parte do ego não considera a existência da morte, uma outra leva-a em conta de uma forma adaptativa e superficial. Na última formulação de Freud sobre o mecanismo de recusa combinado à divisão do ego, em *Esboço de Psicanálise*, de 1938, ele estende estas defesas para além da psicose e do fetichismo:

"O ponto de vista segundo o qual em todas as psicoses deve-se postular uma clivagem do ego não mereceria tal importância se não se confirmasse também em outros estados mais próximos das neuroses e, finalmente, também nestas últimas".⁸¹

Na psicose, a atitude do ego de recusa da realidade é mais forte do que aquela que a aceita:

"A recusa sempre se completa por uma aceitação; sempre se estabelecem duas posições antagônicas e mutuamente independentes, que dão por resultado a clivagem do ego. O desenlace depende, uma vez mais, de qual das duas posições consegue alcançar maior intensidade".⁸²

(80) G.Bataille: *L'erotisme*. Les Editions de Minuit, p.65.

(81) Freud: *Compendio del Psicoanálisis*. Obras Completas, Biblioteca Nueva, p.3415.

(82) *Ibid.*, p.3416-7.

Se quisermos permanecer fiéis, neste ponto, ao pensamento freudiano, diríamos que na histeria a recusa de realidade é restrita à morte e menos intensa do que as recusas de realidades na psicose.

A QUESTÃO DA REPRESENTATIVIDADE DA MORTE EM FREUD

A posição, pode-se dizer oficial, de Freud é de que, no inconsciente, não existe a representação da morte e de que a angústia de morte é derivada da angústia de castração. Vejamos a este respeito algumas passagens de Freud. Em *Inibição, Sintoma e Angústia*, encontramos:

"Mas no inconsciente não existe nada que possa dar um conteúdo a nosso conceito de destruição. Podemos dizer que a experiência cotidiana da separação do conteúdo intestinal e a perda do seio materno, experimentada na ocasião do desmame, permitem dar alguma idéia da castração, mas jamais uma experiência semelhante a morte foi vivida, ou então, ela não deixou, como no caso do desmaio, nenhum traço assimilável".⁸³

Em *O Ego e o Id*:

"Sobre a base destas considerações, a angústia de morte, como a angústia de consciência, pode ser considerada como elaboração da angústia de castração".⁸⁴

Já falamos de quão problemática é a concepção de Freud de que a angústia de morte vem da angústia de castração, pois ele mesmo diz que a mulher não tem angústia de castração - e, portanto, não poderia ter a de morte. Eliminada a

(83) Freud: *Inhibition, symptôme et angoisse*. PUF, p.52.

(84) Freud: *Le moi et le ça in Essais de psychanalyse*. Payot, p.274.

relação com a castração resta discutirmos a questão da não representatividade inconsciente da morte.

É óbvio que não poderíamos ter uma representação pontual da morte porque, quando fossemos tê-la, já não estaríamos representando nada. Nem poderíamos ter uma representação pontual de algo semelhante à morte, que seria dado no desmaio, por falta neste estado de atividade mental. *A fortiori* não poderíamos transmitir hereditariamente - se levamos em conta esta possibilidade freudiana - a representação da morte.

No entanto, Freud diz existirem símbolos da morte: o mutismo, estar escondido, viajar. Estes símbolos, devido à sua universalidade, só podem ser inconscientes: fazem parte, em Freud, de um língua arcaica, esquecida⁸⁵, através da qual o inconsciente pode expressar-se, se bem que este não é o único meio de expressão. Como conciliar este fato com a asserção da não representatividade inconsciente da morte? Somente dizendo que estes símbolos aludem à morte, sem, no entanto, poderem representar plasticamente o essencial que é o nada da morte. Certamente, sob este aspecto, se o nada é o oposto de alguma coisa, "*alguma coisa*" sempre falharia na representação do nada. Desta maneira, voltamos ao ponto inicial.

Se uma representação pontual da morte é um contrasenso, sua representação por inferência realizada pelo ego é possível (somente o ego poderia fazer uma inferência, o id, por suas características, não poderia). É da formulação da morte feita pelo ego que Freud fala em *Considerações Atuais sobre a Guerra e sobre a Morte*.

(85) Freud: *Introduction à la psychanalyse*. Payot, p.151.

O mais importante, todavia, é se saber se a representação egóica tem força afetiva, pois costuma-se entender que o ego não tem fonte afetiva própria, somente empresta do id, das pulsões do id, em última instância.

Pelo menos o afeto de angústia provém do ego:

"Nós admitimos que a angústia se produz exclusivamente no ego e que somente o ego era capaz de criar e de sentir angústia".⁸⁶

Não há nada que contradiga na teoria freudiana que o ego possa reagir com angústia diante de uma representação formada por ele mesmo, por inferência a partir das percepções. Que a representação da morte contenha, portanto, o afeto de angústia.

No inconsciente, além da não representação da morte, somente uma outra coisa não é, para Freud, representada: o sexo da mulher. Neste caso, não se trata de um contrasenso, mas de uma concepção teórica. Vimos que estas duas coisas, a morte e o sexo da mulher, se relacionam. Mais do que o homem, a mulher deixa patente a geração da vida, mas, igualmente, a morte.

X X X

Não podemos deixar de ficar espantados com o fato de que aquilo que mostramos nesta tese encontra-se, embora articulado diferentemente, no sistema

(86) Freud: *Nouvelles conférences sur la psychanalyse*. Gallimard, p.113.

conceitual de Wilhelm Fliess, maior amigo e único que aceitava as idéias de Freud, e mantinha com ele cerrado intercâmbio científico, nos anos difíceis de Freud, do nascimento da psicanálise.

Em Fliess, a menstruação está na origem de tudo; da bissexualidade: em ambos os sexos existiria uma menstruação feminina, com ciclo de vinte e oito dias, e uma masculina, com ciclo de vinte e três dias (a menstruação pode manifestar-se de forma diferente do sangramento); na origem do nascimento, que é uma menstruação; do erotismo; mas também, na origem das doenças e do dia da morte (!) do indivíduo (excluídos acidentes) que ocorrem nos períodos críticos menstruais. A sexualidade teria íntimas conexões anatomo-fisiológicas com o nariz, órgão do olfato, conectado com a menstruação (o que se aproxima daquilo que desenvolvemos no capítulo II). O livro de Fliess tem mesmo como título *As Relações entre o Nariz e os Órgãos Genitais Femininos*.⁸⁷

Delírio de Fliess? Sem dúvida, no que se refere a doenças e morte; no entanto, este delírio tem um "*núcleo de verdade*", como todos os delírios têm, conforme pensa Freud.

Sem que possamos entender as razões, podemos constatar que a noção de bissexualidade freudiana, além das determinações pela passividade e atividade, passa pela polaridade pênis-sem pênis (castrado), cujo referencial é o sexo do homem, o que inverte a concepção de Fliess, cujo referencial, a menstruação, conforme o senso comum, é feminino.

(87) N.Fliess: *Les relations entre le nez et les organes génitaux féminins*. Editions de Seuil.

De certa maneira, Fliess transformou todos em mulher e Freud inverteu, transformando em homens. Com isso, Freud eliminou também a relação com a morte, ponto mais ousado do sistema de Fliess.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAM, K. Esquisse d'une histoire du développement de la libido basée sur la psychanalyse des troubles mentaux. In: *Developpement de la libido*. Payot.
- ANDREAS-SALOMÉ, L. Anal et sexuel. In: *L'amour du narcissisme*. Gallimard.
- BATAILLE, G. *L'erotisme*. Les Editions de Minuit.
- BETTELHEIM, B. *Les blessures symboliques*. Gallimard.
- _____. *Psicanálise dos contos de fadas*. Paz e Terra.
- BION, W.R. *Estudos psicanalíticos revisados*. Imago.
- BRANSCHWEIG, D. et FAIN, M. *Eros et Anteros*. Payot.
- _____. *La nuit, le jour*. PUF.
- CHARCOT, J.M. *Oeuvres complètes*. Paris, Delahaye.
- CHASSENET-SMIRGEL, J. Le changement d'objet. In: *La sexualité féminine*. Payot.
- FAIN, M. (e KREISLER, L; SOULÉ, M.). *A criança e seu corpo*. Zahar.
- _____. Intervention sur le rapport d'Augustin Jeanneau. In: *Revue Française de Psychanalyse*, nº 1, 1986.
- FENICHEL, O. *Teoria psicanalítica das neuroses*. Livraria Atheneu.
- FERENCZI. Psychanalyse des névroses de guerre. In: *Psychanalyse* 3, Payot.

FLIESS, W. *Les relations entre le nez et les organes génitaux féminins*. Editions du Seuil.

FREUD, S. *Etudes sur l'hystérie*. PUF.

_____. *L'interprétation des rêves*. PUF.

_____. Fragment d'une analyse d'hystérie (Dora). In: *Cinq psychanalyses*. PUF.

_____. *Trois essais sur la théorie de la sexualité*. Gallimard.

_____. *Délire et rêves dans la "Gradiva" de Jensen*. Gallimard.

_____. Caractère et erotisme anal. In: *Névrose, psychose et perversion*. PUF.

_____. Considerations générales sur l'attaque hystérique. In: *Névrose, psychose et perversion*. PUF.

_____. Remarques sur un cas de névrose obsessionnelle (L'homme aux rats). In: *Cinq psychanalyses*. PUF.

_____. Remarques psychanalytiques sur l'autobiographie d'un cas de paranoïa: Dementia paranoides (Le président Schreber). In: *Cinq psychanalyses*. PUF.

_____. *Un souvenir d'enfance de Leonard da Vinci*. Gallimard.

_____. Un type particulier de choix d'objet chez l'homme. In: *La vie sexuelle*. PUF.

_____. Sur le plus général des rebaissements de la vie amoureuse. In: *La vie sexuelle*. PUF.

_____. *Totem et Tabou*. Payot.

_____. Le motif du choix des coffrets. In: *L'inquiétante étrangeté et autres aussi*. Folio.

FREUD, S. Pour introduire le narcissisme. In: *La vie sexuelle*. PUF.

_____. Extrait de l'histoire d'une névrose infantile (L'homme aux loups). In: *Cinq psychanalyses*. PUF.

_____. Deuil et mélancolie. In: *Metapsychologie*. Gallimard.

_____. Considérations actuelles sur la guerre et sur la mort. In: *Essais de psychanalyse*. Payot (Nouvelle traduction).

_____. *Introduction à la psychanalyse*. Payot.

_____. Le tabou de la virginité. In: *La vie sexuelle*. PUF.

_____. Au-delà du principe de plaisir. In: *Essais de psychanalyse*. Payot (Nouvelle traduction).

_____. Psychologie des foules et analyse du moi. In: *Essais de psychanalyse*. Payot (Nouvelle traduction).

_____. Une névrose diabolique au XVII^e siècle. In: *L'inquiétante étrangeté et autres essais*. Folio.

_____. Le moi et le ça. In: *Essais de psychanalyse*. Payot (Nouvelle traduction).

_____. L'organisation génitale infantile. In: *La vie sexuelle*. PUF.

_____. Névrose et psychose. In: *Névrose, psychose et perversion*. PUF.

_____. La perte de la réalité dans la névrose et dans la psychose. In: *Névrose, psychose et perversion*. PUF.

_____. La disparition du complexe d'Oedipe. In: *La vie sexuelle*. PUF.

_____. Le problème économique du masochisme. In: *Névrose, psychose et perversion*. PUF.

FREUD, S. *Inhibition, symptôme et angoisse*. PUF.

_____. Quelques conséquences psychiques de la différence anatomique entre les sexes. In: *La vie sexuelle*. PUF.

_____. *L'avenir d'une illusion*. PUF.

_____. *Dostoyevski y el parricidio*. Obras Completas, Tomo III, Biblioteca Nueva.

_____. *Malaise dans la civilisation*. PUF.

_____. Sur la sexualité féminine. In: *La vie sexuelle*. PUF.

_____. *Nouvelles conférences sur la psychanalyse*. Gallimard.

_____. *Moïse et le monothéisme*. Gallimard.

_____. *Analisis terminable e interminable*. Obras Completas, Tomo III, Biblioteca Nueva.

_____. *Compendio del psicoanálisis*. Obras Completas, Tomo III, Biblioteca Nueva.

GRIMM, J. e W. *Les contes*. Gallimard.

JENSEN, W. *Gradiva, una fantasia pompeiana*. Zahar.

LORAU, N. *Du chatiment dans la cité*. Ecole Française de Rome.

MARTY, P. *Les mouvements individuels de vie et de mort*. Payot.

_____. La relation objectale allergique. In: *Revue Française de Psychanalyse*, nº 22, 1958.

_____. *L'ordre psychosomatique*. Payot.

McDOUGALL, J. De l'homosexualité féminine. In: *La sexualité féminine*. Payot.

MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. Perspectiva.

ROHEIM, G. *La panique des dieux*. Payot.

SAMI-ALI. *Le visuel et le tactile*. Dunod.

SPITZ, R. *De la naissance à la parole*. PUF.

STOKER, B. *Dracula*. Marabout.

TOROK, Maria. La signification de "l'envie du pénis" chez la femme. In: *La sexualité féminine*. Payot.

VENTURI, L. *A pintura de Giotto a Chagall*. Editorial Lisboa.

VIGARELLI, G. *O limpo e o sujo*. Editorial Fragmentos Ltda.

WEBER, M. *L'éthique protestante et l'esprit du capitalisme*.

WINNICOTT, D. *O brincar e a realidade*. Imago.

ANEXO

HISTERIA E MORTE NOS PACIENTES DE CHARCOT

Freud assistiu, de outubro de 1885 a fevereiro de 1886, às aulas de Charcot, em Paris, várias delas com apresentação de doentes. Freud admirava-o e considerou-o seu mestre.

Nas obras completas de Charcot¹, de nove volumes, os casos de histeria - quando ainda o objetivo não se restringia praticamente a demonstrar a técnica do hipnotismo - estão concentrados quase todos nos Volumes I e III. Destes dois, no Volume I, Charcot interessa-se mais pela descrição das características dos vários sintomas, oferecendo bem menos do que no Volume III, dados anamnésicos, ao passo que no Volume III, sempre continuando a descrição minuciosa, Charcot oferece, quase sempre, estes dados, notadamente aqueles que considera como a causa da histeria que se instalou.

Nos dois volumes aparecem dados anamnésicos em 36 casos. Podemos agrupar estes casos da seguinte maneira:

A. 23 casos onde o acontecimento que desencadeou a doença foi um acidente no qual o paciente poderia ter perdido a vida. Como no Volume I, há mais casos de mulheres - e os dados históricos são menos levantados do que no Volume III - e, neste, mais homens, a proporção é de 6 mulheres para 17 homens.

(Os 23 casos estão nas páginas 287 e 451 do Volume I, e nas páginas 39, 81, 108, 117, 221, 264, 269, 282, 289, 300, 307, 376, 400, 434, 458 e 484 do Volume III).

(1) Charcot, J.M.: *Oeuvres complètes*. Paris, Delahaye.

B. 7 casos onde o acontecimento que desencadeou a doença foi a morte de um dos pais ou o encontro repentino de um cadáver (1 caso).

(Estão nas páginas 342 e 409 do Volume I e nas páginas 89, 98, 223, 281 (nota), 433 e 491 do Volume III).

C. O caso de uma paciente cuja causa da doença está num aborto (página 500, Volume III).

D. O caso de uma garota de 13 anos e meio (no qual Charcot estende-se bastante), a quem vizinhos atribuíram qualidades de mediunidade. Seus ataques começaram quando ia, pela primeira vez, "*receber um espírito*". Algum tempo depois, dela a seus irmãos ocorreu uma "*epidemia*" histérica (página 226, Volume III). (Casos semelhantes a este, Charcot diz serem comuns).

E. O caso seguinte: o paciente, numa caça, de manhã, matou por engano o cachorro de seu amigo. Lamentaram muito. À tarde, ao matar um coelho, o paciente perdeu a consciência e, quando se recuperou, no dia seguinte, tinha o braço com que atirou paralisado e ficou mudo (página 234, Volume III).

F. O caso de uma moça cujo pai sofria de convulsões epiléticas (página 493, Volume III).

De A a F são 34 casos, dos quais somente o caso E (do caçador) e F (pai-epiléptico), poderiam ser postos em dúvida quanto à presença marcada de uma forma ou de outra da morte no desencadeamento da patologia histérica.

G. Somente dois casos não apresentam nenhuma relação com a morte (estão nas páginas 340 do Volume I, e 104 do Volume III).

A interrupção da menstruação, ou que ela nunca veio, encontra-se praticamente em todos os casos femininos. (Não é sem razão que a escola de Hipócrates via uma relação da histeria com a interrupção da menstruação).

No Volume I e no Volume III, Charcot retira da história dois únicos exemplos de epidemia histérica. Um, a epidemia de São Medard, "*que começou sobre o túmulo do clérigo Páris, morto em 1727...*"². Outro, a procissão dançante "*em torno do túmulo de São Willibrod*"³, observada num esboço de Breugheul, "*evidentemente tomado da realidade*"⁴. "*O desenho faz-nos assistir uma dança de São Gui, de certa maneira atenuada; mas é fácil reconhecer logo que a histeria e a histero-epilepsia aí aparecem...*"⁵

Da mitologia, Charcot retira um único exemplo que é de mutismo histérico: "*do filho de Cresus, dotado de muitas perfeições, diz Heródoto, mas mudo, e que recuperou subitamente a palavra no momento em que um soldado inimigo ia matar seu pai*"⁶. (No mito há uma inversão: é a morte do pai que faz o filho histérico ficar mudo).

(2) Ibid., Vol. I, p.336; o grifo é nosso.

(3) Ibid., Vol. I, p.459; grifado por nós.

(4) Idem.

(5) Idem.

(6) Ibid., p.481-2, Vol. III.